

Cláudio Alex Fagundes da Silva

Indagando o Sentido de Presença e o Sentido da Presença na Educação

Educação: Currículo

PUC/SP
São Paulo
2006

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de **Doutor em Educação: Currículo** sob a orientação do **Prof. Doutor - José Armando Valente**.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dedico esta tese à memória de meu filho Gabriel, que faleceu durante a realização deste doutorado.

Dedico esta tese ao meu filho Rodrigo que nasceu durante a realização deste doutorado.

Dedico esta tese à minha esposa Liliam porque sem ela não haveria o meu doutorado.

Resumo

Esta tese é uma investigação sobre o sentido de presença. Em educação freqüentemente se utiliza o termo "presença" para designar relações educacionais de corpo presente, face-a-face, para designar aproximações meramente físicas.

Aqui eu contesto essa concepção. Na educação dita "presencial" nós observamos que muitas vezes os participantes estão distantes, com o pensamento longe da sala de aula, completamente ausentes do corpo. Já no ciberespaço observa-se o contrário, que embora os participantes estejam fisicamente afastados, os seus pensamentos se integram em aproximações de corações e mentes, que é, talvez, uma aproximação mais importante no contexto educacional do que a própria proximidade física.

Para recolocar a questão da presença investigo a teoria do campo de presença interna de Bergson; a teoria da transcendência de Husserl; a concepção de presença do Outro de Buber; os quatro estados de presença de Gurdjieff; o conceito de intermundo de Merleau-Ponty e o conceito de presença virtual de Lévy. E, mais detalhe, os conceitos de *pre-sença* e de *ser-no-mundo* de Martin Heidegger.

Incluindo o sentido de presença no ciberespaço, conto a história da minha presença nesse mundo virtual, através de minhas vivências educacionais e culturais na Internet.

Chego à conclusão que o corpo físico presente não garante a presença do ser. E a presença se efetiva não só com a presença física, mas também em relações cibernéticas e outras formas de interação humana.

Assim sendo, nesta tese, chego a um novo sentido da palavra presença.

Abstract

This thesis is an investigation concerning the meaning of presence. In Education, the term "presence" is often used to nominate physical presence, face-to-face educational relationships, to designate purely physical nearness.

Here, I contest this conception. In the so-called "presence" education, we notice that the participants are frequently distant, miles away from the classroom, completely absent from the body. However, in cyberspace one notices the opposite. In spite of the participants being physically absent, their thoughts integrate a heart and mind approach, which is maybe a more significant approach in the educational context than the physical proximity itself.

In order to restate the question of presence, I investigate Bergson's theory of internal field presence; Husserl's theory of transcendence; Gurdjieff's the four states of presence; Merleau-Ponty's concept of interworld; and Lévy's concept of virtual presence. And in detail, Martin Heidegger's concepts of pre-sence (dasein) and of be-in-the-world.

Including cyberspace's sense of presence, I tell the story of my experience at this virtual world, throughout my Internet's educational and cultural's experiences.

I reach the conclusion that the presence of the physical body is not a guarantee of the being's presence. And the presence is achieved not only with the physical presence but also in cybernetics relationships and other forms of interaction.

Thus, in this thesis, I come to a new meaning of the world presence.

Agradecimentos

Queria fazer alguns agradecimentos a pessoas que foram importantes na conclusão desta tese.

Queria agradecer ao meu orientador, José Armando Valente, pela a oportunidade de levar adiante uma idéia arrojada e inédita. Uma experiência em que muitas vezes me senti "sem chão". O Professor Valente me ajudou demais a levar este trabalho a termo. Obrigado, Professor, por agüentar as emoções que afloraram durante este trabalho.

Quero agradecer à Professora Ivani por ter me encorajado a levar adiante esse tema com carinho e acolhimento. Nas aulas da Professora Ivani foi que vislumbrei este tudo e com sua imensa vivência metodológica ela me ajudou a dar forma ao conteúdo que inicialmente me pareceu disperso.

Agradeço também à Professora Maria Cândida, que me incentivou com todo o seu conhecimento e o exemplo de eterna estudiosa e investigadora que é. Cândida teve paciência de me explicar conceitos que desconhecia e me apontou leituras que jamais teria acesso se ela não me tivesse indicado.

Vou agradecer também à Professora Ecleide Furlaneto por sua serenidade e profundidade e que me ajudou sobremaneira a ter confiança no meu trabalho.

Agradeço à Professora Maria Alzira por ter sido amiga e encorajadora e, sobretudo, simplificadora, quando eu imaginava adentrar em um terreno pantanoso.

Eu estou imensamente feliz com os professores que aceitaram a ser a minha banca de defesa e toparam comigo este desafio.

Queria agradecer também ao GEPI — Grupo de Estudos e Pesquisas de Interdisciplinaridade — da PUC-SP que me acolheu e deu energia em busca da transcendência.

E, finalmente, aos meus amigos da rede Multiply, que me ajudaram debatendo e aprofundando assuntos que me ajudaram a construir esta tese.

Agradeço também à Carla Semo por ter traduzido o Abstract para o inglês.

Muito obrigado a todos! Esta tese é de vocês também!

Sumário

Resumo	3
Abstract	4
Agradecimentos	5
Sumário	7
Introdução	9
Capítulo 1 — O Problema	12
Capítulo 2 — Objetivo	24
Capítulo 3 — Metodologia	26
Título 1: O Sentido de Presença	30
Parte 1: Revisão de Literatura Conceitos	31
Capítulo 4 — O Conceito Vulgar de Presença	33
Capítulo 5 — O Conceito Filosófico de Presença.....	39
Capítulo 6 — Bergson: Presença e Campo Transcendental	43
Capítulo 7 — Husserl: Eu Psicológico e Eu Transcendental	49
Capítulo 8 — Gurdjieff: Consciência de Si.....	53
Capítulo 9 — Buber: Eu e Tu	58
Capítulo 10 — Merleau-Ponty: O Intermundo.....	63
Capítulo 11 — Lévy: Virtualidade e Presença	69
Parte 2: Ser e Tempo	74
Capítulo 12 — Introdução a Ser e Tempo	76
Capítulo 13 — Fenomenologia do Ser	78
Capítulo 14 — Pre-sença.....	90
Capítulo 15 — Analítica da Pre-sença.....	95
Capítulo 16 — Ser-no-Mundo	102
Título 2: O Sentido da Presença	112
Parte 3: Presença no Ciberespaço.....	113
Capítulo 17 — Antecedentes: o Computador.....	115
Capítulo 18 — Ingressando no Mundo Virtual como Presença.....	120
Capítulo 19 — Constituindo Presença no Ciberespaço.....	126

Capítulo 20 — Consolidando Presença no Ciberespaço — Os Projetos	132
Capítulo 21 — Presença em Formas Educacionais Híbridas.....	139
Capítulo 22 — Presença em Educação a Distância na ENCE.....	144
Capítulo 23 — O Ponto-Futuro	147
Capítulo 24 — Conclusões da Parte 3.....	163
Parte 4: Uma Nova Concepção de Presença.....	165
Capítulo 25 — Espírito e Presença Interna.	166
Capítulo 26 — Presença, Intencionalidade e Transcendência.	175
Capítulo 27 — Presença e Consciência de Si.	182
Capítulo 28 — A Presença do Outro.....	189
Capítulo 29 — Presença e Intermundo.	195
Capítulo 30 — Presença Virtual	201
Conclusão.....	206
Referências Bibliográficas	209

Introdução

Capítulo 1 — O Problema

Capítulo 2 — Objetivo

Capítulo 3 — Metodologia

Introdução

Para ajudar o leitor a navegar por esta tese eu apresento aqui a guisa de Introdução uma explicação sobre a sua estrutura.

Esta tese está dividida em dois títulos:

- **Título 1 — O Sentido de Presença.**
- **Título 2 — O Sentido da Presença.**

No **Título 1** eu realizo um estudo teórico do **sentido de presença** através de uma leitura pessoal da concepção presença de alguns autores escolhidos. Trata-se de observar o sentido através de diferentes olhares. Compõem o **Título 1** duas partes. A **Parte 1 — Revisão de Literatura e Conceitos** — eu coloco o conceito vulgar e o conceito filosófico de presença seguido da minha leitura desses autores que se aprofundam no tema. Na **Parte 2 — Ser e Tempo** — eu coloco o meu foco sobre a concepção de presença de Martin Heidegger, que é o sentido com o qual eu mais me identifico. No **Capítulo 13**, incluído na Parte 2, está uma descrição da fenomenologia ontológica, que é a metodologia que utilizo no desenvolvimento desta investigação.

No **Título 2 — O Sentido da Presença** — eu discorro sobre minha própria vivência na educação, seja no ciberespaço seja face-a-face. Compõem esse título a **Parte 3** e a **Parte 4**. Na **Parte 3 — Presença no Ciberespaço** — eu conto a minha própria presença nesse mundo e minhas ações e atuações nesse mundo. Relato, além de experiências educacionais, o meu processo de inclusão digital e a minha aprendizagem e formação de ser no ciberespaço. Na **Parte 4 — Uma Nova Concepção de Presença** — eu utilizo de minha formação cultural e a concepção de presença de Heidegger para conversar com os outros autores. Utilizo de peças de literatura, cenas de filmes, letras de canções populares para fazer metáforas na construção de uma nova concepção de presença.

Na **Conclusão** deste trabalho eu recoloco a questão da presença para que seja vista por outros olhares.

Complementando esta Introdução, eu apresento, a seguir, uma descrição do problema. São cenas de minha própria vivência educacional, enriquecidas com reflexões pessoais.

Logo em seguida descrevo os objetivos desta investigação e uma síntese metodológica e de como se realizou a investigação que ora apresento aos pesquisadores e investigadores de Educação e outras áreas com relações interdisciplinares.

Capítulo 1 — O Problema

Cena 1 — Agosto de 1991

O professor entra em sala. Após muitas experiências como docente em treinamentos, cursos técnicos e exposições para usuários é a primeira vez que ingressa numa sala de aula de ensino formal de graduação. O curso é Bacharelado em Estatística. A disciplina é meio fora de contexto: "Pesquisa e Análise de Mercado", num curso tradicional do IBGE, que deveria formar alunos, especificamente, para trabalhar nos quadros do órgão. O professor domina o conteúdo. Acaba de sair de uma longa lista de créditos de um mestrado em Administração, voltado essencialmente para atuar no mercado de empresas: está essencialmente atualizado com as práticas mais atuais do assunto que inspira o nome da disciplina.

Entra exatamente no horário: 18:25. A sala está vazia. O professor dirige-se à cátedra, uma mesa antiga, em cima de uma antiga plataforma 20 cm elevada do chão. Senta-se à mesa. Observa a pasta de elástico recém recebida da Secretaria Acadêmica. Abre a pasta. Dentro uma ficha verde vazia. Depois descobre que é para escrever ali o que foi dado na aula. Junto, uma listagem de computador, daquelas antigas, listada de azul, e o nome de sete alunos. À direita no nome uma série de quadrículas. Ali, deduzi, é para marcar a "presença" dos alunos. Um xérox informa o que o antigo professor, aposentado, ministrava na cadeira. "É isso que eles ensinam aqui!". Assim, lhe é apresentado o currículo do curso. Algo, que era costumeiramente repetido há mais de 20 anos. Olha a bibliografia: livros da década de 50. "Que vou fazer com isso? Eu nunca ouvi sequer falar em tal literatura!".

Examina a sala. Cerca de 50 carteiras dispostas em 7 ou 8 filas de 15. Sete alunos, 120 carteiras. Um quadro-negro, uma lousa, ao longo da largura inteira da sala. Recentemente depositados no aparador de poeira, três peças de giz branco.

18:30. Nenhum aluno. "Uai! Onde estão 'esses caras'?" Esquecendo que na lista havia 5 moças e apenas 2 rapazes. 18:45. Alguém abre a porta, olha e torna a fechar a porta, sem nada dizer. O professor permanece sentado, esperando, pensando. "Será que eu estou na sala certa?" Estava. Havia conferido várias vezes antes de entrar.

18:50. Chega uma moça, cheia de listagens azuis, anotações, fichário, alguns livros... volumes desproporcionais para uma figura de 1,50 m de altura. Ela vai sentar em uma das carteiras da última fileira colada à parede oposta à lousa à maior distância possível do professor. Deposita todos os volumes que carrega na carteira em frente e retira um bloco de formulário contínuo e começa a examinar. Muda. Sequer olha para o professor.

18:55. Chegam mais duas moças. As características físicas pouco importam. O que é comum é a quantidade de volumes que carregam e o comportamento semelhante. Vão sentar-se, lado a lado, na mesma última fileira. Depositam os volumes e começam a falar baixinho, em tom de segredo.

19:00 hs. O professor resolve romper o silêncio. Com um olhar de 'Que saco!' as três alunas resolvem interromper o que faziam e olhar para o professor. "Olá, eu sou o novo professor de 'Pesquisa e Análise de Mercado. Estou aqui substituindo o Professor Fulano que se aposentou." Silêncio. "Vocês sabem onde estão os demais colegas?". "Ah, Professor! Estou chegando do Centro agora, o trânsito está um caos! Devem estar presos por aí!". Diz uma delas. "Eu vi, Fulana na Secretaria, parece que está com um problema de duas cadeiras no mesmo horário!".

19:10. Chega uma aluna que ao contrário das outras diz 'Boa Noite!' Vai até o fundo da sala, deposita os volumes, na frente de uma carteira vazia, da última fileira. Esgueira-se entre as demais carteiras entre a última fileira, uma a uma, com um leve sorriso e dirige-se ao professor. "Professor, meu nome é Sicrana e estou com um problema seriiiiíssimo! Preciso conversar com o Senhor!" O olhar é de quem testa e tenta seduzir simultaneamente. Ela expõe o seu problema. É a tal que quer fazer duas disciplinas no mesmo horário. "Senão perderei 6 meses da minha vida! Eu preciso que o Senhor me libere da 'presença!'". O professor pensa: "Como será isso?" Responde. "Eu terei que examinar o seu caso de acordo com as normas da Escola." Ela vira-se, numa rabanada, sem dizer nada e esgueira-se de volta, entre as carteiras.

19:20. Ninguém mais chegou. Estão as quatro alunas, agora conversando animadamente, rindo, contando histórias. Sentadas grudadas à parede. O professor para elas parece não existir. Uma se levantou e sentou-se de costas para o professor.

19:30. O professor levanta-se. E diz. "Muito bem! Eu tinha outros planos para hoje, mas como quase metade da classe não está aqui! Eu vou falar apenas para vocês uma coisa que quero que transmitam aos demais colegas. Eu tenho aqui uma lista mágica com o nome de vocês e um lugar para marcar se as pessoas estiveram ou não em sala de aula nos dias programados para a nossa aula. Eu gostaria de dizer que quem não estiver aqui na hora marcada, com tolerância de 5 minutos, não ganhará a tal 'presença'. Eu gostaria que vocês transmitissem esse meu recado para os demais alunos inscritos nesta disciplina e que isso valerá a partir da próxima aula. Vamos então à chamada!"

19:45. Chamada feita! Todos levantaram e começaram a se preparar para ir embora. O professor diz: "Ah sim! Quem responder a chamada e desaparecer por aquela porta... terá sua presença

anulada. Quem chegar atrasado, terá apenas meia-presença. Estamos conversados?" Silêncio. "OK! Agora podem ir. Faltam 10 minutos para acabar o tempo da aula mesmo. Até depois de amanhã!"

Durante a minha adolescência, eu fiz parte de numa banda de rock. Eu havia aprendido a tocar guitarra sozinho, ouvindo incansavelmente as bandas da moda, e repetindo os acordes, tentando fazer igual. Comecei a tocar por um processo bem lento, dolorido, pois aprender a tocar guitarra dói. Os dedos ficam em feridas. É necessário aprender a postura correta das mãos e dos dedos para fixar e tornar os acordes bem definidos. É necessário aprender técnicas posturais e modificar pela insistência e repetição as mãos e os dedos. Quase como em um esporte, um pouco em menor grau. Depois, eu acabei aprendendo teoria musical, porque a teoria criava imensas facilidades para aprender a tocar novas músicas. É muito mais fácil aprender a tocar uma música através da partitura do que ouvindo, identificando, repetindo acordes.

Quando formei a minha primeira banda, eu entendi que para tocar em grupo os conceitos teóricos que havia são mais que necessários: são imprescindíveis. E por isso aprendi mais e mais ainda, quando depois de bandas de rock eu passei a participar de bandas de jazz e a tocar em casas noturnas.

Nunca fui um profissional de música. Não era para ser o meu caminho. O diletantismo e o prazer pessoal de aprender as artes sempre me fascinaram, porque as artes sempre estão muito próximas dos mistérios e da genialidade. Por essa razão aprendi sozinho a lidar com várias espécies de artes.

Estou contando essa característica da minha vivência e personalidade, esse meu continuo envolvimento de aprender e a fazer arte, porque foram experiências solitárias, autodidatas, aprendizagens que exigiram esforço e concentração que só quem é dono de um poder sobre a sua própria vontade é capaz de desenvolver. Não se aprende a fazer arte de graça. O custo é pessoal e intransferível. Há de se ter persistência e insistência. Assim, aprendi com razoável sucesso a arte da música, a poesia (e literatura em geral), a fotografar. Não consegui, embora tentasse, as artes do desenho, da pintura... Para artes há de se ter algum talento. São raros os que têm talento para todas as artes. Eu respeito os artistas e seus

dons como quem respeita algo sagrado. Não é só questão de esforço. Muitas vezes vai além da vontade.

A questão a ser colocada aqui é a questão da formação da pessoa, do ser humano, do ser-presente — do ser que sou e agora estou, aqui e em total atenção, dono de mim mesmo e da minha vontade, em estado de concentração, escrevendo estas palavras para serem incorporadas — daqui a pouco — como parte da ciência. Essa questão é uma questão sobre o crescimento de si mesmo, da ave que sai do ovo, e que desenvolve o dom de voar e de ganhar o mundo. Algo que acontece todos os dias no reino animal e no mundo, num processo de movimento permanente. Não questiono o porquê desse movimento. Eu simplesmente o observo e o reverencio.

Como as aves, as crianças nascem e crescem. Aprendem a andar a se comunicar. Alguns descobrem dons em si mesmo para arte. Outros vão adiante sem reparar nisso. Alguns são apressados... nem repararam em si mesmos. O mundo¹ os envolve e eles entram no processo de viver a cotidianidade e a deixar viver em si essa continuidade mundana. Há beleza também aí. Há beleza em ser do mundo e deixar que o mundo viva em si sem nada querer a mais, senão simplesmente viver.

Eu não sou assim. Desde cedo, por gostar da arte e me envolver com ela, eu aprendi que sou um ser de intervir. Um ser de quer mexer um bocadinho aqui e ali, e mudar algumas coisas dentro dessa normalidade cotidiana que move o mundo.

Por isso... Sou professor.

Não, não foi de repente que me descobri professor. Eu nunca me preocupei com isso. Eu mesmo tenho muitas dúvidas se alguém pode mesmo ensinar a outro alguma coisa. Afinal, as consciências são tão distintas, as pessoas são tão diferentes, as vivências são tão diversas, os olhares sobre o mundo são tão infinitos. Como posso eu ensinar alguma coisa ao ser que habita outro corpo de humano:

¹ Desde este momento, em que proposta ainda não é conceituar. O texto já se encontra impregnado de conceitos de Heidegger que serão desenvolvidos ao longo dos capítulos, cada qual a seu tempo. Entretanto, o conceito de "mundo", "normalidade cotidiana", "cotidianidade" e outros que aparecem já aqui, são conceitos de Heidegger ou sentidos que se desenvolvem ou baseiam a partir de conceitos de Heidegger, essencialmente em *Ser e Tempo*.

(HEIDEGGER, 2002).

— Namastê! A divindade que mora em mim e é meu ser, saúda a divindade que mora em ti e é teu ser!

Não estou preocupado com deuses e mitos, embora goste também das histórias dos deuses e dos mitos. Estou preocupado com a consciência de si – seu ser – que é dona e plena de sua própria razão e vontade. Eu respeito profundamente o ser que mora em cada um.

Escrevi um poema assim:

*Eu pensei em ensinar
para você
uma lógica.*

*Mas pensei e senti
que essa lógica
para você
seria inútil.*

*Estaria ensinando
para você
uma lógica que é minha
oferecida aos seus sentidos.
Em que lhe poderia
ser útil?*

*Mais tarde, ainda,
eu divaguei
sobre essa lógica.
E pensei que
essa lógica
só faria sentido,
para você,
se eu emprestasse,
para você,
o meu sentido.*

E então...

E então, em um dia de 1991, eu recebi um convite para ser professor. E aceitei e a partir dali passou a ser o meu trabalho e profissão o professorado e a Educação.

Voltemos à Cena 1. Ela descreve a minha primeira aula. A minha primeira intervenção como Professor. Relata uma cena bastante comum na Escola Nacional

de Ciências Estatísticas, onde ministrei aulas durante mais de 10 anos consecutivamente. Não se pode dizer que seja uma cena incomum em outras universidades, mas contextualizando melhor, essa cena ocorreu exatamente como descrita em minha primeira aula na disciplina "Pesquisa e Análise de Mercado", disciplina esta inserida no 8º e último período da grade curricular obrigatória do curso de Bacharelado de Estatística².

O que se extrai desse texto descrito na Cena 1?

Os alunos entram em sala de aula como se o *estar ali* fosse um pesado fardo, como se fosse uma carga a mais do peso que eles carregam nas mãos e pesadamente depositam sobre as carteiras.

Eles testam e desafiam os limites do professor. A ausência corpórea de quase metade da turma indica que "há outras coisas — provavelmente mais importantes — a serem feitas".

Uma das alunas virá diretamente propor uma fraude com relação a uma das regras regimentares básicas, que estamos chamando aqui genérica e vulgarmente de "presença".

A quebra da regra é tratada como se fosse algo muito comum e natural. Quase como se a fraude fosse a regra.

² Poderá lembrar, para alguns, o texto de Heidegger "Sobre a Cátedra" que reproduzo a seguir:

Os senhores vêm como de hábito a esse auditório na hora habitual e se dirigem até seus lugares habituais. Os senhores retêm essa vivência de ver os seus lugares ou também podem perceber a minha própria postura: entrando no auditório eu vejo a cátedra. O que é que eu vejo? Superfícies castanhas que se cortam em ângulo reto?

Não, eu vejo outra coisa: uma caixa, na verdade uma maior com outra menor por cima. De modo algum, eu vejo a cátedra sobre a qual devo falar. Os senhores vêem a cátedra da qual se falará aos senhores, na qual eu mesma já falei. Na pura vivência também não há — como se diz — nenhum contexto fundador como se eu visse primeiro superfícies castanhas que se cortam, que depois se me apresentam como caixa, depois como púlpito, depois como púlpito para discursos acadêmicos, como cátedra, de modo que eu cole o catedrático na caixa como um rótulo.

Tudo isso é interpretação ruim e falsa, desvio do olhar puro para a vivência. Vejo a cátedra de um golpe; não a vejo apenas isolada, vejo o púlpito como sendo alto demais para mim. Vejo um livro sobre ele, diretamente como algo que me estorva... vejo a cátedra em determinada localização e iluminação, com um fundo...

Na vivência de ver a cátedra algo do mundo em torno se apresenta a mim. Esse mundo-em-torno (Umweltliche)... não são coisas com um caráter significativo determinado, objetos, ainda por cima concebidos como isso e significando isso, mas o significativo é primário, e se me apresenta diretamente, sem nenhum desvio de pensamento sobre o apreender-a-coisa. Vivendo em um mundo em torno, por toda parte e sempre ele me significa, tudo tem caráter de mundo (welthaft), munda (es weltet)

Extraído de: (SAFRANSKI, 2000: 128-9).

Ou seja, algumas cartas estão sendo colocadas sobre a mesa de uma forma abrupta e quase conclusiva que a passividade e a omissão do professor poderá endossar e tornar um pacto, ou mesmo um contrato, entre o professor e a turma. Os alunos procuram deixar bem claro o que querem: facilidades para terminar o curso. E nesse pacote pactual inclui-se algo que estamos chamando aqui simplesmente de "presença". Todos sabem que há uma "regra de presença" que esta claramente definida no regulamento: "a presença em 75% das aulas é obrigatória" e mais: "o aluno que não estiver presente a 75% das aulas ministradas será reprovado". Está no regulamento também que o professor deverá lançar no diário, rigidamente, a presença e a ausência do aluno. Mas da forma como é tratado o assunto parece que — muito comumente — essa regra não é seguida com a rigidez exigida. É uma regra negociada.

Cena 2 — Agosto de 1991, dois dias depois.

O professor entra em sala às 20:25 hs., hora marcada para a aula. O sete alunos estão entrincheirados na última fileira de carteiras ao fundo da sala.

O clima é tenso. O professor pede que cada um se apresente. Um a um, respondem secamente apenas o nome. O professor pede que digam onde trabalham e o que fazem.

Respondem secamente. OK! Resolve iniciar a aula. Uma exposição enfadonha. Os alunos olham calados. Há um clima pactuado entre eles.

Com meia hora de aula um aluno pede licença e pergunta se o professor pode dar alguns minutos para discutir um assunto. O professor diz que quando faltar 15 minutos para o horário do fim da aula, dará o tempo que precisam. Os alunos continuam em silêncio.

Chegado o momento, o professor pergunta: "O que querem falar comigo?"

O aluno, assumindo a posição de líder da turma, diz que é necessário conversar sobre a questão da "presença", já que todos os demais professores flexibilizam, porque não flexibilizar. "Assim o Senhor terá que reprovar a turma inteira!"

O professor diz: "Não eu não reprovoo ninguém, apenas registro a 'presença'! Vocês conhecem o Regulamento, não é? O Regulamento é que reprova quem não estiver 'presente' em 75% das aulas."

O aluno fica olhando para o professor e diz: "Professor, nós estamos no último período. Todos nós trabalhamos. Além do mais temos que terminar o 'trabalho final de curso'".

O professor olha fixamente nos olhos do aluno e diz: "Eu sugiro que vocês procurem a coordenação acadêmica para discutir o que fazer. Eu não posso deixar de cumprir uma exigência que acabaram de me

pedir – o coordenador acadêmico – para cumprir com rigor. Se eu não cumprir estarei me sujeitando a receber uma punição administrativa.

— Se o problema é generalizado, que seja tratado de uma forma geral para todas as disciplinas e não apenas na minha disciplina. O aluno olhou para os demais e disse: "Todos fazem 'vista grossa' para nossas faltas. É assim há anos!

— É que o Senhor é um professor novo, ainda não conhece direito a casa. Outra coisa: ninguém vai conseguir chegar aqui na hora quando a sua aula for no 1º tempo. Temos o trânsito. Não dá para chegar.

O professor coça a cabeça e diz: "Vou pensar sobre o assunto e conversar com a coordenação! Enquanto isso vale a regra. Quem não estiver aqui na hora, não ganhará 'presença' na primeira hora. Mas vou pensar.

Sabemos que a exigência de frequência é um postulado do MEC. Sabemos também, que poucos professores seguem essa regra de cobrar e registrar frequência de uma forma rígida. Sabemos, também, que as coordenações acadêmicas, aprenderam rapidamente as regras de mercado nas quais o aluno é "cliente" e o "cliente tem sempre razão". Mesmo nos casos de uma faculdade pública, pactuar com o "cliente" traz benefícios imediatos e gratuitos: ninguém perde nada ao criar facilidades para os alunos. Esses "benefícios ao cliente" resultam até em estatísticas mais interessantes para a instituição.

Percebi logo que a "regra da presença" ninguém cumpre. Ou melhor: poucos cumprem daí o espanto e a sensação de injustiçado que tomou conta do semblante de todos os meus alunos naquela classe de 1991. Havia algo cultural ao grupo que não estava sendo. Um "pacto" que estava sendo quebrado e eu é que estava quebrando. Eu estava exigindo presença.

A palavra que aparece nas regras é "frequência". Não é a palavra "presença". Mas o que é "frequência" senão o resultado da presença em sala de aula? Mas os nossos escritores de regras já perceberam que o termo "presença" é um termo complexo. Não é de fácil compreensão, senão pelo aspecto mais trivial da presença: o "corpo presente em dado lugar e hora". Digamos que é a "ponta do iceberg" do termo: a parte que se vê e é facilmente perceptível pelos sentidos: o "corpo presente". Mas presença é "corpo presente", algo assim tão cartesianamente determinado?

Cena 3 — outubro 1991— meio do período letivo.

Os alunos estão todos em sala de aula. Depois da decisão de cobrar "presença", os alunos arrumaram um jeito de estar "presentes". O coordenador havia dito: "A presença é para ser cobrada! É a regra do MEC. Os fiscais do MEC vivem nos visitando." Era o primeiro período do professor na Escola. E os alunos passaram a agradá-lo, a cativá-lo.

Em meio ao período letivo, o professor começou a notar certa inquietude em sala de aula. Naquele tempo ainda se usava a lousa e não havia tanta tecnologia a disposição do professor em sala de aula. Ao virar-se para a lousa, o professor percebia um murmurinho, os alunos conversavam baixinho entre si.

O professor virou-se em certo momento e perguntou:

— O que se passa? Vocês estão inquietos demais, estão sussurrando toda vez que viro de costas... O que acontece?

Naquele momento, alunos e professor já haviam estabelecido as suas "regras" e não havia mais timidez na voz dos alunos que se sentiam a vontade para desabafar:

— É a monografia, o "projeto de fim de curso" que precisa ser entregue, pronto, até o fim da semana que vem.

Então, o professor concluiu:

— Quer dizer que vocês estão aqui na aula, mas o pensamento e a preocupação de vocês estão bem distantes. Está na tal "monografia" de fim de curso, não é?

— Sim, se não concluirmos esse trabalho não colamos grau no fim do ano.

— Compreendo a situação de vocês — disse o professor. Nas próximas três aulas eu darei espaço para vocês trabalharem a vontade durante as minhas aulas, mas não abrirei mão da presença física de vocês aqui dentro trabalhando. Depois dessas três aulas eu gostaria que prestassem atenção naquilo que estou procurando transmitir para vocês. Estamos combinados?

— Sim — disseram todos!

Assim, os alunos estavam presentes e não estavam presentes. Estavam cumprindo a minha exigência e estar de corpo presente em sala de aula, mas a mente, o pensamento, estava na tal "monografia" que tinham que entregar por exigência do próprio curso. Todos ali trabalhavam de fato. Queriam aproveitar aquele tempo para discutirem os seus "projetos de fim de curso". O termo *monografia* era inapropriado, pois o trabalho era em grupo de dois ou três alunos e não um trabalho individual como o termo "monografia" implica.

Mais um questionamento sobre o termo "presença". Os alunos podem estar presentes fisicamente e não estar presentes mentalmente em sala de aula. Alguns podem estar "aqui e agora" de corpo presente, mas o pensamento pode estar bem mais distante.

— Seria "presença" não estar mentalmente presente?

— Afinal de contas, o que significa essa palavra "presença"? Por que ela é tão importante a ponto de fazer alunos repetirem a disciplina se não estiverem "presentes" em $\frac{3}{4}$ das aulas ministradas?

Cena 4 — agosto de 1994

Durante cinco anos o professor buscou várias estratégias de trazer e envolver os alunos para que o conceito de "presença" fosse mais amplo que o sentido de "corpo presente".

Primeiro tentou os métodos tradicionais. Controlou frequência, exigiu trabalhos bem feitos, recitou diversos sermões sobre a importância da disciplina em sala de aula. Qualquer tentativa era menor que o tal "projeto de fim de curso". O interesse dos alunos estava nele e a finalização de um curso que sempre se mostrou de difícil percurso, onde dos 100 alunos que entravam advindos do vestibular, apenas 10% chegavam ao último ano. Muitos desistiam no percurso ou eram eliminados por uma rigorosidade que beirava o perverso.

Enfim, o professor que já havia desistido de ministrar aulas expositivas — que eram cobradas vigorosamente pela coordenação — começou a alterar e a experimentar formatos de mediar aulas que fossem interessantes para os alunos e que fossem também satisfatórias para o professor.

Foi nesse período que o professor mudou a estratégia em sala de aula. Dividiu a turma em grupos de dois ou três alunos. Passou a dividir cada sessão das aulas em duas partes. A primeira seria uma exposição elaborada em cima de um texto, a segunda parte seria um momento de avaliação da exposição e do conteúdo por parte de todos os alunos que estavam em sala de aula.

Assim o professor esperava obter mais participação através da exposição seguida de interatividade entre os participantes.

Com essa estratégia, o professor buscava trazer corpo e atenção para dentro de sala de aula. Era um artifício de obter presença além do sentido essencialmente corpóreo.

Entretanto, as aulas continuaram com aquela sensação de uma burocracia a ser cumprida. Os alunos encarregados de fazer a exposição do dia, a faziam de qualquer jeito e o grupo não reagia com envolvimento. Parecia que nada era novo, aquilo tudo era uma velha ladainha sem alma repetida ao longo de anos acadêmicos em que a preocupação em aprender era secundária.

Quando eu ensaiava com minha banda de rock a existência de um grupo em que cada um fazia a sua parte exigia presença. Não havia a possibilidade de estar apenas de corpo presente. Era necessária uma qualidade de presença que fosse atenta e participativa. A atividade em grupo exigia comunicação fluente e para isso a aprendizagem da teoria musical fornecia uma linguagem adequada para a interação. A execução das músicas com sincronicidade de ritmo e variações harmônicas exigia uma presença atenta e consciente de cada um dos participantes. A música não perdoava ausências momentâneas e as punias com o comprometimento da execução. Pensei que um grupo de aprendizagem, um grupo de pesquisa, um grupo de trabalho, deveria ser parecido com um grupo de música. E que a música é essencialmente permeada pela interatividade e com isso se produzia uma espécie de "espírito de grupo" que produz uma criação coletiva. Produz algo novo e gratificante para o grupo.

Pensei que o ambiente de sala de aula poderia ser como um encontro de espíritos e que o professor seria um mediador, uma espécie de regente, de uma orquestra de câmara.

Sim, estou certo que a educação está ligada diretamente à harmonia e que os participantes do processo não podem ser apenas platéia. Eles precisam estar presentes, mas de uma presença viva, integrada, participante, cada qual com seu instrumento que nada mais é do que o seu próprio ser-presente, ali, inteiro, em corpo e consciência.

O espaço de aula é uma vivência ímpar e que não se repete. Porque o ser-presente se expressa no mundo e o mundo modifica a sua expressão. O ser só é no mundo. E ali — a sala de aula — é o mundo o mundo onde o ser-presente é.

Cena 5 — Qualquer dia do ano 2000

Havia algum tempo que o professor estava envolvido em comunidades de aprendizagem na Internet. Ali observava que dentro dessas comunidades se formavam grupos de pessoas que juntavam para desenvolver a compreensão sobre determinado assunto. Sem currículo e sem mediação específica. Pode-se dizer que o processo se desenvolvia sem qualquer gestão de conhecimento e que "a banda" tocava por música sem a necessidade de regência.

Ali havia envolvimento e interatividade ao contrário do que o professor havia observado em seus anos de magistério dito "presencial".

Mas aquilo era um espaço dito "virtual"! E comumente se contrapõe em Educação o "virtual" como antônimo do "presencial". E, no entanto, as pessoas estavam ali presentes, inteiras, completas. Havia entusiasmo. Um entusiasmo muito semelhante ao da banda de rock de minha adolescência.

O que estava acontecendo? As pessoas estavam ali o tempo todo participando de uma atividade em um espaço desterritorializado e, no entanto, estavam essencialmente próximas umas das outras. Aquilo poderia ser chamado de uma forte relação de presença. Mas como dizer "presença" se os corpos não estavam presentes? Se os corpos estavam distantes quilômetros e, às vezes, continentes, uns dos outros?

Os fenômenos acontecem e se explicam por si só, mas há uma hermenêutica de desvelamento de sentido.

Há um novo sentido no ar. Observo que a palavra *presença* está no âmago dos processos educacionais, mas que a *presença* que agora estou me referindo está bem distante do sentido de *presença* que se repete há séculos na burocracia da educação. Há um novo significado da palavra *presença* que emerge nesta virada de milênio. Trata-se de um novo sentido a ser estudado e aprofundado. E eu, em minhas reflexões sobre as relações educacionais, sobre a educação a distância, sobre a educação presencial tradicional, esbarrei na vontade que se transformou em uma necessidade de estudar esse novo sentido.

Aqui nesta tese eu darei a minha resposta à questão:

— Qual o sentido de/da *presença*?

Uma pergunta formulada dentro do contexto contemporâneo e educacional.

Capítulo 2 — Objetivo

O objetivo geral da pesquisa é:

Indagar o sentido de (e da) presença no contexto educacional.

Na busca desta formulação identifico os seguintes objetivos intermediários:

- Identificar na literatura o conceito de presença.
- Aprofundar o conceito de presença de Martin Heidegger.
- Realizar um levantamento abrangente de minha presença no ciberespaço.
- Formular o sentido de presença na Educação.
 - Incluindo ações educacionais no ciberespaço; e
 - o uso de tecnologias contemporâneas de informação e comunicação.³

Conto na Parte 3 a minha história de vida com a tecnologia. Entretanto, a minha preocupação aqui neste doutorado, desde que me candidatei, não é com a tecnologia: **é com o ser, mais propriamente com a pre-sença, dentro do conceito de Heidegger detalhado no Capítulo 14 desta tese.**

Antes, eu via a tecnologia como um desafio e fui fundo em busca de soluções. Criei soluções e dominei a tecnologia. **Mas, enquanto eu me aproximava de dominá-**

³ Evito usar aqui o termo "Educação a Distância" porque estamos, junto com a formulação de um novo sentido de presença, reconstruindo, também, o conceito de distância.

la eu percebi que a questão da educação no ciberespaço não está na tecnologia e sim no ser do homem. Depende do ser no ciberespaço, ou mesmo em seu computador desconectado. E o ser significa presença. Por essa razão deixo de lado as tecnologias e me aprofundo no humano. Essa é a razão de meu doutorado: **estudar o humano. E o humano é o mesmo numa sala de aula ou no ciberespaço. Algumas dificuldades de expressão em um ou em outro mundo acontecem.**

Mas o humano, o ser dotado da **pre-sença**, não pode ser diferente em essência quando muda o contexto. Ele levará consigo o seu espírito para a sala de aula ou para o ciberespaço, porque o homem não poderá distanciar-se de si mesmo a ponto de ser outro. **O ser carrega consigo a sua existência, a sua historicidade, aquilo que foi no tempo. E o ser que habita o homem irá com ele no mundo que ele habitar.**

Capítulo 3 — Metodologia

A metodologia usada é a fenomenologia ontológica de Martin Heidegger, que está descrita em detalhe no Capítulo 13 desta tese.

O método utilizado foi o da indagação. Através de questionamentos de aproximações sucessivas

Para o desenvolvimento desta investigação foram seguidos os seguintes passos.

Parte 1 — Identificar na literatura conceitos de presença.

1. Para iniciar a pesquisa fiz um levantamento dos conceitos vulgares da palavra presença no sentido de levantar os significados que são comumente atribuídos à palavra. Para tal usei o dicionário de língua portuguesa que apresentou uma maior gama de significados. Analisei cada significado à luz de minha própria vivência educacional.
2. Procurei também o significado da palavra presença em glossários e dicionários específicos de Educação. Consultei o Dicionário Brasileiro de Educação (DUARTE, 1986) não encontrei ali a palavra presença.
3. Por pesquisa na Internet — utilizando o Google — encontrei diversos dicionários, thesaurus e glossários específicos sobre Educação. Também aqui, em nenhum dos encontrados, há menção à palavra presença. Foram encontrados, entre outros, os seguintes endereços:
 - i. <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=/fnde/glossario.html> — Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.
 - ii. <http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/> — INEP - Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased)

4. Recorri ao Dicionário de Filosofia (ABBAGNANO, 2000) e encontrei o significado de *presença* no pensamento de Tomás de Aquino, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. Pesquisei na obra desses três autores e identifiquei que o pensamento de Heidegger pode bem fundamentar à minha concepção que de *presença*.
5. Entretanto, eu senti necessidade de fazer um levantamento bibliográfico mais abrangente para identificar outros conceitos-meios que preciso para desenvolver a minha concepção de presença. Através de consultas de aproximações sucessivas, realizadas na Internet (Google)⁴ e nas livrarias virtuais⁵ onde encontrei uma série de obras que desenvolvem o estudo da presença e dos conceitos auxiliares que necessito. Selecionei seis autores do período anterior ao ciberespaço (Bergson, Husserl, Gurdjieff, Buber e Merleau-Ponty) e que têm conceitos de presença próprios e que fundamentam o novo conceito que desenvolvo na Parte 4. Escolhi Pierre Lévi por ser o filósofo mais internacionalmente aclamado e que abrange conceitos relativos à presença no ciberespaço.
6. Para pesquisar nessas obras realizei consultas aos respectivos sumários para identificar os capítulos de interesse. Fiz a leitura atenta dos capítulos identificados como pertinentes selecionando citações.
7. Essas citações passaram por um processo de filtragem analítica e as que sobreviveram a esse processo compuseram a Parte 1 desta tese junto com comentários analíticos que serviram para sintetizar, contextualizar e dar elo de ligação entre as citações. As citações são apresentadas como o resultado da "coleta de dados" e os comentários como "análise dos dados". Por essa razão a Parte 1 é pontilhada de citações.

Parte 2 — Aprofundar o conceito de presença de Martin Heidegger.

8. Escolhi a obra de Martin Heidegger (2002), *Ser e Tempo*, para o fundamento principal da minha tese. E por essa razão dou um tratamento mais aprofundado nessa obra.
9. Utilizo a hermenêutica desenvolvida pelo próprio Heidegger para aprofundar a compreensão de seu pensamento.

⁴ Procurei pelos termos: "presença", "presença em educação", "sentido de presença", "presença em aula", "ausência", etc...

⁵ Basicamente:

- Livraria Cultura - <http://www.livrariacultura.com.br/>
- Submarino - <http://www.submarino.com.br/>
- A Traça - Sebo Virtual - <http://www.traca.com.br/>

10. Realizo pesquisa de estudiosos do pensamento de Heidegger para incorporar outros olhares sobre a mesma obra utilizando o método da pesquisa interdisciplinar desenvolvida pela Prof^a Ivani Fazenda, cuja influência também se faz sentir em todo o trabalho de pesquisa. (FAZENDA, 2002; 2003)

Parte 3 — Relatar a história de vida que constituiu a minha presença na Internet

11. Utilizando o método da fenomenologia hermenêutica, desvelo a minha presença no ciberespaço.

Parte 4 — Formular o sentido de presença contextualizado ao mundo atual.

12. A partir do levantamento de conceitos teóricos apresentados na Parte 1 e na Parte 2 e da minha presença no ciberespaço, desvelada na Parte 3, utilizo da interdisciplinaridade para fazer um fechamento teórico da concepção de *presença* no contexto contemporâneo.
13. Ao longo do texto da **Parte 1** eu incluo indagações (ênfatizadas em negrito) e que são retomadas na **Parte 4**.

Na Parte 4 utilizo fundamentos metodológicos da interdisciplinaridade desenvolvidos por Ivani Fazenda (2002; 2003). Baseados na indagação e na aproximação espiral sucessiva.

* * *

Esta tese está estruturada da seguinte maneira:

Introdução

- O Problema;
- Objetivo e
- Metodologia.

Título 1 — O Sentido de Presença

Parte 1: Revisão de Literatura

- Apresentação das leituras realizadas, apresentando citações escolhidas e comentários relativos a essas citações.

Parte 2: Ser e Tempo

- Aprofundamento no pensamento de Martin Heidegger.

Título 2 — O Sentido da Presença

Parte 3: Presença no Ciberespaço

- Desvelamento de minha própria presença no ciberespaço.

Parte 4: O Sentido de Presença no Contexto Contemporâneo.

- Incluindo a presença em ações educacionais no ciberespaço e discutindo a questão de presença e espacialidade⁶.

Conclusão.

Referências Bibliográficas.

⁶ Conceito inserido por Martin Heidegger em Ser e Tempo.

Título 1: O Sentido de Presença

Parte 1: Revisão de Literatura e Conceitos

Parte 2: Ser e Tempo

Parte 1:

Revisão de Literatura

Conceitos

Capítulo 4 — O Conceito Vulgar de Presença

Capítulo 5 — O Conceito Filosófico de Presença

Capítulo 6 — Bergson: Presença e Campo Transcendental

Capítulo 7 — Husserl: Eu Psicológico e Eu Transcendental

Capítulo 8 — Gurdjieff: Consciência de Si

Capítulo 9 — Buber: Eu e Tu

Capítulo 10 — Merleau-Ponty: O Intermundo

Capítulo 11 — Lévy: Virtualidade e Presença

Na Parte 1 estarei apresentando uma síntese do pensamento dos autores que fundamentam a concepção de presença, a ser desenvolvida na Parte 4 desta tese.

Nesta Parte 1 estarei apresentando:

- o conceito vulgar de presença a partir dos dicionários de língua portuguesa (Capítulo 4);
- o conceito filosófico de presença, a partir do Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (ABBAGNANO, 2002) — (Capítulo 5);
- o conceito de presença interna de Bergson (Capítulo 6);
- o conceito de transcendência e de intencionalidade desenvolvido por Husserl (Capítulo 7);
- os quatro estados de presença de Gurdjieff (Capítulo 8);
- o conceito de presença do Outro de Buber (Capítulo 9);
- o conceito de intermundo de Merleau-Ponty (Capítulo 10);
- o conceito de presença virtual de Lévy (Capítulo 11).

Capítulo 4 — O Conceito Vulgar de Presença

Chamo aqui de "conceito vulgar" ao significado sob o qual que se utiliza genericamente a palavra em contexto indeterminado.

O meu ponto de partida nesta pesquisa é analisar os diferentes significados do termo *presença* em sua concepção vulgar.

Começo, pelo verbete do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa:

Presença, substantivo feminino.

1. *Fato de (algo ou alguém) estar em algum lugar; comparecimento. Ex.: "a p. dela na festa surpreendeu muita gente".*
2. *Fato de (algo ou alguém) existir em algum lugar; existência. Ex.: "a p. do Cristo Redentor no Corcovado data da década de 1930" ou "a p. do Homem na América é muito mais antiga do que se imaginava".*
3. *Aparência geral de uma pessoa; porte, figura. Ex.: "que bela p. ele faz entre os colegas!".*
4. *Qualidade do que chama a atenção e impressiona; personalidade, individualidade. Ex.: "ela demonstrou muita p. em cena".*
5. *Derivação: sentido figurado. Participação numa atividade. Ex.: "sua p. no congresso é muito importante para nós".*
6. *Derivação: sentido figurado. Vitalidade, influência, participação. Ex.: "p. da cultura grega antiga no mundo atual"; "p. do negro na música brasileira".*

(HOUAISS, 2001: 2291).

O **primeiro significado** da palavra *presença* — na citação imediatamente anterior — refere-se ao fenômeno de um ente estar localizado fisicamente em determinado lugar. É a acepção mais vulgar da palavra *presença*. Deve-se sublinhar que se trata da presença de um ente, ou seja: uma coisa qualquer que ocupa determinado lugar em um espaço determinado. A presença aqui é essencialmente física, tanto que o ente não precisa ser dotado de vida, nem inteligência. Este significado de presença pode ser tanto de uma pessoa, como de um animal ou de uma simples coisa, como uma pedra, por exemplo.

No **segundo significado** a *presença* tem o sentido de "existir em determinado lugar". Diferencia-se do primeiro significado pela inclusão da palavra "existir", o significado já não tem uma significação estritamente concreta. Inclui-se aqui um componente abstrato, configurado pelo "*existir em algum lugar*". Ou, também, ou ter existido em outro tempo ou momento e não existir, ali, mais agora. Esta significação está associada a um lugar, a um endereço, a um local geográfico. É um significado territorializado. É a existência de algo em algum lugar.

O **terceiro significado** tem o sentido de atributo de físico de um ser humano. Diz-se que uma pessoa tem *presença*, neste sentido, quando a pessoa se destaca das demais por atributos físicos, tais como: beleza, altura, atributos estéticos etc. Ainda aqui se trata de características físicas corporais que fazem do ser um ponto marcante no contexto em que se situa. E aqui parece que o significado da palavra "presença" começa a fugir do atributo de localização claramente demarcada que se observa nos dois primeiros significados.

O **quarto significado** diz respeito à personalidade e aqui o atributo de localização se generaliza e deixa de ser o principal aspecto do significado. Quando se diz: "Fulano tem uma presença marcante!" É o mesmo que dizer: "Fulano tem uma personalidade marcante!" É um atributo independente do lugar, um atributo considerado em absoluto. É com este sentido que se diz "Fulano tem presença de espírito!" Tal *presença* seria como uma forma de expressão da inteligência e da vivacidade do ser. Este significado de presença já adentra pelo campo da subjetividade. Uns podem observá-la em uma pessoa e alguns podem até negá-la na mesma pessoa observada.

O **quinto significado** é, segundo o autor, uma derivação do conceito original de *presença*. Está relacionada por estar presente em uma atividade determinada,

independente de lugar ou de localização. Tem o sentido de "marcar presença", deixar nessa atividade a sua marca, algo que mostre que ali esteve, não só de corpo presente, mas com atenção mental e/ou emocional. Uma marca que faça as pessoas lembrarem que "Fulano esteve ali presente"!

O **sexto significado** é também, segundo o autor, uma derivação. Significa estar presente culturalmente deixando traços, sinais de uma eventual tangência de uma cultura com outra. Uma presença que pode ser identificada por analogia dentro de uma obra literária, de um pensamento, de hábitos sociais, de comportamento, de práticas laborais, de elementos de expressão cultural com um todo. Uma presença por dedução analógica, não uma presença por constatação imediata, mas dedutiva.

A pergunta que se faz é a seguinte:

— Qual desses seis significados explicaria melhor a presença desejada no contexto educacional?

A palavra *presença* não aparece sequer uma única vez na Lei das Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), sendo substituída pela palavra *freqüência* que significa o ato de "*visitar amiudadas vezes*" (FERREIRA, 1999). Ou seja: a Lei estabelece que o **primeiro sentido** é o que vale para fins formais. Ou seja, se o aluno respondeu à formalidade da "chamada", ou assinou à "folha de freqüência", estará formalmente *presente*.

O Dicionário Brasileiro de Educação (DUARTE, 1986) omite o conceito. Não apresenta qualquer verbete seja da palavra "presença" ou da palavra "freqüência".

Enfim, considero que o ato de freqüentar as aulas, não garante nenhuma qualidade de presença de fato. O fato de um aluno estar dentro de uma sala de aula, não garante que ele se encontra em estado produtivo para a aprendizagem. O aluno pode estar dentro da sala de aula apenas corporeamente. Pode estar apenas de corpo presente. O pensamento e a atenção podem estar distantes daquele lugar que o corpo está presente. Pode estar ali em um estado de automatismo e fragmentação, sem qualquer consciência de si, como o descrito por Ouspenski (OUSPENSKI, 2002). Pode até mesmo ser uma "presença ausente" como Tolipan

descreve em seu livro "Uma Presença Ausente" (TOLIPAN, 2002) os sintomas do autismo⁷.

Considero a *presença* como sendo um dos aspectos mais importantes do processo educacional do homem. Sem *presença* seria possível construir conhecimento? Seria essa *presença* estritamente física que endossaria essa importância? Não é! A *presença* que julgo essencialmente importante extrapola o sentido de *corpo-presente*. Mais que a mera *presença física* a *presença* que considero importante é uma sintonia que o aprendiz estabelece com os demais participantes do processo de aprendizagem: professor e demais alunos. Além dessa sintonia, no conceito de presença que formularei aqui, é importante que o aluno entre em estado de interação⁸ e cooperação de aprendizagem com os demais participantes.

Não estou afirmando que toda prática de aprendizagem tem que ser obrigatoriamente interativa. Há casos de *aprendizagem vicária*⁹ em que o aprendiz constrói conhecimentos através da observação. Mas terei de concluir que a aprendizagem vicária prescinde da presença. O aprendiz vicário pode em seu processo de aprendizagem utilizar de filmes, vídeos, áudios ou mesmo livros para aprender. Neste processo a experiência é essencialmente autônoma e individual e pode conduzir a uma construção de conhecimento importante. Considero que a construção de uma tese de doutorado ou de uma dissertação de mestrado é um processo de pesquisa e aprendizagem que se aproxima bastante do conceito de aprendizagem vicária.

Entretanto, a aprendizagem interativa e cooperativa é um processo mais enriquecedor e, a maioria das vezes, mais agradável, embora possa ser considerada, por alguns, como mais complexo. Sem que seja interpretado sob qualquer sentido pejorativo, o meu sentido da palavra *complexo* é, antes de mais nada sinônimo de enriquecedor.

⁷ "Fenômeno patológico caracterizado pelo desligamento da realidade exterior e criação mental de um mundo autônomo." (FERREIRA, 1999).

⁸ "Ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas; ação recíproca" (FERREIRA, 1999).

⁹ "Vicarious Learning". Ver (BRESMAN,2004).

Em 20 de fevereiro de 2006, escrevi um pequeno texto ao qual eu dei o título de "Interatividade" e que publiquei em meu *blog* pessoal¹⁰:

Quando eu leio algo e faço uma reflexão do que leio... eu construo conhecimento. Interpreto a leitura com o meu pensamento, minha vivência e minha maneira de ver o mundo.

Quando eu compartilho com uma comunidade as minhas impressões daquilo que li, estou dando a oportunidade para que outros façam outra leitura... para que outros leiam a minha leitura.

Quem ler o texto e a minha leitura sobre o texto, ganhará conhecimento em dobro, pois aprenderá com sua própria leitura e com a minha leitura.

Quando eu ler a sua leitura e comentar a sua leitura eu estou dando oportunidade de você ler a sua leitura de um modo diferente do que leu originalmente. Estou dando a você a minha leitura da sua leitura.

Quando muitas pessoas lêem um texto e expressam a sua leitura em palavras, dão oportunidade para que se reproduza esse conhecimento numa exponencial infinita: pela doação de cada um, pela fenomenologia de cada um.

Pela troca de visões de mundo que enriquecem o saber individual e manifestam a existência de um saber coletivo, através de uma inteligência coletiva.

As inteligências, quando se articulam e interagem, criam sinergia e exponencializam a nossa inteligência individual. Eu passo a incorporar em mim a inteligência dos demais que interagem comigo.

Um pensamento individual é um só pensamento. Um pensamento compartilhado... é um pensamento sinérgico. E o pensamento sinérgico faz a nossa consciência abrir-se em olhares infinitos, dimensões e compreensões infinitas. É como se tivéssemos mil olhos, mil sensores e mil estados de consciência.

Por isso é que eu peço a todos: interajam! Manifestem o seu ser através da palavra, pois a palavra tem esse dom de atalhar os meandros do rio do conhecimento que - por sua vez - conduz ao oceano da consciência universal.

Dá para compreender o que isso significa? Diga para mim! Dá-me a oportunidade de ver a mim com os teus olhos e aprender, contigo, sobre mim.¹¹

Esse pequeno texto expõe o que penso sobre a interação em um processo de aprendizagem. Seja em uma sala de aula, seja em comunidades de aprendizagem na Internet, independentemente do mundo em que aconteça o encontro de pessoas

¹⁰ Endereço Internet: www.claudioalex.multiply.com

¹¹ FAGUNDES DA SILVA, 20/02/2006: [Interatividade](http://www.claudioalex.multiply.com/journal/item/741). Extraído da URL: <http://www.claudioalex.multiply.com/journal/item/741>, em 30/08/2006.

trazendo em si a intencionalidade de aprendizagem; a interação de pensamentos expressos através das palavras — ditas ou escritas — irá compor uma sintonia, uma aproximação, um encontro de mentes e emoções, uma composição de espíritos, que eu chamo de *presença*. Cujo sentido no âmbito educacional vai muito além dos significados vulgares atribuídos à palavra. E que eu sinto necessidade de transmitir para outros educadores a importância de compreender esse sentido e desenvolver a sensibilidade de percepção em seus contextos escolares.

Capítulo 5 — O Conceito Filosófico de Presença

Nicola Abbagnano, em seu Dicionário de Filosofia, identifica dois significados principais para a palavra *presença*:

PRESENÇA (in. Presence, fr. Présence, al. Anwesenheit; it. Presenza).

Este termo é empregado em dois significados principais:

1º existência de um objeto em certo lugar, pelo que se diz, p. ex., "estava presente à reunião de ontem à tarde";

2º existência do objeto numa relação cognitiva imediata; assim, diz-se que um objeto está presente quando é visto ou é dado a qualquer forma de intuição ou de conhecimento imediato.

(ABBAGNANO, 2000: 789)

Deduz-se que o primeiro significado identificado por Abbagnano é semelhante ao primeiro significado vulgar que expus no capítulo anterior. Não se pode dizer, entretanto, que se trata de uma presença estritamente física, pois ao explicá-lo, Abbagnano irá descrever:

No âmbito do primeiro significado, e com objetivos teológicos (para descrever a presença de Deus ou dos anjos nas coisas ou a presença do corpo de Cristo no pão do sacramento do altar), os escolásticos distinguem duas formas de P.: a chamada circunscriptiva, em que uma coisa está inteira em todo o espaço que ocupa, com parte em cada parte do espaço, e a definitiva, em que uma coisa está inteira na totalidade do seu espaço e inteira também em cada uma das partes dessa totalidade. A primeira P. é um modo de ser quantitativo; a segunda exclui qualquer quantidade.

(ABBAGNANO, 2000: 789)

A questão 52, Parte 1 da "Súmula Teológica" de Tomás de Aquino¹² trata "Da Relação de Anjos com Lugares" e o artigo 2, citado por Abbagnano, trata de "Se o anjo pode estar em vários lugares simultaneamente". Não estou aqui estudando a *presença* de anjos. O significado relativo a anjos e outras entidades espirituais é essencialmente teológico, como é o teor da Suma Teológica de Aquino. Estou aqui me referindo à *presença* humana, não estou entrando no aspecto teológico. No entanto, cabe analisar se o sentido de *presença* que estou procurando pode ser analisado em termos de presença circunscriptiva ou de presença definitiva.

O homem está inteiro no espaço que ocupa? Não posso dizer que esteja. Estaria se não fosse capaz de pensar e como diz a canção popular:

O pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar.

(RODRIGUES, 1974)

A canção popular se refere aos fenômenos da imaginação¹³ e do pensamento¹⁴. Segundo esses fenômenos o corpo humano pode estar em um lugar físico e a mente absorta em pensamentos e imagens distantes do aqui-e-agora. Então, se esses fenômenos realmente acontecem, o homem em muitos momentos de sua existência não estará inteiro no local em que está materializado o seu corpo físico.

Por outro lado, não posso dizer que o homem estaria inteiro em suas partes. Os estudos anatômicos e fisiológicos não podem explicar o homem como um todo. Há no homem o espírito¹⁵! E o espírito sem o corpo não será o homem. Então, não posso referir-me em termos de presença circunscriptiva ou de presença definitiva quando me refiro ao homem. Não consigo ver a aplicação desses conceitos relacionada à *presença* de entes corpóreos evoluídos como o homem.

¹² O texto citado faz referência à Suma Teológica, Parte 1, Questão 52, Artigo 2. (ABBAGNANO, 2000:789). A questão 52 foi consultada na Internet em 30/08/2006, no seguinte endereço: <http://sumateologica.permanencia.org.br/Ia/Q52.pdf>.

¹³ Imaginação: Faculdade que tem o espírito de representar imagens; fantasia. Faculdade de evocar imagens de objetos que já foram percebidos; imaginação reprodutora. Faculdade de formar imagens de objetos que não foram percebidos, ou de realizar novas combinações de imagens... (FERREIRA, 1999)

¹⁴ Pensamento: Reflexão, meditação: estar absorto em pensamentos. (FERREIRA, 1999)

¹⁵ Refiro-me aos atributos humanos relacionados com o pensamento, a consciência, a reflexão, a imaginação, a emoção e outras características que não se pode afirmar imediatamente que sejam fisiológicas.

No mesmo verbete, Abbagnano apresenta o conceito de *presença* desenvolvido por Heidegger:

Heidegger chamou de P. ou simples P. (Vorhandenheit) o modo de ser das coisas, que é diferente do modo de ser do homem, que é a existência (Sein und Zeit, § 9).

(ABBAGNANO, 2000:789)

A "simples presença", ou a presença meramente corpórea, diz respeito às coisas e não ao homem. A presença do homem, segundo Heidegger, é a sua existência, que é o modo de ser próprio do homem. É o que venho afirmando até aqui: a diferença entre a presença simplesmente corpórea e a presença do homem que é dotado de espírito. Entretanto, será necessário aprofundar mais na formulação de Heidegger de "ser", de "existência" e em outros conceitos que este pensador evoca e que se distanciam muito do conceito vulgar. A minha formulação de *presença* se fundamenta no pensamento de Heidegger¹⁶ e por essa razão o seu pensamento estará sempre em foco nesta tese.

Concluindo a análise do verbete de Abbagnano, apresento uma citação:

Sartre, por sua vez, falou de "P. do para-si no ser", ou seja, da consciência, no sentido de que tal presença implicaria que "o para-si é testemunha de si em P. do ser como não sendo o ser": o que significaria que a P. no ser é "P. do para-si em não sendo" (L'être et le néant, pp. 166-67).

(ABBAGNANO, 2000:789)

O pensamento de Jean-Paul Sartre, especialmente em sua obra "O Ser e o Nada" (SARTRE, 2005), é uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica de Heidegger. Sartre constrói a partir da dialética do ser e do não-ser a sua própria ontologia, mas com fundamento em Heidegger. A citação anterior é explicada pelo próprio Sartre:

O ser presente é, pois, o fundamento de seu próprio passado; e é esse caráter de fundamento que o "era" manifesta. Mas não deve-se entender que o presente fundamente o passado à maneira da indiferença e sem ser profundamente modificado por ele: "era"

¹⁶ Por essa razão a imersão no pensamento de Heidegger será o objeto da Parte 2 desta tese.

significa que o ser presente tem-de-ser em seu ser o fundamento de seu passado sendo ele próprio esse passado. Que significa isso? Como o presente pode ser o passado?

(SARTRE, 2005:167)

O *ser presente* — aqui no sentido dado por Sartre — é aquele que é no aqui-e-agora, tanto no sentido de lugar, como no sentido de tempo. Sartre diz que o ser-presente compreende seu próprio passado de um ponto de vista de "não ser sendo", uma vez que o "ser-era", não mais é agora. Mas, no entanto, o ser que era fundamenta o ser presente.

É um enfoque de significativa importância porque essa dicotomia entre o ser-que-era e o ser-que-é pode ajudar a formular um sentido de presença atemporal que é notável em diversas circunstâncias do encontro de eu-com-eu em um mundo como o do ciberespaço.

Capítulo 6 — Bergson: Presença e Campo Transcendental

Henri Bergson (1859-1941) desenvolve em seu pensamento teorias sobre a vida, a consciência, a inteligência e a criatividade. Considero que a sua contribuição é importante para a formulação de uma nova concepção do sentido de presença. A sua teoria da presença e campo transcendental não poderia deixar de ser mencionada aqui.

Numa época em que o avanço e o êxito das investigações científicas ditas positivas pareciam tornar obsoletas as indagações e sobretudo a forma de resposta filosóficas, Bergson exalta e inova a metafísica. Ao mesmo tempo, pretende ampliar o domínio da investigação psicológica, propondo - para além das rotinas e dos mecanismos associativos do "eu superficial" — a sondagem do "eu profundo", duração pura e irreversível, permanente mudança qualitativa, irreplicação contínua.

(SILVA, 1974:VI)

Bergson foi, portanto, uma voz da metafísica em meio à força da escola positivista que era vigorosamente defendida na segunda metade do século XIX.

Influenciou a formação de uma fenomenologia francesa. Na apresentação da obra "Presença e Campo Transcendental" de Bento Prado Júnior — um dos principais estudiosos do pensamento bergsoniano no Brasil — Marilena Chauí, afirma:

Lendo este livro, perceberemos que, afinal, o que na França chamou-se existência deve menos ao Dasein heideggeriano e muito mais à duração bergsoniana; o que ali chamou-se força está muito mais próximo do impulso vital bergsoniano do que da vontade de potência nietszcheana.

(PRADO JUNIOR, 1989:13)

Foi através de uma pesquisa na Internet, em uma livraria virtual, que cheguei ao livro de PRADO JUNIOR e a partir dele senti necessidade de ler os livros de Bergson.

Essencialmente, Bergson identifica uma presença interna, diferente da presença corpórea externa. Refere-se que há um campo transcendental de imagens que cria uma subjetividade da matéria quando se realiza a percepção da própria matéria. Há no homem um movimento de captação da presença e apropriação da mesma em um processo de interiorização (ou subjetivação) para trazê-la para estar junto a si.¹⁷

Bergson chama a essa interioridade e o processo de interiorização de *duração*. É através da *duração* que se forma a consciência "como uma representação no campo transcendental das imagens"¹⁸. Essa interiorização cria na consciência do homem uma presença interna — um campo transcendental — a percepção da própria consciência. Ou seja:

O campo transcendental das imagens nos faz ver o nascimento da subjetividade na corporeidade interiorizada ou numa presença corporal ou "o surgimento, no seio da matéria, da percepção da própria matéria".

(PRADO JUNIOR, 1989:21)

Para Bergson a presença interna é essencialmente subjetiva. Entretanto, o homem — ao interpretá-la e incorporá-la a sua consciência, ou seja, em sua percepção — cria tal campo transcendental de imagens, ou seja, um campo transcendental. Ao ter a percepção de uma consciência, ao internalizar essa consciência, o homem incorpora a subjetividade em uma presença corporal. Corporifica o subjetivo.

O pensamento de Bergson dá fundamento à chamada "filosofia da vida". Procura explicar como a vida consciente acontece.

¹⁷ Ver Marilena Chauí em PRADO JUNIOR (1989:21).

¹⁸ Ver Marilena Chauí em PRADO JUNIOR (1989:20).

Identifica a dimensão do mundo composto de sólidos extensos, homogêneos e com delimitações claras: uma dimensão externa. Uma dimensão essencialmente física que é o domínio da *inteligência*. A *inteligência*, no pensamento de Bergson, é uma orientação para a ação no mundo e o mundo é essa dimensão exterior.

... a inteligência humana sente-se à vontade entre os objetos inertes, mais especialmente entre os sólidos, onde a nossa ação encontra o seu ponto de apoio, e a nossa indústria os seus instrumentos de trabalho; que os nossos conceitos foram formados à imagem dos sólidos; que a nossa lógica é, sobretudo, a lógica dos sólidos; que, por isso mesmo, a nossa inteligência triunfa na geometria, na qual se revela o parentesco do pensamento lógico com a matéria inerte, e onde a inteligência só tem de seguir o seu movimento natural, após o mais leve contacto possível com a experiência, para ir de descoberta em descoberta com a certeza de que a experiência a segue e lhe dará invariavelmente razão.

(BERGSON, 2001:7)

A *inteligência* é uma faculdade de sobrevivência e segurança material. Uma faculdade voltada para a captação de fenômenos, mas que é incapaz de compreender a vida. Porque a vida não está dentro da lógica física da matéria.

Constato em primeiro lugar que passo de um estado para outro. Tenho calor ou tenho frio, estou alegre ou estou triste, trabalho ou não faço nada, olho o que está à minha volta ou penso em outra coisa. Sensações, sentimentos, volições, representações, são essas as modificações entre as quais minha existência se divide e que a colorem alternadamente. Portanto, mudo sem cessar. Mas isso não é tudo. A mudança é bem mais radical do que se poderia pensar num primeiro momento.

(BERGSON, 2006b: 1)

Há, entretanto, uma outra dimensão. Uma dimensão interna onde podemos observar em nós mesmos uma realidade completamente diferente. Uma realidade qualitativa composta de elementos heterogêneos que não podem ser separados uns dos outros, pois se interpenetram. Uma realidade interior livre das leis da física. Sem espacialidade mensurável, mas que, entretanto apresenta uma *duração* totalmente dissociada das ciências da natureza. Uma *duração* sem tempo definido e que está em constante fluir.

... a multiplicidade dos estados de consciência, considerada em sua pureza original, não apresenta nenhuma semelhança com a

multiplicidade distinta que forma um número. Haveria aí, dizíamos, uma multiplicidade qualitativa. Em suma, seria preciso admitir duas espécies de multiplicidades, dois sentidos possíveis para a palavra distinguir, duas concepções, uma qualitativa e a outra quantitativa, da diferença entre o mesmo e o outro.

(BERGSON, 2006b: 12)

Essa dimensão interna é o domínio da *intuição*. Só através dela é que podemos entender a *duração-qualidade*: aquilo que é imensurável. Através da *intuição* é possível entender o campo transcendental das imagens e ser *presença* nele.

Há, pois, sintetizando esse pensamento de Bergson, dois domínios:

- o *domínio da matéria* que é dimensional, rígido onde nós experimentamos a nossa inteligência prática; e
- o *domínio da vida e da consciência*, no qual ocorre a *duração*, um tempo interno (kairós), que é o domínio da *intuição*.

Uma filosofia é uma faculdade do pensamento. Como não se pode utilizar da inteligência para desenvolver pensamentos, a filosofia é um campo de atuação da *intuição*. A *intuição* é, portanto, um método: um método do espírito.

Bergson desenvolve também uma *Teoria do Conhecimento* a partir de seu método intuitivo. Nessa teoria, desenvolve uma psicologia própria na qual nega o materialismo e o mecanicismo do pensamento. Afirma que não há ligação entre os fenômenos psicológicos e os fenômenos fisiológicos, negando a teoria que considera o pensamento como uma ação orgânica. Sua teoria é uma metafísica.

Bergson diferencia dois tipos de memória:

1. A *memória automática* que é mecânica e corporal. Está é a memória da automatização de movimentos e funções que se tornaram reflexos do corpo. Pode-se considerar, também, como um efeito dessa memória o fato de decorar um texto, ou um movimento que pretendo repetir.
2. A *memória pura* que se constitui por lembranças independentes.

Para diferenciar esses dois tipos de memória, Bergson criou o seguinte exemplo:

Estudo uma lição, e para aprendê-la de cor leio-a primeiramente escandindo cada verso; repito-a em seguida um certo número de vezes. A cada nova leitura efetua-se um progresso; as palavras ligam-se cada vez melhor; acabam por se organizar juntas. Nesse momento preciso sei minha lição de cor; dizemos que ela tornou-se lembrança, que ela se imprimiu em minha memória.

Examino agora de que modo a lição foi aprendida, e me represento as fases pelas quais passei sucessivamente. Cada uma das leituras sucessivas volta-me então ao espírito com sua individualidade própria; revejo-a com as circunstâncias que a acompanhavam e que a enquadram ainda; ela se distingue das precedentes e das subseqüentes pela própria posição que ocupou no tempo; em suma, cada uma dessas leituras torna a passar diante de mim como um acontecimento determinado de minha história. Dir-se-á ainda que essas imagens são lembranças, que elas se imprimiram em minha memória. Empregam-se as mesmas palavras em ambos os casos. Trata-se efetivamente da mesma coisa?

(BERGSON, 1999:85-6)

Certamente não! No primeiro caso trata-se de um exemplo de memória automática, no segundo um exemplo de memória pura.

Não quero me estender demais no pensamento de Bergson aqui. Sua filosofia adentra profundamente na questão da vida e da consciência em seu livro "O Pensamento e o Movente" (BERGSON, 2006c) no qual aprofunda a sua teoria da presença interna nas relações do homem consigo mesmo, enquanto reflexiona sobre os fenômenos do mundo material e navega por sua imaginação reflexiva. Nesse livro eu fiz uma leitura bastante rápida apenas para captar o seu "espírito". O mesmo fiz com outro de seus livros: "Duração e Simultaneidade" (BERGSON, 2006a) no qual ele estuda a Teoria da Relatividade de Einstein.

O que podemos extrair de Bergson e que será importante para a fundamentação deste trabalho de pesquisa é a idéia de *presença mental*, ou seja, a presença em pensamento e em face disso uma presença reflexiva. E essa *presença em espírito* acontece em um "mundo interno" do homem.

A pergunta que se coloca é:

— Mas, dado que existe de fato esse "mundo interno" em diferentes homens reflexivos, será que não há nenhuma espécie de conexão entre esses diferentes mundos internos?

Esta questão será retomada no **Capítulo 25** desta tese.

Capítulo 7 — Husserl: Eu Psicológico e Eu Transcendental

Sem esforço transcendental não se aprende. A aprendizagem é antes de mais nada um esforço para transcender-se. É importante ter a exata noção quando se pretende compreender algo que apresenta desafio. A intencionalidade de aprender deve estar presente em toda tentativa de aprendizagem.

O entendimento da teoria de Husserl relativa ao *ser psicológico e o ser transcendental* é um importante fundamento porque essa atitude intencional do aprendiz em aprender, conspira para a sua *presença*.

A fenomenologia é um método de transcendência. É um desvelamento contínuo e progressivo do ser, do mundo do ser-no-mundo. É o "conhece-te a ti mesmo"! É a questão do ser, uma busca constante do que se é. Um mergulho, antes de tudo, dentro de si mesmo. Como entender o mundo sem ser? É um método que estuda a consciência de nossas vivências e como essa consciência se transforma por influência dessas vivências. E consciência é, essencialmente, intencionalidade.

O *eu psicológico* é o eu que vive o mundo. Ele observa e traz para si o fenômeno do modo que ele é. É, pois, um *eu* mundanizado no espaço e no tempo. É uma imagem interna do meu eu natural corporificado no mundo.

A vida psíquica, de que fala a psicologia, sempre foi concebida como vida psíquica no mundo. Isso vale manifestamente também para minha própria vida, já que podemos captá-la e analisá-la na experiência puramente interna.

(HUSSERL, 2001:43)

O *eu transcendental* é aquele que vê o mundo com um conjunto de unidades de sentidos.

Devemos buscar esse conceito de transcendental e seu correlato, o conceito de transcendente, exclusivamente em nossa própria meditação filosófica. A esse respeito, vale ressaltar que se o eu reduzido não é uma parte do mundo, da mesma forma, inversamente, o mundo e seus objetos não são partes reais do meu eu. Não é possível encontrá-los em minha vida psíquica como partes reais dessa vida, como um complexo de dados sensoriais ou de atos psíquicos.

(HUSSERL, 2001:43)

Consciência que desvela a si mesma é uma consciência transcendental e revela o *eu transcendental*, o eu fundador de mundos, dado que para Husserl o mundo é obra do espírito. Estou falando do sentido do sentido, do fundamento do fundamento. O *eu transcendental*, enfim, como fundamento de todo o fundamento, e fora desse fundamento nenhum conhecimento é possível.

O *eu transcendente* é o eu que une os sentidos e desvela a si próprio. É o eu que implica em *transcendência*.

Essa transcendência é inerente no sentido específico de tudo o que faz parte do mundo, ainda que não possamos dar a esse "mundo" e a suas determinações nenhum outro sentido senão aquele que extraímos de nossas experiências, representações, pensamentos, julgamentos de valor e ações, da mesma forma que não podemos justificar a atribuição a esse mundo de uma existência evidente, a não ser partindo de nossas próprias evidências e atos.

(HUSSERL, 2001:43-4)

Assim, a partir da própria concepção, do *eu transcendente* que dá formação a toda consciência, que se fundamenta a transcendência.

Se essa "transcendência" de inerência irreal pertence ao sentido próprio do mundo, então o eu em si, que carrega nele o mundo como unidade de sentido e que justamente por isso é uma premissa necessária dele, esse eu chama-se transcendental no sentido fenomenológico do termo, e os problemas filosóficos decorrentes dessa correlação chamam-se problemas filosóficos transcendentais.

(HUSSERL, 2001:44)

Sendo filosofia pensar o fundamento, a filosofia que traz à luz o *eu transcendental* é uma *fenomenologia transcendental*.

É Husserl mesmo que se questiona:

— *Eu, que medito segundo o modo cartesiano, o que posso extrair do eu transcendental do ponto de vista filosófico?*

(HUSSERL, 2001:44)

E ele mesmo responde:

... pode ser que a descoberta cartesiana do eu transcendental revele também uma idéia nova do fundamento do conhecimento, a saber de um fundamento de ordem transcendental.

(HUSSERL, 2001:44)

O caminho da evolução do homem baseia-se em seu espírito, ou seja, na construção de sua própria consciência. É na própria consciência que o homem encontra fundamento para transcender a si mesmo. Quando deseja compreender algo é o seu espírito que vem em seu socorro e dá fundamento para essa compreensão.

Para conhecer-se a mim mesmo, para desvelar a existência do meu ser, eu busco o fundamento em mim mesmo. E ao desvelar minha própria existência eu encontro a possibilidade de ir além, ou seja, de transcender a mim mesmo.

Como se pode observar, o pensamento de Husserl é essencialmente subjetivo: *eu me baseio em mim mesmo para ir além de mim mesmo.*

A palavra *fundamento* aparece como a palavra-chave dessa filosofia. Mas o que é *fundamento*? O que é *fundamentar*?

BRITO, dá a sua interpretação conceitual:

Fundamentar é sustentar o que por si só é insustentável. Fundamento é aquilo que fundamenta, que sustenta aquilo que por si não é capaz de fazê-lo. Fundamento, portanto, não está contido naquilo que é fundamentado, mas é de algum modo exterior a ele,

outro que não ele, capaz de contê-lo e jamais nele contido. Aquele que contém em si o fundamento, funda-se a si mesmo, é fundamento. Perguntar pelo "sustenta a", e fazê-lo é se pôr desde um ponto de vista externo àquilo que é sustentado; é admirar o insustentado na sua situação de insustentável por si mesmo. Assim como o ar é o fundamento que sustenta o vôo da pomba, do mesmo modo, o mundo é a densidade que é fundamento do pensar e agir humano a partir de um ponto de vista que é propriamente aquele que está situado naquele que é fundamento, a saber: o mundo. Mas como perguntar pelo fundamento do mundo? Como se afastar do mundo para indagar por aquilo que o sustenta? Como perguntar pelo fundamento do fundamento? O Eu Transcendental não acaba sendo vácuo com que sonha a pomba?

(BRITO, 1997:181-2)

A ironia de BRITO, entretanto, não faz sentido. Porque o ar que sustenta a pomba é do físico, material, não pertence ao domínio espírito. O *eu transcendental* sustenta a si mesmo rumo à *transcendência* e diz respeito à evolução do homem. Não é tarefa da fenomenologia explicar o porquê dos pássaros voarem, o porquê do mar ser salgado, o porquê da existência de gelo na calota polar. São explicações do âmbito das ciências naturais.

A fenomenologia aplica-se aos fenômenos e o conceito de fenômeno é *aquilo que se explica por si só*. Relaciona-se ao ser-presente no aqui-e-agora que fundamenta o ser-futuro.

A aprendizagem é um fenômeno e, portanto, fundamenta-se em si mesma. Poderá um ser humano desvelar a si mesmo em sua existência e fundamentar baseado em suas próprias vivências — seus próprios fundamentos — o seu processo evolutivo. Ninguém e mais ninguém poderá além deste próprio ser na compreensão desse fenômeno, porque o fenômeno da aprendizagem baseia-se na historicidade do ser.

A pergunta que se coloca aqui é a seguinte:

— É a "presença" um fenômeno?

Esta questão será retomada no **Capítulo 26** desta tese.

Capítulo 8 — Gurdjieff: Consciência de Si

George Ivanovitch Gurdjieff nasceu em Alexandropol, hoje Leninakan na Armênia, por volta de 1866. Homem muito viajado e dotado de características mentais impressionantes mostrou-se ao mundo apenas ao completar 50 anos, nos cafés de São Petersburgo, na Rússia em 1916. Foi nessa época que conheceu P. D. Ouspensky que transcreveu uma série de cinco conferências proferidas por Gurdjieff que foram reunidas em um livro publicado no Brasil sob o título de "Psicologia da Evolução Possível ao Homem" (OUSPENSKY, 2002). Ouspensky acompanhou Gurdjieff de perto durante anos e relatou em "Fragmentos de um Ensino Desconhecido" (OUSPENSKY, 2004) o momento da vida de Gurdjieff na Rússia e sua vinda para o ocidente por causa da revolução socialista em 1917.

Na década de 1980 eu participei de um grupo de trabalho no Instituto Gurdjieff no Rio de Janeiro, um "grupo de trabalho sobre si" no qual, além de tomar contato com os ensinamentos de Gurdjieff, cheguei a participar de alguns exercícios voltados para a "consciência de si". O trabalho sobre si mesmo faz sentido porque segundo o pensamento de Gurdjieff:

O homem não se conhece. Não conhece nem os próprios limites, nem suas possibilidades. Não conhece sequer até que ponto não se conhece.

O homem inventou numerosas máquinas e sabe que, às vezes, são necessários anos de sérios estudos para poder servir-se de uma máquina complicada ou para controlá-la. Mas, quando se trata de si mesmo, ele esquece esse fato, ainda que ele próprio seja uma máquina muito mais complicada do que todas aquelas que inventou.

Está cheio de idéias falsas sobre si mesmo.

Antes de tudo, não se dá conta de que ele é realmente uma máquina.
(OUSPENSKY, 2002:8)

O homem é uma máquina?

O que quer dizer: "O homem é uma máquina"?

Quer dizer que não tem movimentos independentes, seja interior, seja exteriormente. É uma máquina posta em movimento por influências exteriores e choques exteriores. Todos os seus movimentos, ações, palavras, idéias, emoções, humores e pensamentos são provocados por influências exteriores. Por si mesmo, é tão-somente um autômato com certa provisão de lembranças de experiências anteriores e certo potencial de energia em reserva.

(Ouspensky, 2002: 9)

Como o homem não se conhece, faz sentido que o primeiro ensinamento de Gurdjieff seja voltado para que se desenvolva a atenção sobre si mesmo. E para tirar o homem desse automatismo, Gurdjieff desenvolveu toda uma gama de "trabalhos sobre si", para "o despertar de si mesmo".

Sem querer aprofundar muito sobre outros aspectos do pensamento de Gurdjieff, gostaria de chamar o foco para os "estados de presença" que ele descreve em seus ensinamentos.

Nos diversos estados que lhe são possíveis, o indivíduo está aí com os seus diversos constituintes. No entanto, o desenvolvimento respectivo destes, as suas relações recíprocas e a sua qualidade de funcionamento, mudam. Através dos diversos estados, a estrutura permanece a mesma, mas a qualidade da vida não é mais a mesma.

(Vaysse, 1993:53)

São quatro os "estados de presença" admitidos por Gurdjieff:

1. Sono.
2. Vigília.
3. Consciência de si.
4. Consciência objetiva.

O primeiro estado é o sono: estado passivo, no qual o homem não pode fazer nada, mas em que regenera as suas forças. Ele passa nesse estado um terço e, muitas vezes mesmo, metade da sua vida. Esse estado de consciência passiva é apenas povoado de sonhos que o homem considera como irreais.

O segundo é o estado de vigília: estado que o homem considera ativo e no qual passa a outra metade da vida. Nesse estado, ele circula, age, realiza negócios, fala de política, atropela ou mata o seu próximo, discute assuntos sublimes e se reproduz. Ele chama esse estado de estado de vigília da consciência ou estado de consciência lúcida; no entanto, esse estado não é mais do que uma caricatura, e o menor estudo imparcial mostra, de imediato, que tal estado de vigília é passivo e que, nele, o homem não dispõe de nenhuma "lucidez", está, no máximo, num estado de consciência "relativa".

(VAYSSE, 1993:54)

Creio que o primeiro estado é isso mesmo, talvez eu não considerasse meus sonhos tão irrealis, especialmente depois de mais familiarizado com as teorias de Bergson e de Husserl, apresentadas anteriormente. Os sonhos fazem parte de nós são mergulhos em nosso inconsciente. Mas, enfim, é mesmo um estado passivo.

Na década de 70 eu escrevi um conto intitulado "Matinata"¹⁹ e que se desenvolve justamente na passagem do *estado 1* para o *estado 2* segundo o pensamento de Gurdjieff.

O *estado 2* é o estado que entramos quando realizamos automaticamente tarefas cotidianas. Quando dirigimos um carro e depois não nos lembramos do percurso é um indicador que ligamos o "piloto automático" durante o percurso. Realizamos nesse estado a maioria das tarefas diárias: vemos TV, assistimos aulas, andamos na rua, comemos, realizamos trabalhos que não necessitam de reflexão alguma etc. Segundo Gurdjieff, se passamos mais de um terço de nossas vidas no *estado 1* outra boa parte dos dois terços que restam passamos no *estado 2*. Ou seja, em processos automáticos de viver.

O terceiro estado de presença é o estado de consciência de si, ou consciência do seu próprio ser. Nele o homem se vê tal qual é e se torna objetivo em relação a si mesmo; é, a bem da verdade, o estado de consciência "subjetiva". Admite-se, geralmente, que o homem possui esse estado de consciência e, efetivamente, pela sua natureza tricêntrica²⁰, teria naturalmente direito a ele. Mas, em consequência das condições anormais da sua existência (na qual o homem toma continuamente os seus sonhos como realidades), ele não só não possui esse estado de consciência como não percebe que ele lhe falta. Desse estado o homem comum tem apenas lampejos, cuja significação nem mesmo compreende.

¹⁹ FAGUNDES DA SILVA: <http://claudioalex.multiply.com/journal/item/47> consultado em 5/9/2006.

²⁰ Refere-se aos três centros: motor, mental e emocional.

(VAYSSE, 1993:54)

Gurdjieff considera que temos sonhos que consideramos irreais — aqueles que temos durante o sono — e sonhos que consideramos reais — aqueles que temos quando estamos em estado de vigília, ou seja, em nossas fantasias. Dentro de sua formulação esse seria o estado normal do ser humano, entretanto, a maior parte do tempo cotidiano, o homem permanece absorto em suas fantasias e imaginação. Ou seja, divaga, não está atento em si e no que está fazendo. Não está pensando, refletindo. Está "viajando" em fantasias que cria e que absorvem a maior parte de sua energia vital.

O quarto estado de presença é o estado de consciência "objetiva". Nele o homem poderia entrar em contato com o mundo real objetivo (de que está "separado" pelos sentidos, pelos sonhos, pelos estados subjetivos de consciência) e assim poderia perceber as coisas como são. Mas esse estado não lhe é dado naturalmente e só pode resultar de uma transformação interior e de um longo trabalho sobre si. Como no caso do estado de consciência de si, o homem comum só tem lampejos dele, que sequer nota; só tem lampejos dele de que se lembre no estado de consciência de si. No entanto, sobre o quarto estado o homem comum tem muitas informações teóricas, a partir das quais imagina poder alcançá-lo diretamente. Postos de lado fraudes e simulacros, todas as religiões contêm descrições e testemunhos dele, que qualificam de êxtase, iluminação ou diversos outros nomes. E muitas vezes o homem vai à sua procura, sem compreender que o único caminho correto para a consciência objetiva passa pelo desenvolvimento da consciência de si. Aliás, uma das particularidades do estado de consciência comum (o segundo estado) é que os conhecimentos autênticos que ele pode conter estão continuamente mesclados com sonhos e imaginações, que, finalmente, os submergem.

(VAYSSE, 1993:54-5)

Ou seja, apenas no *estado 4* o homem estaria apto a apreender o fenômeno na exata realidade que ele realmente é. Nos demais estados, a mente seria dominada por significações delirantes e associaria a percepção com fantasias.

Deixemos nossa atenção sobre o *estado 4* de presença como uma possibilidade a ser alcançada e foquemos, de novo, o *estado 2*:

— Não seria esse "estado de presença 2", descrito por Gurdjieff, que vemos em nossos alunos quando os olhamos e percebemos com olhares vidrados absortos em si mesmos?

Esta questão será retomada no **Capítulo 27** desta tese.

Capítulo 9 — Buber: Eu e Tu

Relação é reciprocidade. Meu Tu atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele. Nossos alunos nos formam, nossas obras nos edificam. O "mau" se torna revelador no momento em que a palavra-princípio sagrada o atinge. Quanto aprendemos com as crianças e com os animais! Nós vivemos no fluxo torrencial da reciprocidade universal, irremediavelmente encerrados nela.

(BUBER, 2003: 18)

Martin Buber nasceu em Viena no ano de 1878. Judeu, aprendeu com seu avô a leitura e a fala do hebreu. É dele a tradução da *Torah*²¹ para o alemão. Em sua formação recebeu influência direta do pensamento de Feuerbach e de Kant. Seu pensamento não era relacionado com nenhuma escola específica. Não tinha nenhuma relação com a Academia. Sua obra enaltece a relação e o diálogo. Foi festejado por Bachelard que assinou a edição francesa de seu livro *Eu e Tu*. Morreu em Jerusalém em 1965.

O homem é enquanto no mundo. O significado da existência está na vivência do mundo. Assim, o ser só tem significado quando é no mundo. E na vivência do mundo está a vivência com o outro. No encontro do Eu com o Tu está uma fonte de transcendência.

— *Que experiência pode-se então ter do Tu?*

— *Nenhuma, pois não se pode experienciá-lo.*

— *O que se sabe então a respeito do Tu? Somente tudo, pois, não se sabe, a seu respeito, nada de parcial.*

(BUBER, 2003: 12)

²¹ Bíblia judaica.

A vivência que se tem com o Outro é essencialmente imparcial. Se não for imparcial, não será vivência. Estaríamos experimentando o Outro que existe dentro de nós e não o Outro real. Estaríamos vivenciando uma imagem em nós em não com o Outro. Vivenciar o Outro é viver um encontro.

A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre Eu e o Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro.

(BUBER, 2003: 13)

No encontro com o Outro, a qualquer momento irrompe o inesperado. Não se pode dizer — em um encontro — que o Outro é previsível, pois se fosse previsível não seria um encontro. Nesse sentido, colocar-se disponível para o encontro é como mergulhar em um oceano. Em um encontro não é como se assistíssemos o oceano da praia.

... aí não se conhecerá permanecendo na praia contemplando as espumas das ondas. Deve-se correr o risco, é necessário atirar-se na água e nadar.

(VON ZUNBEN, 2003a: 75, citando Buber)

Colocar-se disponível para o encontro é estar pronto para ser-no-mundo. Só se realiza o ser-no-mundo quando e enquanto ocorre o encontro. E quando mergulho nesse oceano, coloco-me diante da imprevisibilidade. E a imprevisibilidade do encontro coloca o Eu em permanente estado de desconstrução e reconstrução.

A contemplação autêntica é breve; o ser natural que acaba de se revelar a mim no segredo da ação mútua, se torna de novo descritível, decomponível, classificável, um simples ponto de interseção de vários ciclos de leis. E o próprio amor não pode permanecer na relação imediata; ele dura, mas numa alternância de atualidade e de latência. O homem que, agora mesmo era único e incondicionado, não somente à mão, mas somente presente, que não podia ser experienciado, mas somente tocado, torna-se de novo um ELE ou ELA, uma soma de qualidades, uma quantidade com forma. Agora eu posso, de novo, extrair dele o colorido de seus cabelos, de

sua voz ou de sua bondade; porém enquanto eu fizer isso, ele não é mais meu Tu ou não se transformou ainda novamente em meu Tu.

(BUBER, 2003:19-20)

Os encontros são breves. A presença vivenciada em uma relação imediata "tão logo esta tenha deixado de atuar ou tenha sido impregnada por meios" (BUBER, 2003:19) entrega o Outro a um sentido de objeto. Desfaz-se o encontro e o Outro passa a viver em nossa imagem de presença. Uma mera recordação.

A atualização da obra em certo sentido envolve uma desatualização em outro sentido.

(BUBER, 2003:19)

O encontro é relação. Não é Eu no Tu. Acontece no intermédio entre Eu e Tu. Não é o Tu-em-Eu. O Tu-em-Eu é uma imagem do Tu. O Tu transforma-se em objeto no momento que incorporado em mim.

O ser só é no mundo. Ou seja, em sua comunidade. A comunidade é formadora do ser.

A educação comunitária, tal como encontramos na literatura existente, consiste em qualificar ou equipar o homem em desenvolvimento com a capacidade de se orientar diante de grandes objetivos, tais como, sociedade, Estado, partido, associações nos quais a vida irá situá-lo. A educação comunitária fará com que o homem se torne um membro útil, produtivo no seio destas diversas modalidades de associações, social, política, vale dizer, que ele não seja simples roda que só gire em torno de seu eixo, mas uma pessoa, uma roda equipada com dentes e, assim, esteja apta a engrenar em outras rodas deste enorme aparato e seja capaz de participar deste imenso e complicado movimento global.

(BUBER, 1987:82)

A comunidade transfere para o indivíduo o senso comum. Forma o indivíduo no sentido de ser colaborativo e cooperativo para o bem comum.

Desligado de sua comunidade por uma catástrofe o ser perde seu sentido e certamente irá buscar integrar-se em outra comunidade que lhe sirva de referência em seu existir.

Compreendi, então, que sentido tem para um indivíduo, ser separado, por força de uma catástrofe, de um todo social, de uma sociedade com evidente valor para nós, de um Estado, de uma nação, ou, vale dizer, que sentido tem para uma multidão de indivíduos decompor-se em seus elementos constitutivos após uma catástrofe. E agora no caso do indivíduo em particular. Do estado de vínculo de evidente legalidade passa para a sua liberdade e isolamento individuais, experimentando grande angústia; procura agora o caminho, alguma via para o vínculo, para a comunidade, para o "não-abandonar-se-mais". Esta é, de certo modo, a história espiritual do homem da época do pós-guerra. A história de um homem que foi excluído de um contexto social que lhe era familiar, evidente, quase tão evidente como um organismo ao qual uma individualidade, denominada órgão, está vinculada, e agora, sobrevém a dúvida de tal existência em descobrir o caminho certo sem voltar-se para trás, mas de algum modo a atingi-lo.

(BUBER, 1987:104)

Toda Educação é em si mesma uma educação comunitária. Tem a finalidade de inserir o indivíduo em uma comunidade. E o indivíduo desvinculado de sua comunidade vivencia a angústia de não-ser.

Assim sendo, posso admitir que toda educação seja sempre inclusiva e quando a educação falha em ser inclusiva será que pode ser considerada educação?

Ao tomar contato com o pensamento de Buber retornei às minhas questões e perguntei a mim mesmo se nas minhas vivências como educador eu me coloquei disponível para o encontro durante as sessões com meus alunos. Lembro-me que sim, algumas vezes, não sempre.

Vem-me então uma primeira pergunta:

— Não deveria, sempre, realizar-se em cada interação entre professor e aluno — e vice-versa — essa disponibilidade para o encontro?

Mas se é necessário reciprocidade para o encontro não basta colocar-se disponível. É necessário que também o Outro se coloque disponível.

E, então, surge uma outra pergunta:

— O sentido de presença não é resultante do encontro?

Esta questão será retomada no **Capítulo 28** desta tese.

Capítulo 10 — Merleau-Ponty: O Intermundo

Maurice Merleau-Ponty nasceu em 1908 em Rochefort sur Mer, no departamento de Charente-Maritime no oeste de França. É um dos principais seguidores do pensamento de Heidegger e muito ligado a Sartre de quem era amigo pessoal. Faleceu de ataque cardíaco em 1961.

Interessam, no contexto desta tese, alguns conceitos importantes introduzidos por Merleau-Ponty em suas obras "Fenomenologia da Percepção" (MERLEAU-PONTY, 1999) e "A Estrutura do Comportamento" (MERLEAU-PONTY, 1975).

Em "A Estrutura do Comportamento" (MERLEAU-PONTY, 1975) desenvolve seu raciocínio sobre a questão da relação entre consciência e natureza, esta última compreendida como uma multiplicidade de acontecimentos exteriores uns aos outros e ligados por entrelaçamentos de causalidade.

E uma crítica ao realismo:

*Todas as dificuldades do realismo advêm justamente de haver querido converter em uma ação causal essa relação original e inserir a percepção na natureza. Desde que a **presença** ou a apresentação de uma "coisa" à consciência, em lugar de permanecer, como na experiência ingênua, uma relação ideal, é interpretada como uma operação real da coisa sobre o corpo e sobre o sujeito que percebe, torna-se impossível reconstituir a título de efeito o conteúdo descritivo da percepção, o espetáculo efetivo do mundo.*

(MERLEAU-PONTY, 1975:226).

Em "Fenomenologia da Percepção" (MERLEAU-PONTY, 1999) estabelece uma relação entre corpo e espacialidade. Desenvolveu conceitos de mundo, espaço, tempo, agência humana e liberdade, dentro de um contexto perceptual. Merleau-Ponty rejeita a idéia de que o mundo é conhecido na percepção sensorial, como supunham os sensualistas e os filósofos enfocados nos sentidos.

A análise reflexiva substitui a existência absoluta do objeto pelo pensamento de um objeto absoluto e, querendo sobrevoar o objeto, pensá-lo sem ponto de vista, ela destrói sua estrutura interna.

(MERLEAU-PONTY, 1999:275)

Merleau-Ponty rejeita a idéia de que tudo é uma questão de juízo. A fim de compreender o mundo, é necessário ir além do "preconceito do mundo objetivo" e chegar a uma consciência pré-objetiva que envolve um "mundo vivido" e no qual o corpo surge com um papel fundamental.

O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema.

(MERLEAU-PONTY, 1999:273)

Especialmente importante para a minha tese é o capítulo IV da Parte 2 de "Fenomenologia da Percepção" intitulado "Outrem e o Mundo Humano".

Estou lançado em uma natureza, e a natureza não aparece somente fora de mim, nos objetos sem história, ela é visível no centro da subjetividade. As decisões teóricas e práticas da vida pessoal podem apreender, à distância, meu passado e meu porvir, dar ao meu passado, com todos os seus acasos, um sentido definido, fazendo-o acompanhar-se por um certo porvir do qual se dirá, depois, que ele era a preparação, podem introduzir a historicidade em minha vida: esta ordem tem sempre algo de factício.

(MERLEAU-PONTY, 1999:463)

A natureza, o mundo, se mistura comigo. Estou vivo e me integro àquela realidade como parte dela. E ao mesmo tempo — nessa consciência, aqui-e-agora — mistura-se o eu-era com o eu-a-ser como se a consciência atemporalizasse a existência.

Assim como a natureza penetra até no centro de minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural.

(MERLEAU-PONTY, 1999:465)

Da mesma forma com que eu absorvo o mundo em minha interioridade, meus comportamentos são absorvidos pelo mundo sob aquilo que nós chamamos de cultura.

Não tenho apenas um mundo físico, não vivo somente no ambiente da terra, do ar e da água, tenho em torno de mim estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios, uma sineta, uma colher, um cachimbo. Cada um desses objetos traz implicitamente a marca da ação humana à qual ele serve.

(MERLEAU-PONTY, 1999:465)

Quando observamos um utensílio do mundo não incorporamos só a imagem daquele objeto. Incorporamos o senso utilitário que há nele. Trazemos para nós, junto com o utensílio a percepção de sua utilidade e suas reações face à sua utilidade.

Cada um emite uma atmosfera de humanidade que pode ser muito pouco determinada, se se trata de algumas marcas de passos na areia, ou ao contrário muito determinada, se visito todos os cômodos de uma casa recém-desocupada. Ora, se não é surpreendente que as funções sensoriais e perceptivas depositem diante de si um mundo natural, já que elas são pré-pessoais, podemos admirar-nos de que os atos espontâneos pelos quais o homem enformou sua vida se sedimentem no exterior e ali levem a existência anônima das coisas. A civilização da qual eu participo existe para mim com evidência nos utensílios que ela se fornece.

(MERLEAU-PONTY, 1999:465)

Cada objeto traz incorporado em si a marca de sua humanidade. O objeto é sua composição física ou sensorial, mas é, também, o espírito humano que fez dele objeto.

Para mim um recanto à beira do rio poderá ser povoado de recordações, lembranças trazidas de momentos vivenciados no passado. O ambiente ficou impregnado desses momentos. Para um transeunte que nunca esteve ali antes

pode ser apenas uma lembrança do vento, que passa, que por ali já passou antes e tornará a passar.²²

Quer se trate dos vestígios ou do corpo de outrem, a questão é saber como um objeto no espaço pode tornar-se o rastro falante de uma existência, como, inversamente, uma intenção, um pensamento, um projeto podem separar-se do sujeito pessoal e tornar-se visíveis fora dele em seu corpo, no ambiente que ele se constrói.

(MERLEAU-PONTY, 1999:467)

Esses rastros podem levar-me a compor uma imagem em minha mente, como uma tela, repassar umas séries de cenas captadas na memória como se fosse um filme do passado. Mas também é possível que essa tela me leve para o futuro, projetando no ambiente uma vivência virtual e desejada.

Ora, diante de mim outrem seria um em si, e todavia ele existiria para si, para ser percebido ele exigiria de mim uma operação contraditória, já que ao mesmo tempo eu deveria distingui-lo de mim, portanto situá-lo no mundo dos objetos, e pensá-lo como consciência, quer dizer, como essa espécie de ser sem exterior e sem partes ao qual só tenho acesso porque ele sou eu, e porque nele se confundem aquele que pensa e aquele que é pensado. Portanto, no pensamento objetivo não há lugar para outrem e para uma pluralidade de consciências.

(MERLEAU-PONTY, 1999:468)

A existência é essencialmente pessoal. Não é possível obter de outrem a sua própria percepção do mundo. Sempre é e será, para mim, um Tu-em-Mim a percepção de outrem em minha consciência. E, no entanto, em sendo uma outra consciência diversa da minha consciência há a possibilidade de encontro ou desencontro.

(...), precisamos aprender a reconhecer a comunicação das consciências em um mesmo mundo. Na realidade, outrem não está cercado em minha perspectiva sobre o mundo porque esta mesma perspectiva não tem limites definidos, porque ela escorrega espontaneamente na perspectiva de outrem e porque elas são ambas recolhidas em um só mundo do qual participamos todos enquanto sujeitos anônimos da percepção.

²² Uma menção ao poema de Fernando Pessoa, como Alberto Caeiro: "O Guardador de Rebanhos", subtítulo X. (PESSOA, 1974:231).

(MERLEAU-PONTY, 1999:469)

Mais importante que o encontro físico é o encontro de consciências. A distância não-espacial existe sempre, dado que as perspectivas do eu e do outro dão sempre diferentes. Mas na comunicação interconsciente as percepções se tangenciam pelo diálogo e intermediação de perspectivas sobre os objetos.

Concluo um pacto com outrem, resolvi viver em um intermundo no qual dou tanto lugar ao outro quanto a mim mesmo. Mas esse intermundo é ainda um projeto meu, e haveria hipocrisia em acreditar que quero o bem de outrem assim como o meu, já que mesmo esse apego ao bem de outrem ainda vem de mim. Sem reciprocidade, não há alter Ego, já que agora o mundo de um envolve o do outro, e já que um se sente alienado em benefício do outro.

(MERLEAU-PONTY, 1999:478)

O *intermundo* é a onde acontece a comunicação de consciências. Para que se torne possível o *intermundo* é necessário que o eu e o outro façamos um pacto que seja um bem para ambos. O *intermundo* é a interpenetração e interenvolvimento do eu e do tu.

Se nem um nem outro são consciências constituintes, no momento em que vamos nos comunicar e encontrar um mundo comum pergunta-se quem comunica e para quem este mundo existe. E se alguém comunica-se com alguém, se o intermundo não é um em si inconcebível, se ele deve existir para nós dois, então a comunicação rompe-se novamente e cada um de nós opera em seu mundo privado (...)

(MERLEAU-PONTY, 1999:478-9)

Se as duas consciências que tentam pactuar um encontro não são *consciências constituintes*, se não é possível o benefício mútuo por causa de bloqueio decorrente de egocentrismo por parte de algum dos pactuantes, eu e/ou o outro percebemos que o benefício não é bilateral e o pacto, por desequilíbrio, é rompido.

(...) assim como dois jogadores operam em dois tabuleiros de xadrez distintos, a 100 quilômetros um do outro. Ao menos os jogadores podem, por telefone ou por correspondência, comunicar-se suas decisões, o que significa dizer que eles fazem parte do mesmo mundo. Ao contrário, eu não tenho, rigorosamente, nenhum terreno

comum com outrem, a posição de outrem com seu mundo e a posição de mim mesmo com meu mundo constituem uma alternativa.

(MERLEAU-PONTY, 1999: 479)

Semelhante aos encontros que ocorrem no ciberespaço a distância física não é negativamente determinante para o pacto e o encontro de consciências. Assim, pergunto:

— **Existe presença mesmo havendo distância física entre as consciências?**

Esta questão será retomada no **Capítulo 29** desta tese.

Capítulo 11 — Lévy: Virtualidade e Presença

Pierre Lévy nasceu em 1956, na cidade de Túnis (Tunísia). Realizou seus estudos na França, doutorou-se em Sociologia e em Ciências da Informação e da Comunicação. Lecionou em várias universidades de Paris e Montreal. Atualmente é professor da UQTR (Université du Québec à Trois-Rivières), na cidade de Quebec, Canadá. Presta serviço a vários governos, organismos internacionais e grandes empresas sobre as implicações culturais das novas tecnologias. É autor de uma dezena de obras filosóficas sobre a cultura do mundo virtual e as novas tecnologias.²³

No texto que se segue adentro em alguns conceitos abordados por Pierre Lévy, tais como: virtual, virtualidade e presença. Trata-se de uma aproximação conceitual para o aprofundamento das questões do ser no ciberespaço.

O virtual não é uma ausência de existência. O virtual pode ser definido com um estágio de um processo permanente, ou como uma visualização prematura de um vir-a-ser, um devir.

Os textos de Pierre Lévy têm sido muito difundidos, muito aplaudidos por alguns e criticados com a mesma intensidade por outros. Muito criticados – especialmente – por alguns setores da academia. Isso seria até certo ponto explicável, quando se observa, que no decorrer da história, os filósofos não têm nenhuma garantia de aceitação ou compreensão imediata, por mais que tenham como proposição difundir a clareza. Há de se considerar que a clarificação e absorção de conceitos

²³ Biografia extraída de: http://www.escolanet.com.br/levy/levy_biog.html em 11/09/2006.

quase sempre demandam um tempo de maturação e um trabalho de elucidação, desvelamento e busca de sentido.

Pode-se dizer que os filósofos e os pensadores – como Pierre Lévy se classifica – não são imediatamente compreendidos nem mesmo em seu ambiente imediato. Dá-se a essa palavra "*ambiente*", tanto um sentido disciplinar, como um sentido geográfico.

Os filósofos e pensadores estão longe de ser unanimidades, especialmente pelos seus pares. Não se apresentam como uma coesão absoluta de verdades. Dá-se, também, um sentido mesmo departamental a esse *ambiente de disputa teórica*, dado que competições de pensamento acadêmico, dentro de um mesmo departamento, são muito comuns.

Entretanto, são também comuns que ressonâncias de pensamentos ecoem, muitas vezes em lugares geograficamente afastados. Mesmo em outras ciências diferentes da disciplina originária, manifestam-se ressonâncias como resultado de reflexões interdisciplinares. E esses encontros de pensamentos, essas ressonâncias, quando refletidas em outros contextos disciplinares dão potência à formação e à consolidação de uma rede de pensamentos que se realimentam e se reproduzem continuamente.

Há ainda um sentido temporal a ser agregado ao conceito de ambiente: quase sempre um pensador é agente de um processo que se desenvolve e vai além da temporalidade desse pensador.

Faz-se, pois, uma tentativa de entender – de desvelar – alguns conceitos primordiais do pensamento de Pierre Lévy, dado que este tem sido uma voz muito ativa e participativa no mundo atual. Pierre Lévy guiará, conduzirá a leitura com o seu pensamento. Buscar-se-á – nele mesmo e em suas referências – esclarecimentos conceituais com a finalidade de melhor compreender o seu pensamento.

Há consciência de que se navega em um oceano ainda muito pouco navegado e que precisa ser desbravado. A qualquer momento poderá surgir a necessidade de rever conceitos talvez cristalizados e que, repentinamente, numa nova dinâmica, absorvem novos sentidos e significados.

O Virtual

O virtual não é uma ausência de existência!

(LÉVY, 1996: 15)

O virtual é o que existe em potência e não em ato. Contrapõe o virtual ao atual, negando, com veemência, a oposição entre virtual e real.

O virtual tem o sentido do seguinte aforismo:

A árvore está virtualmente presente na semente.

(LÉVY, 1996: 15)

A árvore é, pois, o devir da semente, estando nesta, assim, já presente.

O virtual não se opõe, portanto, ao real e sim ao atual, afirma Lévy. O virtual não é o possível, pois contém em si todas as características do real. O virtual não é uma possibilidade, não é uma latência: é uma potência em si de ser.

Lévy recorre a Gilles Deleuze (*in Différence et Répétition, 1966*)²⁴ para explicar que o possível, esse sim, se assemelha ao real, havendo entre ambos uma diferença "puramente lógica". O possível é um real no limbo e que pode realizar-se (ou não), a qualquer tempo. O possível permanece como uma realidade "fantasmagórica", capaz de realizar-se quase que instantaneamente, mas possivelmente dentro de determinadas condições.

Já o virtual é um nó de uma rede de tendências ou vetores que acompanham:

- uma situação;
- um acontecimento (ou um fato);
- um objeto; ou
- uma entidade.

²⁴ Citado em (LÉVY, 1996: 15).

O virtual é algo que está em processo permanente de resolução.

O ente carrega as potências de ser e as reproduz. O virtual é potência de ser e, assim, já é em termos de devir. Ou seja, o ente, no decorrer de sua historicidade, carrega as suas potencialidades de ser.

Esse potencial de ser, constitui o devir do ser de um ente, trazendo em si a sua teia – a sua rede – de problemáticas, seus centros de tensões, coerções, enfim, projetos que o animam.

Segundo Lévy, o processo que se desenvolve no sentido do virtual para o atual é conceituado como atualização. O que quer dizer: a construção do devir a partir de uma virtualidade.

A Virtualização

A **virtualização** – no conceito de Lévy – é uma desconstrução da realidade em busca de uma teoria. Nesses termos se constitui uma metapotencialização do real. Teoriza a realidade em busca de novos sentidos, novas janelas, de novos pontos de vista.

Virtualizar um ente significa trazer novas interrogações sobre seu ser e abrir novas possibilidades de contatos – via desvelamentos – com o ser desse ente.

De modo semelhante – através da virtualização – abrem-se novas redes de compreensão de situações, acontecimentos e objetos.

Quando esse ente é o homem – o ente privilegiado no sentido heideggeriano do termo – o conceito de virtualização de Lévy se aproxima muito da ontologia do ser, da fenomenologia de Heidegger.

Esse sentido de desconstrução da realidade proposto por Lévy tem, pois, fortes pontos de contato com o processo de desvelamento do ser em busca de recompor a sua historicidade. Digamos que um dos processos de análise que Lévy se apropria no processo analítico da desconstrução do ser é o método ontológico de Heidegger.

O processo de virtualização de Lévy vê a realidade objetiva como um caso particular de uma problemática mais abrangente.

Supondo que haja uma **meta-realidade** potencializada. Sugere que – para uma compreensão da realidade objetiva – essas potencialidades sejam estudadas e analisadas.

Assim, desloca-se a ênfase ôntica reconhecida no ente atual para a ontologia do ser desse ente. Só que o ente focalizado por Pierre Lévy é o mundo e não propriamente o homem. Desta maneira, a virtualização do mundo é vista por Lévy como o vetor potencializador de um "novo mundo teórico". E a partir desse "novo mundo teórico" insere-se no mundo atual a semente de uma nova realidade potencial e objetiva em processo de construção.

Retrata-se, pois, um processo evolutivo do próprio mundo. Um processo de expansão de consciência e inteligência coletiva do mundo a partir do próprio mundo.

Caberá aqui – neste pensamento – introduzir a análise do ser deste ente privilegiado: o homem; nesse mundo virtualizado.

Concluindo, as questões que se colocam aqui são:

— É o ciberespaço um mundo?

— Se é verdade que o ciberespaço é um mundo, viver esse mundo não seria presença em seu próprio sentido?

Essas questões serão retomadas no **Capítulo 30** desta tese.

Dedico a **Parte 3** desta tese para apresentar a minha concepção sobre a presença no ciberespaço.

Parte 2:

Ser e Tempo

Capítulo 12 — Introdução a Ser e Tempo

Capítulo 13 — Fenomenologia do Ser

Capítulo 14 — Pre-sença

Capítulo 15 — Analítica da Pre-sença

Capítulo 16 — Ser-no-Mundo

Nesta **Parte 2** eu faço uma imersão na obra de Martin Heidegger (HEIDEGGER, 2002). A minha tarefa aqui é tornar mais fácil a leitura de Heidegger. A minha intenção é colocar a minha leitura de Heidegger e enfatizar os pontos-chaves da fundamentação teórica que necessito.

No **Capítulo 12** faço uma introdução leitura de Ser e Tempo Heidegger (HEIDEGGER, 2002).

O **Capítulo 13** apresenta a fenomenologia e o método fenomenológico. Especialmente apresenta a fenomenologia ontológica, que é a metodologia que segui nesta tese. O método fenomenológico de investigação, introduzido por Heidegger, é apresentado em sua concepção original:

- introdução ao método fenomenológico de investigação;
- o conceito de fenômeno;
- o conceito de logos;
- o conceito de fenomenologia.

No **Capítulo 14** eu apresento o conceito de Pre-sença de Heidegger. Heidegger utiliza o hífen para diferenciar o seu sentido do sentido tradicional de presença. Trata-se aqui de uma presença pura em estado potencial de ser.

No **Capítulo 15** apresento a analítica da pre-sença, onde estão:

- o tema da analítica da presença;
- a delimitação da analítica da pre-sença, face à antropologia, a psicologia e a biologia;
- a analítica existencial e a interpretação da pre-sença.

No **Capítulo 16** está o conceito de ser-no-mundo. Segundo Heidegger a pre-sença se realiza no mundo. Não se pode ser senão no mundo. Assim sendo, o conceito de ser-no-mundo complementa o sentido de pre-sença.

Capítulo 12 — Introdução a Ser e Tempo

"Presença (ser) pertence à clareira do ocultar-se (tempo). Clareira do ocultar-se (tempo) produz presença (ser)."

(STEIN, 2002: 83)

Ernilo Stein está citando (vide aspas) um trecho da Carta ao Humanismo (HEIDEGGER, 1991). Conforme o texto da citação, traduzida diretamente do alemão por Stein, pode-se verificar que **a questão da presença é a própria questão do ser**. Para a questão do ser existe todo o referencial ontológico desenvolvido por Heidegger em *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 2002). Por essa razão escolhi Heidegger, especialmente essa obra citada, como a principal referência e fundamento para esta tese.

Entretanto, a leitura de *Ser e Tempo* não é uma leitura linear. É uma leitura complexa e entre todos os estudiosos de Heidegger não há consenso na compreensão dos conceitos introduzidos. Os estudiosos divergem entre si.

A própria tradução de *dasein* gera controvérsia. Enquanto, Ernilo Stein traduz como "ser-ali", CARNEIRO LEÃO (2002) irá traduzir como "pre-sença".

Segundo Derrida, em entrevista concedida à emissora de TV a cabo Globo News (programa Milenium), Heidegger chegou a dizer que é impossível filosofar em francês. Isso porque não concordava com a tradução de *dasein* para *être-ici* (ser-aqui). Segundo Heidegger entendia que a tradução mais correta seria *être-le-là* ("ser o lá").

Assim, o que apresento aqui a minha leitura a partir de uma hermenêutica pessoal. Um desvelamento muito pessoal.

Haverá discórdia quanto à minha leitura, mas eu não poderia ler com a leitura de outros. Seria um absurdo face ao próprio pensamento que Heidegger se eu não apresentasse aqui a minha leitura.

Assim, só a minha leitura poderia estar aqui.

A pre-sença é um ente que, na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta. Com isso, indica-se o conceito formal de existência. A pre-sença existe. Ademais, a pre-sença é o ente que sempre eu mesmo sou. Ser sempre minha pertence à existência da pre-sença como condição que possibilita propriedade e impropriedade. A pre-sença existe sempre num destes modos, mesmo numa indiferença para com eles.

(HEIDEGGER, 2002:90)

Capítulo 13 — Fenomenologia do Ser

A obra de Heidegger Ser e Tempo é, antes de tudo, uma aplicação da fenomenologia como método. Ao mesmo tempo em que se introduz o método, aplica-se o método na recolocação da questão do ser.

Ser e Tempo é uma obra dividida em duas partes antecedidas por uma introdução. É uma obra incompleta.

Ao publicá-la em 1926-7, Heidegger prometia a sua complementação, uma "outra metade", que jamais foi escrita no decorrer de sua vida. Mas não se pode dizer que ele não a tenha continuado. Quem tem às mãos as obras posteriores de Heidegger como, por exemplo, Os Conceitos Fundamentais da Metafísica (HEIDEGGER, 2003), publicada originalmente em 1975 — um ano antes de sua morte e quase 50 anos após a publicação de Ser e Tempo — observará que a questão do ser, sua angústia, sua finitude e sua solidão é retomada e continuada. A questão não haveria mesmo de ter uma conclusão porque o ser — e conseqüentemente as respostas às questões sobre esse ser — será sempre inconcluso em conceito de terminalidade.

No primeiro capítulo da Introdução de Ser e Tempo (HEIDEGGER, 2002:27-41), intitulado Necessidade, estrutura e primado da questão do ser, Heidegger irá desenvolver o porquê da recolocação da questão do ser. No segundo capítulo da Introdução, nomeado As duas tarefas de uma elaboração do ser — o método e o sumário da investigação (HEIDEGGER, 2002:42-71), Heidegger introduzirá o sentido da fenomenologia hermenêutica, sua formulação e proposta de método.

Trata-se de uma nota introdutória: o método se desenvolve e toma corpo, enquanto se desenvolve a própria investigação. É a própria investigação que a fundamenta. Especialmente na fenomenologia hermenêutica — que trata da

consciência dos fenômenos²⁵ — o método se desenvolve em si mesmo, na vivência do ser do sujeito enquanto investiga — e se mistura e transforma com — o objeto. O sujeito investiga antes de tudo a si mesmo na relação com o objeto, o sujeito se transforma na relação com o objeto e intervêm na concepção do sentido do mesmo.

A fenomenologia hermenêutica — portanto — realça a confusão entre sujeito e objeto, senão — até mesmo — a abolição dessas fronteiras, enquanto observa os fenômenos e toma consciência deles. Essa é a essência da fenomenologia de Heidegger e, como o ser está sempre em transcendência, a consciência — de si e do objeto — transcende com o próprio ser. Essa formulação transborda consistência na investigação e seduz o investigador a um horizonte sem finitude do saber humano.

Trago aqui um conceito preliminar, preliminar em Heidegger, preliminar aqui: sempre preliminar e sempre inconcluso. A fenomenologia habita em mim e o meu ser é em processo de permanente transcendência, até mesmo enquanto transmito para o papel, ao descrever a minha investigação, ela transcende e eu transcendo nela, em meu ser e na consciência desse ser em mim. A investigação *munda (es weltet)*!²⁶

²⁵ Não confundir o conceito de hermenêutica de Heidegger com o conceito tradicional de hermenêutica.

²⁶ Ver este texto de Heidegger, citado por Safranski (SAFRANSKI, 2000:128-129):

Os senhores vêm como de hábito a esse auditório na hora habitual e se dirigem até seus lugares habituais. Os senhores retêm essa vivência de ver os seus lugares ou também podem perceber a minha própria postura: entrando no auditório eu vejo a cátedra. O que é que eu vejo? Superfícies castanhas que se cortam em ângulo reto?

Não, eu vejo outra coisa: uma caixa, na verdade uma maior com outra menor por cima. De modo algum, eu vejo a cátedra sobre a qual devo falar. Os senhores vêem a cátedra da qual se falará aos senhores, na qual eu mesma já falei. Na pura vivência também não há - como se diz - nenhum contexto fundador como se eu visse, primeiro, superfícies castanhas que se cortam, que depois se me apresentam como caixa, depois como púlpito, depois como púlpito para discursos acadêmicos, como cátedra, de modo que eu cole o catedrático na caixa como um rótulo.

Tudo isso é interpretação ruim e falsa, desvio do olhar puro para a vivência. Vejo a cátedra de um golpe; não a vejo apenas isolada, vejo o púlpito como sendo alto demais para mim. Vejo um livro sobre ele, diretamente como algo que me estorva... vejo a cátedra em determinada localização e iluminação, com um fundo...

Na vivência de ver a cátedra algo do mundo em torno se apresenta a mim. Esse mundo-em-torno (Umweltliche)... não são coisas com um caráter significativo determinado, objetos, ainda por cima concebidos como isso e significando isso, mas o significativo é primário, e se me apresenta diretamente, sem nenhum desvio de pensamento sobre o apreender-a-coisa. Vivendo em um mundo em torno, por toda parte e sempre ele me significa, tudo tem caráter de mundo (welthaft), munda (es weltet).

Fenomenologia: Fenômeno e Logos.

A expressão 'fenomenologia' diz, antes de tudo, um conceito de método. Não caracteriza a quiddidade²⁷ real dos objetos da investigação filosófica mas o seu modo, como eles o são.

(HEIDEGGER, 2002:57).

A fenomenologia não enfoca especificamente a substância real dos objetos que investiga e, sim, o seu modo de ser. A fenomenologia é, portanto, um método de investigação do modo que as coisas são, as coisas em si mesmas! O verbo *ser* aqui assume um caráter intransitivo. Pode-se dizer que é uma evidência que sentimos necessidade de observar mais de perto. Incorporá-la em nosso ser!

O termo "fenomenologia" tem dois componentes: *fenômeno* e *logos*.

Heidegger traz uma concepção preliminar e conceitual da fenomenologia de duas maneiras. Na primeira delas ele caracterizará os dois componentes da palavra "fenomenologia" — *fenômeno* e *logos* — e, na segunda maneira, procura compor o sentido da expressão, do sentido resultante da junção desses dois componentes.

O Conceito de Fenômeno

A palavra grega da qual se origina o termo "fenômeno" significa: *o que se mostra, o que se revela*. Significa tornar-se visível por si só.

Definida a palavra "ente" como sendo tudo aquilo que, pode-se dizer que existem vários modos de o ente mostrar-se por si mesmo.

Há até a possibilidade de o ente como aquilo que, em si mesmo, não é.

(HEIDEGGER, 2002:58)

Dentro da palavra grega também está incluso o sentido do que: *"se faz ver assim como"*. O sentido da *"aparência"*, do que *"parece e aparece"*. Nesses sentidos é

²⁷ Quiddidade: entre os escolásticos, essência ou natureza real de algo.

possível que o ente se apresente de uma forma que na "realidade" ele "não é" assim como se dá e apresenta.

Há, pois, dois significados distintos para "fenômeno":

1. fenômeno como coisa que se mostra;
2. fenômeno como aparecer, parecer, aparência.

Somente na medida em que algo pretende mostrar-se em seu sentido, isto é, algo pretende ser fenômeno, é que pode mostrar-se como algo que ele mesmo não é. Pode apenas se fazer ver assim como...

(HEIDEGGER, 2002:58).

Assim sendo, no significado de número 2 está incluso o significado de número 1: o significado originário é "aquilo que se revela", é o significado que sustenta, como verdade, a outra significação.

Heidegger adota e reserva, para a palavra "fenômeno", o significado originário e positivo (o de nº 1), distinguindo esse significado de "aparecer", "parecer" e "aparência" (o de nº 2).

Heidegger distingue, também, "fenômeno" de "manifestação" e ainda mais de "mera manifestação". Cita o exemplo da manifestação de uma doença, ou seja: seus "sintomas".

Manifestação enquanto manifestação de alguma coisa não diz mostrar-se a si mesmo, mas um anunciar de algo que não se mostra. Manifestar é um não mostrar-se.

(HEIDEGGER, 2002:59).

Mas a manifestação também não está contida no significado nº 2 de fenômeno. O que se manifesta não pode aparecer e parecer na "manifestação". O fenômeno, aqui na "manifestação", não se mostra em si, mas se pressupõe...

... os fenômenos nunca são manifestações. Toda manifestação é que depende de um fenômeno.

(HEIDEGGER, 2002:59)

A palavra "manifestação" pode ter, também, outros significados:

1. manifestar-se no sentido de anunciar-se e como um não mostrar-se em si mesmo;
2. manifestar-se no sentido daquilo que se anuncia em si mesmo, aquilo que, em seu mostrar-se, aponta e indica algo que não se mostra;
3. manifestar-se no sentido autêntico do fenômeno, um mostrar-se a si mesmo;
4. manifestar-se irradiando, em seu mostrar-se, algo que encobre a si mesmo.

Assim sendo, o fenômeno em seu sentido originário e autêntico — o que se mostra em si mesmo — é, ao mesmo tempo, uma "manifestação", mas um tipo específico de manifestação. O fenômeno é constitutivo da manifestação apenas no sentido em que se trata de um anúncio de algo que se mostra.

O fenômeno, o mostrar-se a si mesmo significa um modo privilegiado de encontro. Manifestação, ao contrário, indica no próprio ente uma remissão referencial (...). Esta multiplicidade confusa de "fenômenos" (...) só pode deixar de nos confundir quando se tiver compreendido, desde o princípio, o conceito de fenômeno: o que se mostra a si mesmo.

(HEIDEGGER, 2002: 60)

Fica, portanto, estabelecido o conceito originário de fenômeno como sendo o sentido adequado para a compreensão da fenomenologia.

O fenômeno no sentido que é utilizado no empirismo é o chamado por Heidegger de *conceito vulgar de fenômeno*. Um fenômeno físico, por exemplo, o conceito vulgar, não é o conceito fenomenológico de fenômeno.

Conclui Heidegger, sobre o conceito de fenômeno:

Perceber o sentido do conceito formal de fenômeno e de seu uso devido na acepção vulgar é uma pressuposição indispensável para se compreender o conceito fenomenológico de fenômeno, prescindindo de como se deva determinar mais precisamente o que se mostra.

(HEIDEGGER, 2002: 61-62)

O Conceito de Logos

O conceito de "logos" nos filósofos gregos é polissêmico, ou seja, assume vários significados que se dispersam sem uma adequada orientação. O significado básico de "logos" é *discurso*. É uma tradução literal e só terá significado, valor, quando determinado — o que é um discurso?

Os significados posteriores da palavra "logos", especificamente os valores atribuídos pela filosofia e suas...

... interpretações diversas e arbitrárias encobrem o sentido próprio da palavra discurso, que é bastante clara.

(HEIDEGGER, 2002: 62).

Traduz-se "logos" por: razão, juízo, conceito, definição, fundamento, relação, proporção... mas, por que tanta mudança de significados, justamente no uso de uma linguagem das ciências? Entende-se, também, "logos", como *proposição* e, assim mesmo, excluir o sentido básico de "logos". Bem como no sentido de *juízo*: uma tradução que pode parecer correta, mas que se afasta do sentido primordial do "logos".

Como discurso, o "logos" significa: revelar aquilo que trata o discurso. Segundo Heidegger, Aristóteles:

... explicitou essa função do discurso. O logos deixa e faz ver aquilo que se discorre e o faz para quem o discorre (médiun) e para todos os que discursam uns para os outros.

(HEIDEGGER, 2002: 62-63)

O discurso deve, antes de tudo, revelar e tornar acessível aos outros o que se tem a dizer.

Como "logos" é um "deixar e fazer ver", ele pode ser verdadeiro ou falso.

Tudo depende de se libertar de um conceito construído de verdade, no sentido de 'concordância'.

(HEIDEGGER, 2002: 63)

A verdade é, pois, construída em um conceito. Para ser verdadeiro, enquanto "logos", o discurso deve desvelar e mostrar o ente como ser descoberto. Um discurso falso, pelo contrário, encobre ou propõe uma coisa como ela não é.

O "logos" não é o lugar primário da verdade. Mais originária que o "logos" seria a percepção: a percepção sensível de uma coisa. A percepção verdadeira acontece quando o ente se torna acessível nessa percepção e para ela. O exemplo citado por Heidegger é a percepção das cores: *a visão descobre as cores*. Também, *a audição desvela os sons*. Pode não haver percepção, mas dado que há, ela fala por si. A percepção...

... percebe singelamente as determinações mais simples do ser e dos entes como tais.

(HEIDEGGER, 2002: 64)

Somente quando a função do "logos" reside num...

... puro deixar e fazer ver, deixar e fazer perceber o ente...

(HEIDEGGER, 2002: 64)

... é que "logos" pode significar razão.

A interpretação do "logos" como discurso esclarece a sua função primária.

O Conceito Essencial de Fenomenologia

O que salta aos olhos, a partir da interpretação de "fenômeno" e de "logos" é o seguinte conceito. Fenomenologia é...

... deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo.

(HEIDEGGER, 2002: 65)

Diz Heidegger que a ciência dos fenômenos significa:

apreender os objetos de tal maneira que se deve tratar de tudo que está em discussão numa de-monstração e procedimentos diretos.

(HEIDEGGER, 2002: 65).

Heidegger costuma chamar os objetos de "a própria coisa" e esse conceito está perfeitamente dentro da fenomenologia. A idéia é afastar o que não é demonstrativo por si só. Ou seja, o caráter da própria descrição fenomenológica só pode ser estabelecido a partir do próprio objeto, da *própria coisa*, que deve ser descrita cientificamente através de fenômenos que vêm ao seu encontro.

Mas, o que seria o conceito de fenômeno, agora dentro de uma visão estritamente fenomenológica? É necessário *desformalizar* o conceito formal de fenômeno. À luz da fenomenologia o conceito se transforma, afasta-se de seu conceito vulgar.

Pergunta Heidegger:

- *O que a fenomenologia faz "deixar e fazer ver"?*
- *O que se deve chamar de fenômeno num sentido privilegiado?*
- *O que, em sua essência, é necessariamente tema de uma de-monstração explícita?*

O que não se mostra diretamente o que é — o que é oculto, velado — ao mesmo tempo está essencialmente ligado ao que se mostra diretamente, constituindo sentido e fundamento. No entanto, o que se oculta, o que se vela, não é o ente e sim o ser deste ente.

O ser pode encobrir-se tão profundamente que chega a ser esquecido, e a questão do ser e do seu sentido se ausentam.

(HEIDEGGER, 2002: 66)

Para ser analisado segundo a fenomenologia, exige-se que o objeto se torne fenômeno: que se mostre por si só.

Não há nada "atrás" dos fenômenos da fenomenologia. Os fenômenos, obrigatoriamente, revelam-se por si só. O que pode acontecer — e acontece freqüentemente — é que aquilo que deveria tornar-se fenômeno pode permanecer oculto. A fenomenologia é importante porque, observados aprioristicamente, muitas vezes os fenômenos não se dão. Não se revelam por si só. Em oposição ao conceito de fenômeno está o conceito de velamento, de encobrimento.

Há diversos modos de velamento de fenômenos:

1. Um fenômeno pode manter-se encoberto por nunca ter sido descoberto. Aqui nada se conhece ou desconhece do fenômeno.
2. Um fenômeno pode estar entulhado. Ou seja, o fenômeno foi descoberto, mas depois foi soterrado.
3. O fenômeno pode estar desfigurado em sua aparência. Muitas vezes o fenômeno é só parcialmente encoberto, ou desfigurado, requerendo uma hermenêutica de dedução contínua.
4. O fenômeno pode estar desvirtualizado. Neste caso perde a sua solidez, transforma-se em uma idéia solta no ar e transmite uma compreensão vazia.

Com relação a essa última possibilidade de petrificação, endurecimento e inapreensão daquilo que se apreendeu como fenômeno, encontra-se no próprio trabalho concreto da fenomenologia. A dificuldade da investigação fenomenológica está em torná-la crítica de si mesma, sem perder a consistência.

Há necessidade de uma segurança metódica particular desde o ponto de partida da análise nas pesquisas de acesso ao fenômeno, e na ultrapassagem dos velamentos que o encobrem. A apreensão e interpretação de forma originária e intuitiva, sempre reflexiva, passa ao largo da ingenuidade de uma abordagem casual, imediata ou impensada.

Antes de entrar na fenomenologia ontológica (fenomenologia do ser), cabe ressaltar que Heidegger faz uma distinção entre o significado dos termos "fenomenal" e "fenomenológico".

Fenomenal é aquilo que se dá e se pode explicitar segundo o modo de encontro com os fenômenos.

Fenomenológico é o que pertence à demonstração e explicação, que forma o sentido conceitual exigido na investigação.

Fenomenologia do Ser (Fenomenologia Ontológica)

No sentido fenomenológico, fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um ente.

(HEIDEGGER, 2002:68).

Com esse dizer, Heidegger traz a fenomenologia para a questão do ser, objeto permanente de seu estudo, especialmente em Ser e Tempo. E com essa assertiva ele nos convida a adentrar em seu pensamento que fundamenta a própria fenomenologia ontológica.

É por isso que, ao se visar uma liberação do ser, deve-se, preliminarmente, aduzir o próprio ente de modo devido. Este ente também se deve mostrar no modo de acesso que genuinamente lhe pertence. E, deste modo, o conceito vulgar de fenômeno se torna fenomenologicamente relevante.

(HEIDEGGER, 2002:68)

Segundo Ernildo Stein (STEIN, 2001:187), Heidegger escolheu a fenomenologia para a elaboração de sua ontologia e que o método fenomenológico, assim seguido, se concretiza na hermenêutica.

Assim, nesse parágrafo de Ser e Tempo²⁸ que estamos abordando, Heidegger irá explicar o porquê dessa fenomenologia. A analítica do *dasein* realiza-se através da

²⁸ §7.

descrição fenomenológica. Ou seja, além de propor um método, Heidegger o aplica nos desvelamentos da questão do ser e sua compreensão. A hermenêutica de Heidegger (ainda nos diz Stein) tem o sentido de uma ontologia da compreensão. A hermenêutica não é, em Ser e Tempo, uma teoria da interpretação, muito menos a própria interpretação. Heidegger busca a essência da interpretação a partir da hermenêutica, que assume o papel de elemento ontológico da compreensão.

Pode-se observar que a própria obra *Ser e Tempo* de Heidegger está impregnada e constituída através de uma fenomenologia. Ao desenvolver o seu pensamento, Heidegger nos de-monstra o método.

Para Heidegger, a fenomenologia é ontologia e se desenvolve a partir de uma ontologia fundamental: que enfoca o *dasein*, que muitas vezes pode ser definido como o espírito que habita o ente q que assim é. Fundamenta-se, assim, a própria razão da presença²⁹. A compreensão é o próprio modo de ser do *dasein*, quando existência. E existência é o percurso do ser no tempo.

Conclusão

A finalidade desta Introdução é, antes de tudo, um exercício de compreensão — diria Heidegger: uma hermenêutica — da fenomenologia e do pensamento de Heidegger. Fenomenologia que permeará o texto desta tese a partir daqui.

Nesse exercício de compreensão, busca-se o desvelamento de sentidos ocultos nos textos disponíveis e que abrangem o método fenomenológico, sem propriamente defini-lo, como seria vulgar procurar. Seria impossível essa definição vulgar.

Obedecendo a Heidegger, essa compreensão hermenêutica parte do *dasein* e o *dasein* é o próprio sujeito que busca a compreensão realizando, assim, uma fenomenologia. Como cada investigador é dono de sua própria historicidade — sua própria existência de ser ao longo do tempo — pode-se observar que o sujeito — enquanto investigador — desenha e progride na sua própria e peculiar

²⁹ Não é por futilidade que alguns interpretadores de Heidegger traduzem *dasein* por pre-sença, como na tradução da Editora Vozes na edição que citei aqui.

fenomenologia. Por essa razão é que Heidegger indica o *dasein* como ponto de partida de toda fenomenologia. Diz que essa é a ontologia fundamental e a única forma de se colocar diante do problema cardeal da questão do ser. E a fenomenologia é, antes de tudo, um estudo do ser.

Heidegger dirá:

Da própria investigação resulta que o sentido metódico da descrição fenomenológica é interpretação.

(HEIDEGGER, 2002: 68)

Assim sendo, faz sentido a hermenêutica e o método se desenvolve em si. Como a fenomenologia se desenvolve em uma busca da compreensão, Heidegger irá dizer que a própria filosofia é uma fenomenologia ontológica e universal que parte da hermenêutica do *dasein* — o ser que habita o sujeito.

Enfim, não há, numa analítica fenomenológica, a possibilidade de não o próprio sujeito como ponto de partida. E, assim sendo, o próprio sujeito — enquanto *dasein* — fundamenta a hermenêutica da compreensão que guia o método fenomenológico.

Capítulo 14 — Pre-sença

Dasein é pre-sença³⁰. Evoca o homem como ser da transcendência: a evolução permanente do ser. O ser que se transforma e se aprimora na construção de sua existência. O homem — o ser privilegiado — é assim chamado porque evolui permanentemente. Difere dos outros entes por essa razão.

A pre-sença é a semente do devir. É o potencial de ser evolutivo sempre. A pre-sença é um estado do ser que o faz em permanente construção do porvir.

É que o homem só se realiza na pre-sença. Presença é uma abertura que se fecha e, ao se fechar, abre-se para a identidade e diferença na medida e toda vez que o homem se conquista e assume o ofício de ser, quer num encontro, quer num desencontro, com tudo que ele é e não é, que tem e não tem. É esta pre-sença que joga originariamente nosso ser no mundo.

(CARNEIRO LEÃO, 2002)

³⁰ Nota do tradutor:

Pre-sença não é sinônimo de existência e nem de homem. A palavra Dasein é comumente traduzida por existência. Em Ser e Tempo, traduz-se, em geral, para as línguas neolatinas pela expressão "ser-aí", être-là, esser-ci etc. Optamos pela tradução de pre-sença pelos seguintes motivos: 1) para que não se fique aprisionado às implicações do binômio metafísico essência-existência; 2) para superar o imobilismo de uma localização estática que o "ser-aí" poderia sugerir. O "pre" remete ao movimento de aproximação, constitutivo da dinâmica do ser, através das localizações; 3) para evitar um desvio de interpretação que o "ex" de "existência" suscitaria caso permaneça no sentido metafísico de exteriorização, atualização, realização, objetivação e operacionalização de uma essência. O "ex" firma uma exterioridade, mas interior e exterior fundam-se na estruturação da pre-sença e não o contrário; 4) pre-sença não é sinônimo nem de homem, nem de ser humano, nem de humanidade, embora conserve uma relação estrutural. Evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. É na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história etc. (cf. entrevista de Heidegger ao Der Spiegel, Rev. Tempo Brasileiro, n. 50, julho/set. 1977). Quanto à formação do termo pre-sença, observar: "pre" corresponde a "Da" e sença, como forma derivada de "esse", corresponde a "sein". Quanto à origem latina de pre-sença, cf. a expressão de Cícero: dii consentes = os deuses conjuntamente, isto é, em assembléia, presentes, decidem.

(HEIDEGGER, 2002:309-10)

Vamos adotar nesta tese esta tradução de *dasein* que, pela descrição acima, se mostrou a melhor.

E o homem só realiza o seu ser quando no mundo. Ao ser-no-mundo o homem supera os limites entre o eu interno e o eu externo. O homem fala para responder e é para falar. Quando o homem deixa de falar ele deixa de ser.

Ente é tudo sobre o que falamos. Tudo que abrange a nossa compreensão. É o nosso comportamento e também o que e como nós somos.

Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (Vorhandenheit), no teor e recurso, no valor e validade, na presença, no "há". Em qual dos entes deve-se ler o sentido do ser? De que ente deve partir a saída para o ser? O ponto de partida é arbitrário ou será que um determinado ente possui primazia na elaboração da questão do ser? Qual é este ente exemplar e em que sentido possui ele uma primazia?

(HEIDEGGER, 2002: 32)

Esse ente é pre-sença. O ente que cada um de nós é. O ente que é capaz de questionar, entre outras coisas, a si mesmo. E está em si mesmo, como processo de uma vida evolutiva, a capacidade que questionar a si mesmo. Antes de tudo é esse ente que vive em um estado de permanente questionamento de si mesmo e projeta o ser no devir.

(...) o ente, dotado do caráter da pre-sença, traz em si mesmo uma remissão talvez até privilegiada à questão do ser.

(...)

O ser é sempre o ser de um ente.

(HEIDEGGER, 2002: 34-5)

Existem definições de que ciência é um conjunto de fundamentações verdadeiras. Não é uma boa definição, dado que ciência é uma atitude humana e como tal estão incorporadas do modo de ser do ente que a formulou. Esse ente é o designado pelo termo pre-sença³¹. A ciência não é única, portanto. A pesquisa científica também não é a único modo de ser possível deste ente (pre-sença) e nem sequer é a pesquisa científica o modo de ser que mais se aproxima desse ente.

³¹ A partir daqui usarei pre-sença como sendo a concepção de Heidegger de presença.

A compreensão do ser é em si mesma uma determinação do ser da pre-sença.

(HEIDEGGER, 2002: 38)

A pre-sença é o modo de ser que se questiona. É em si mesma aquilo que conduz o ser do homem para o processo de evolução permanente. É o cerne da consciência que leva à busca da compreensão do próprio ser e do mundo que o cerca. Deveria ser o cerne de toda ciência e na construção do conhecimento. A pre-sença é um modo de ser ontológico.

Ser ontológico ainda não diz aqui elaborar uma ontologia. Por isso, se reservarmos o termo ontologia para designar o questionamento teórico explícito do sentido do ser, então este ser-ontológico da pre-sença deve significar pré-ontológico. Isso, no entanto, não significa simplesmente sendo um ente, mas sendo no modo de compreensão do ser.

(HEIDEGGER, 2002: 38)

Existência³² é o próprio ser que dá à pre-sença a possibilidade de comportar-se de alguma maneira; dado que a presença sempre se comporta de alguma maneira. A existência é em si mesma uma duração ao longo da qual a pre-sença pode assumir diferentes comportamentos de ser. Pode ser a si mesma ou negar-se a si mesma.

A pre-sença sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma. Essas possibilidades são ou escolhidas pela própria presença ou um meio em que ela caiu ou já sempre nasceu e cresceu. No modo de assumir-se ou perder-se, a existência só se decide a

³² Nota do tradutor:

EXISTÊNCIA = EXISTENZ

A palavra existência resulta da aglutinação da preposição ek e do verbo sistere. No plano meramente vocabular, existência diz: 1) um movimento de dentro para fora, expresso na preposição; 2) a instalação que circunscreve e delimita um estado e um lugar; 3) uma dinâmica de contínua estruturação em que se trocam os estados, as passagens e os lugares.

Devido à pregnância desse conjunto semântico é que Ser e Tempo reservou "existência" para designar toda a riqueza das relações recíprocas entre pre-sença e ser, entre pre-sença e todas as entificações, através de uma entificação privilegiada, o homem. Nessa acepção, só o homem existe. "A pedra é" mas não existe. O carro "é" mas não existe. Deus "é" mas não existe. Privilégio não diz aqui exercício de poder e dominação mas a aceitação do dom da existência que lhe entrega a responsabilidade e a tarefa de ser e assumir esse dom. A resposta a essa doação se dá como história. Na história do Ocidente, a resposta predominante tem sido a era da metafísica. Nela, a existência reduz-se à instalação que circunscreve e delimita um estado e lugar na tensão com a essência. Por isso, qualquer inversão da ordem entre essência e existência consolida e não supera a resposta metafísica (cf. HEIDEGGER, Martin. Carta Sobre o Humanismo. Editora Moraes. São Paulo, 1991).

partir de cada pre-sença em si mesma. A questão da existência sempre só poderá ser esclarecida pelo próprio existir.

(HEIDEGGER, 2002: 39)

A existência é o ser no tempo. Ao longo do tempo a pre-sença se manifestou de diferentes modos de ser. A pre-sença sempre se comporta de alguma maneira. A pre-sença se compreende a si mesma por intermédio da sua existência e os seus relacionamentos com ela. Nas relações com a existência a pre-sença pode assumir-se ou perder-se. Isso se decide na própria pre-sença, ou seja, a cada pre-sença.

A pre-sença busca a compreensão de si mesma na existência, e suas relações ao longo do tempo com a existência.

Na medida, porém, em que a existência determina a pre-sença, a analítica ontológica desse ente necessita sempre de uma visualização prévia da existencialidade. Entendemos a existencialidade como a constituição ontológica de um ente que existe.

(HEIDEGGER, 2002: 39)

O ser no tempo determina a pre-sença. A pre-sença é uma construção da existencialidade. E existencialidade é a compreensão do próprio ser ao longo do tempo. Assim, o ser será presente de acordo com a sua compreensão existencial³³.

No decorrer do tempo, o ser se relaciona com outros entes que a pre-sença não é nem precisa ser obrigatoriamente. A relação com esses entes é denominada de ciência. E esses entes estão num mundo. A pre-sença é a quem pertence o ser ou o não-ser em um mundo.

Mundo aqui significa não só o planeta em si, mas uma concepção definidora muito própria da pre-sença. É a pre-sença quem cria e categoriza os mundos.

Faz parte da compreensão do ser a compreensão do mundo. E dentro da compreensão do mundo também a compreensão daqueles entes que se apresentam — tornam-se acessíveis — nesse mundo. Ser no mundo pode ser considerado como dar-se acessível aos entes desse mundo. E, apenas sublinhando, quando me refiro

³³ "A questão da existência só poderá ser esclarecida pelo próprio existir". (HEIDEGGER, 2002: 39)

o ente aqui não são apenas humanos, fazem parte do mundo também as coisas e compreendê-las — cada uma — em seu ser faz parte de uma ontologia complexa em que as coisas estão sempre inter-relacionadas. Ou seja, o estudo de cada ser seria uma ontologia própria e essas ontologias todas influenciam umas às outras.

Assim sendo, tanto os seres providos, como os desprovidos do modo de ser da presença, fundamentam a estrutura ôntica da própria pre-sença que tem em si a intencionalidade de compreender-se em sua existência. E, no afã de compreender-se, a pre-sença procura em si uma ontologia fundamental de onde todas as demais ontologias se desenvolvem. Nessa busca, Heidegger identifica três primados que compõem um primado múltiplo:

1. Um primado ôntico onde a pre-sença é determinada pela existência. A existência compõe a pre-sença.
2. Um primado ontológico porque a pre-sença, com base na sua própria determinação da existência, aprofunda-se em si mesma.
3. Um primado ôntico-ontológico que é relacionado a todas as ontologias que envolvem a pre-sença.

A pre-sença mostrou-se, assim, como o ente que deve ser trabalhado e desenvolvido em seu ser, de maneira suficiente para que o questionamento se torne transparente. Agora, porém, revelou-se que a analítica ontológica da pre-sença em geral constitui a ontologia fundamental e que, portanto, a pre-sença se evidencia como o ente a ser, em princípio, previamente interrogado em seu ser.

Na tarefa de interpretar o sentido do ser, a presença não é apenas o ente a ser interrogado primeiro. É, sobretudo, o ente que, desde sempre, se relaciona e comporta com o que se questiona nessa questão. A questão do ser não é senão a radicalização de uma tendência ontológica essencial, própria da pre-sença, a saber, da compreensão pré-ontológica do ser.

(HEIDEGGER, 2002: 41)

Capítulo 15 — Analítica da Pre-sença

O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos.
(HEIDEGGER, 2002: 77)

A pre-sença é chamada a assumir o ser. É essa a sua responsabilidade. É dessa maneira que o ente transcende o ser simplesmente dado. *Ser simplesmente dado*³⁴ é o termo que Heidegger usa para designar o ser daqueles entes desprovidos de pre-sença. Transcender o *ser simplesmente dado* é, pois, a tarefa da pre-sença.

A pre-sença é sempre a sua possibilidade.
(HEIDEGGER, 2002: 78)

A pre-sença não é simplesmente dada. Ela existe no ser como possibilidade, uma possibilidade do ser. E pertence ao ser, diz-se sempre *minha* pre-sença. Ela é uma "opção" em seu ser. O ser pode escolher a possibilidade da pre-sença. A pre-sença é, portanto, possível e uma escolha do ser. A pre-sença não pode ser simplesmente dada. "Ela 'pode' escolher-se", usando os termos de Heidegger (HEIDEGGER, 2002: 78).

Como se trata de uma escolha, a pre-sença pode *ganhar-se* ou *perder-se*. Não pode "ganhar-se" aparentemente. Não é possível aparentar presença, pois se trata, antes de mais nada, de uma decisão própria do ser.

³⁴ A concepção tradicional de presença — aquela que considerada tradicionalmente em Educação — nada mais é do que a *presença dos seres simplesmente dados*. Ou seja, coisifica o homem.

Pois, para os entes simplesmente dados, o seu "ser" é indiferente ou, mais precisamente, eles são de tal maneira que o seu ser não se lhes pode tornar nem indiferente nem não indiferente.

(HEIDEGGER, 2002: 78)

Os dois modos de ser propriedade e impropriedade - ambos os termos foram escolhidos em seu sentido verbal rigoroso - fundam-se no fato de a pre-sença ser determinada pelo caráter de ser sempre minha. A impropriedade da pre-sença, porém, não diz "ser" menos nem um grau "inferior" de ser. Ao contrário, a impropriedade pode determinar toda a concreção da pre-sença em seus ofícios, estímulos, interesses e prazeres.

(HEIDEGGER, 2002: 78)

Os caracteres *existencial* da pre-sença e o dela ser sempre *minha* esboçam que a analítica da presença deve se desenvolver em um campo fenomenal próprio.

Como a pre-sença não é uma característica dos *seres simplesmente dados* do mundo, não se pode usar da mesma linha analítica que se usa para estudar esses seres.

A pre-sença se determina como ente sempre a partir de uma possibilidade que ela é e, de algum modo, isso também significa que ela se compreende em seu ser.

(HEIDEGGER, 2002: 79)

O ponto de partida para o estudo da pre-sença deve ser a cotidianidade mediana, ou seja, a *medianidade*, como conceitua Heidegger. Trata-se de um estado de *indiferença* que se vive o cotidiano. A *medianidade* é um caráter fenomenal importante, pois caracteriza o ôntico do ser.

O que, onticamente, é conhecido e constitui o mais próximo, é, ontologicamente, o mais distante, o desconhecido, e o que constantemente se desconsidera em seu significado ontológico.

(HEIDEGGER, 2002: 79)

O que é fácil viver (o ôntico), não é fácil de compreender (o ontológico).

O estado ôntico da *medianidade* pode ser considerado como um estado *pré-ontológico*. E na ontologia do ser não se deve deixar nunca de lado a cotidianidade ôntica do ser, pois esta é a maior proximidade que existe do próprio ser. Essa *medianidade* deve estar sempre acessível na ontologia do ser.

A explicação da pre-sença em sua cotidianidade mediana não fornece apenas estruturas medianas, no sentido de uma indeterminação vaga. O que, do ponto de vista ôntico, é, no modo da medianidade, pode ser apreendido, do ponto de vista ontológico, em estruturas pregnantes que não se distinguem, estruturalmente, das determinações ontológicas de um modo próprio de ser da pre-sença.

(HEIDEGGER, 2002:80)

A compreensão da pre-sença provém de uma analítica existencial. Os caracteres ontológicos são chamados simplesmente de *existenciais*, determinados a partir da *existencialidade*.

Os *existenciais* devem ser perfeitamente diferenciados da compreensão dos seres não providos do modo de ser da pre-sença. A determinação ontológica desses seres não providos do modo de ser da pre-sença deve ser discriminada pelo que chamamos de *categorias*.

Biologia, Psicologia e Antropologia³⁵

Neste ponto, Heidegger considerou necessária uma delimitação da *ontologia da pre-sença* das *epistemologias* da Antropologia, da Psicologia e da Biologia.

O que se deve mostrar é somente que os questionamentos e investigações até hoje desenvolvidos sobre a pre-sença não alcançam o problema propriamente filosófico, apesar de todos os resultados objetivos alcançados. Enquanto apresentarem essa deficiência, não poderão pretender alcançar o que, no fundo, visam. As delimitações da analítica existencial face à antropologia, psicologia e biologia referem-se somente à questão ontológica de princípio.

(HEIDEGGER, 2002:81)

Partindo da análise do *cogito* de Descartes, Heidegger desenvolve um raciocínio de que toda ciência, desde que essencialmente humana, deveria desenvolver-se a partir de uma ontologia da pre-sença. Dado que o sujeito não pode ser mero assistente do mundo. Ele participa do mundo e a imparcialidade prometida pelos

³⁵ Estou fazendo aqui uma leitura de Heidegger, assim, essas considerações sobre a biologia, psicologia e antropologia são de Heidegger e contextualizadas no início do Século XX. Mantenho aqui este subtítulo porque é necessário para a compreensão de outros conceitos.

métodos, que pedem *distanciamento* entre o sujeito e objeto, na realidade e exigem algo impossível de ser realizado, pois o sujeito está no mundo e é envolvido por ele.

Não se pode *coisificar* o sujeito. Não se *coisifica* o sujeito. Não se *coisifica* a consciência. Se houver essa tendência, deve-se procurar conhecer a proveniência ontológica da *coisificação*.

Heidegger afirma que não é por capricho semântico que ele criou uma série de palavras para designar *vida, homem*, para designar o ente que nós mesmos somos. É uma fuga da *coisificação* que o levou a criar novas palavras para designar contextos que poderiam ser vulgares e, portanto, *coisificados*. Se usasse esses termos vulgares, o leitor os aceitaria como designado através de sua historicidade. Ou seja, com atributos próprios de sua vivência e cultura. Ao usar novos termos, Heidegger propõe uma nova reflexão sobre essas concepções.

Mas, por outro lado, na tendência corretamente compreendida de toda "filosofia da vida" séria e científica — em que a palavra vida diz algo como a botânica das plantas — subsiste implicitamente a tendência de uma compreensão do ser da pre-sença. O que chama atenção, e nisso está sua radical deficiência, é o fato de não se questionar ontologicamente a própria "vida" como um modo de ser.

(HEIDEGGER, 2002:81)

Deveria, pois, a Biologia questionar o que entende por *vida*, dado que é a *ciência da vida*. A Biologia *coisifica* a vida.

Adentrando no pensamento de Dilthey, Heidegger observa que este se preocupou continuamente com a questão da vida.

*Ele procura compreender as "vivências" dessa "vida", em seus nexos de estrutura e desenvolvimento, a partir da totalidade da própria vida. O que a sua "psicologia enquanto ciência do espírito" possui de filosoficamente relevante não deve ser buscado no fato de não mais se orientar pelos **elementos e átomos psíquicos** e de não mais pretender costurar os pedaços da vida psíquica, mas sim de visar à "totalidade da vida" e a suas "figuras" de conjunto.*

(HEIDEGGER, 2002:81)

Esta é a grande importância do pensamento de Dilthey, segundo Heidegger: o fato dele *estar a caminho da questão da vida*.

Junto com Bergson, Dilthey faz parte de uma corrente filosófica denominada de *personalismo*. Mas mesmo a concepção de *personalidade* não abrange a amplitude do questionamento do ser da presença. Não consideram o ser da pessoa em si mesmo.

A pessoa não é um ser substancial, nos moldes de uma coisa. Além disso, o ser da pessoa não pode exaurir-se em ser um sujeito de atos racionais, regidos por determinadas leis.

(HEIDEGGER, 2002:84)

A consideração da pessoa como uma objetivação psíquica é uma *coisificação* e a pessoa não é objeto. *Equivale a uma despersonalização*, diz Heidegger. A pessoa só é quando dotada de intencionalidade e *psiquismo* não é intencionalidade. A pessoa só é quando executa atos intencionais, acima de tudo, em uma busca pelo sentido. *Ser psíquico nada tem a ver com ser pessoa*, diz Heidegger.

Quando, porém, se coloca a questão do ser do homem, não é possível calculá-lo como soma dos momentos de ser, como alma, corpo e espírito que, por sua vez, ainda devem ser determinados em seu ser. E mesmo para uma tentativa ontológica que procedesse desta maneira, dever-se-ia pressupor uma idéia do ser da totalidade.

(HEIDEGGER, 2002:85)

A antropologia cristã da Antigüidade criou obstáculos e desvios para a compreensão do ser da presença. Isso aconteceu pela falta de fundamentos ontológicos. Especialmente com a introdução de conceitos buscando uma definição do homem ou procurando construir uma essência do homem de ordem teológica. No pensamento moderno esses conceitos cristãos foram substituídos pelo conceito de transcendência: o homem se lança para além de si mesmo. A concepção do humano foi, portanto, desteologizada.

As origens relevantes para a antropologia tradicional, a definição grega e o paradigma teológico atestam que, ao se determinar a essência deste ente "homem", a questão de seu ser foi esquecida. Ao invés de questioná-lo, concebeu-se o ser do homem como

"evidência", no sentido de ser simplesmente dado junto às demais coisas criadas.

(HEIDEGGER, 2002:86)

Até hoje se percebe na antropologia esse caráter de *coisificação* do homem. O homem é pesquisado com um objeto e, como tal, distante do sujeito. Distante de uma ontologia do ser do próprio sujeito.

O mesmo vale para a psicologia, que se aproximou muito da antropologia desde o começo do século XX. A falta de uma ontologia não se justifica por uma aproximação da biologia, dado que a própria biologia não se fundamenta em um estudo do ser da pre-sença. O fato de a biologia considerar-se como "ciência da vida" não resolve a questão, pois *vida* não é pre-sença.

A biologia, a psicologia e a antropologia são tratadas como *ciências positivas*. Os fundamentos de uma ontologia não são construídos através de objetos empíricos.

O fato de as pesquisas positivas não verem os fundamentos e considerá-los evidentes não constitui uma prova de que eles não se achem à base e que não sejam problemáticos, num sentido mais radical do que poderá ser uma tese das ciências positivas.

(HEIDEGGER, 2002:87)

Cotidianidade

Cotidianidade é um modo de ser da pre-sença. Não há qualquer aspecto de primitividade na cotidianidade. Heidegger assinala que esse modo de ser da pre-sença é, sobretudo, quando *se move em uma cultura altamente desenvolvida e diferenciada* (HEIDEGGER, 2002:87). Mesmo nas comunidades consideradas mais primitivas há o cotidiano e o não-cotidiano no ser daqueles entes que as formam. É possível que se encontre mais dificuldades numa analítica existencial da pre-sença nessas comunidades primitivas do que em comunidades consideradas desenvolvidas.

Uma dessas dificuldades seria a "busca de um conceito natural de mundo" se constitui em um dos desafios da filosofia contemporânea.

A abundância de conhecimentos disponíveis das culturas e formas de pre-sença mais diversas e mais distantes parece favorecer o desenvolvimento frutífero dessa tarefa. No entanto, isto é apenas uma aparência. No fundo, tal acúmulo de conhecimento leva apenas a se desconhecer o problema propriamente dito.

(HEIDEGGER, 2002:88)

O sincretismo e tipologias não significam conhecimento da essência. Ordenações objetivas diferenciadas não garantem a compreensão contextualizada.

Se *mundo* for considerado como um constitutivo da pre-sença o aprofundamento do mundo não pode prescindir de uma compreensão das estruturas básicas de pre-sença nesse *mundo*.

Capítulo 16 — Ser-no-Mundo

A pre-sença é um ente que, na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta. Com isso, indica-se o conceito formal de existência. A pre-sença existe. Ademais, a pre-sença é o ente que sempre eu mesmo sou. Ser sempre minha pertence à existência da pre-sença como condição que possibilita propriedade e impropriedade. A pre-sença existe sempre num destes modos, mesmo numa indiferença para com eles.

Estas determinações do ser da pre-sença, todavia, devem agora ser vistas e compreendidas a priori, com base na constituição ontológica, que designamos de ser-no-mundo. O ponto de partida devido da analítica da pre-sença, consiste em se interpretar esta constituição.

(HEIDEGGER, 2002:90)

O ser só é quando no mundo. Assim sendo a ontologia enfatiza a realização do ser-no-mundo, estudando o processo de ser na interatividade com o mundo. Como o ser se realiza no mundo? Como ele é no mundo? Como o ser se relaciona com as coisas do mundo?

Trata-se de um fenômeno de *unidade*. Uma composição entre ser e mundo. Essa *unidade* deve ser analisada como um todo, sendo impossível separá-la em elementos. Mas há uma multiplicidade de elementos estruturais componentes dessa *unidade*.

Esse fenômeno de *unidade* é considerado como um achado fenomenal. Heidegger examina uma tríplice visualização que mantém a totalidade coesa do fenômeno:

1. *Em-um-mundo* impõe a necessidade de indagar sobre a estrutura ontológica de mundo.

2. "O *ente* que sempre é, segundo o modo de ser-no-mundo". Determinação de quem é e quem está na cotidianidade mediana do mundo.
3. O *ser-em* como condição necessária da pre-sença não sendo, entretanto, suficiente para compreender o ser.

Esses três componentes merecem capítulos específicos em *Ser e Tempo* onde será desenvolvida a analítica de cada um dos componentes do ser-no-mundo.

Ao lermos *ser-em* somos tentados a pensar um ente dentro de outro ente. Ou seja, como um *ser-dentro*, como a água está dentro de um copo; como uma mesa dentro de uma sala de aula e esta dentro de uma universidade e esta dentro de uma cidade...

Esses entes, que podem ser determinados como estando um "dentro" do outro, têm o mesmo modo de ser do que é simplesmente dado, como coisa que ocorre "dentro" do mundo. Ser simplesmente dado "dentro" de um dado, o ser simplesmente dado junto com algo dotado do mesmo modo de ser, no sentido de uma determinada relação de lugar, são caracteres ontológicos que chamamos de categorias. Tais caracteres pertencem ao ente não dotado do modo de ser da pre-sença.

(HEIDEGGER, 2002:91-2)

O *ser-em*, entretanto não é um *ser simplesmente dado*. Ele é uma característica da constituição ontológica da pre-sença e não deve ser pensado como uma massa essencialmente corporal dentro de um outro ser simplesmente dado que seria, no caso, o *mundo*. *Ser-em* não significa uma relação espacial. O *ser-em* é o ser que realmente eu sou.

A expressão "sou" se conecta a "junto"; "eu sou" diz, por sua vez: eu moro, me detenho junto... ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar. O ser, entendido como infinito de "eu sou", isto é, como existencial, significa morar junto a, ser familiar com... O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser da pre-sença que possui a constituição essencial de ser-no-mundo.

(HEIDEGGER, 2002:92)

Ser-em significa, pois, *ser-junto* ao mundo. Significa habitar esse mundo e ter com ele uma relação de *participação*. Significa dedicar-se ao mundo, empenhar-se nele.

Ser-no-mundo é um existencial. Uma relação de habitação do ser provido da presença em um mundo.

O *ser-junto* nunca se refere a dar-se em conjunto com as coisas que ocorrem. Não há justaposição entre um ente que chamamos de *pre-sença* e outro ente que chamamos de *mundo*. Não se pode dizer que o *ser simplesmente dado* toca o *mundo*, porque tocar o mundo significa uma ação ativa de ir ao encontro desse mundo e os seres simplesmente dados, não dotados da *pre-sença*, não vão ao encontro do mundo. Não são dotados de intencionalidade.

Um ente só poderá tocar um outro ente simplesmente dado dentro do mundo se, por natureza, tiver o modo do ser-em, se, com sua pre-sença, já se lhe houver sido descoberto um mundo. Pois a partir do mundo o ente poderá, então, revelar-se no toque e, assim, tornar-se acessível em seu ser simplesmente dado.

(HEIDEGGER, 2002:93)

Tocar é um atributo da *pre-sença*. O ser simplesmente dado pode tornar-se acessível ao toque pela *pre-sença*. Os seres simplesmente no mundo na verdade são destituídos de mundo. Não podem tocar-se, nem ser, nem estar junto a outro ser simplesmente dado.

* * *

Abro aqui um parêntese na continuidade do estudo de Heidegger no *ser-no-mundo* para conhecer a leitura de outros autores sobre o conceito de *ser-no-mundo*.

Vejamos a leitura de Ernildo Stein sobre o *ser-no-mundo*:

Ser-no-mundo pode ser desdobrado em vários momentos, e em sua unidade radical é preocupação. A idéia de mundo que surge em Ser e Tempo é inteiramente original. Somente o homem é um ser-no-mundo. A pedra, a rosa, o pássaro, não são ser-no-mundo. Este não implica uma espacialidade prévia. O "no" não aponta lugar circunscrito. Tem antes o sentido de familiarizado com, estar em casa, ter laços, dar sentido ao que nos rodeia. Mundo não é a soma dos entes. O homem não se soma aos entes no mundo. Nem é um sujeito fora do mundo, que a ele se liga por uma ponte. O homem só é homem, porque é ser-no-mundo.

(STEIN, 2002:66)

Conforme pode ser observado, a leitura de Stein se aproxima muito com a leitura que eu mesmo fiz. Senti a necessidade de ler outros autores para ancorar a minha leitura destes conceitos de Heidegger.

Vejam agora a leitura de Benedito Nunes:

Ser-no-mundo assinala a transcendência da Pre-sença³⁶ e, como tal, constitui a estrutura da subjetividade. Não há sujeito sem mundo; não há homem sem Pre-sença. A idéia de sujeito leva ao subjectum, à substância. Porém a Pre-sença desatreia-se do primado do sujeito enquanto a investigação chega ao fenômeno, focalizado na mediania banal e indiferenciada do cotidiano, extraindo hermeneuticamente das aparências o fundo original, pré-ontológico, da Pre-sença nele liberada. Trata-se da ação da analítica: ela desce, em seu esforço interpretativo ao modo de ser do cotidiano, estabilizado na mediania da conduta tanto numa sociedade primitiva quanto numa sociedade civilizada.

(NUNES, 2002: 15)

Nunes, portanto, vê o ser-no-mundo como uma transcendência. Uma libertação do primado do sujeito no momento em que se faz fenômeno. A pre-sença compreende-se em si mesma quando ser-no-mundo. E a tarefa de interpretar-se a si mesmo (a hermenêutica mencionada) é uma descida ao cotidiano da medianidade existencial para entender a sua essência.

Sobre essa medianidade cotidiana Stein irá se referir:

O mundo da pre-sença³⁷ cotidiana, o mundo costumeiro, é o mundo ambiente. O mundo que geralmente percebemos é o mundo ambiente. Os entes com que nos encontramos diariamente não são as coisas puramente subsistentes, neutras, mas os entes disponíveis, os utensílios com uma finalidade determinada. O utensílio serve para algo, tem uma significação. O mundo próximo pre-sença cotidiana, em que este lida com os utensílios, é o mundo ambiente como conjunto de referência e significação. Este está ligado ao "em vista de" da pre-sença. A existência possibilita este "em vista de" e assim a mundanidade do mundo se funda no caráter existencial da pre-sença.

³⁶ Alterei o texto original de NUNES utilizando, ao invés de *dasein*, como o autor usa originalmente, usei a tradução que estou adotando aqui: *dasein* = *pre-sença*.

³⁷ Alterei o texto original de STEIN utilizando, ao invés de *dasein*, como o autor usa originalmente, usei a tradução que estou adotando aqui: *dasein* = *pre-sença*.

O mundo surge, portanto, porque há pre-sença. E o conjunto das significações que rodeiam a pre-sença.

(STEIN, 2002:66)

Continua a minha leitura em consonância com a leitura tanto de Stein como a leitura de Nunes.

Assim sendo posso continuar com a minha exposição. Eventualmente colocarei interpretações de outros autores em nota de rodapé para que a minha leitura enriquecida por outras observações.

* * *

Heidegger introduz o conceito de "facticidade"³⁸ como sendo "o caráter factual do fato em, como tal, a pre-sença sempre é". Facticidade é um sentimento de situação. Facticidade, como nos informa Stein (2002:68) é "estar-jogado". E "estar-jogado" é sempre um projeto. Pode ser um projeto de existência. Uma proposta de vir-a-ser.

³⁸ *FACTICIDADE = FAKTIZITAT*

Em qualquer nível do exercício da existência, ocorrem consolidações de referências, de elaborações e mudanças. O termo que a tradição latina guardou para designar essas consolidações foi o verbo fazer com seus derivados feito, fato, factual, de fato, fatualidade e facticidade. Visando a distinguir os planos de estruturação ontológica e de consolidações óticas, Ser e Tempo usa para o primeiro o substantivo abstrato facticidade (Faktizität) e para o segundo os derivados factual, fato, de fato, fatualidade (Tatsache, tatsächlich, faktisch, Faktum, dass).

(HEIDEGGER, 2002:312)

A pre-sença³⁹ jamais é livre projeto, é já sempre uma tarefa. Não projetamos o nosso existir, já estamos projetados, jogados em meio ao ente. Isto é a facticidade. O ser-no-mundo está situado, envolto no sentimento de situação. Estou jogado, posso abordar as coisas e somente assim elas me atingem.

Mas o estar entregue no estar-jogado é projeto. Ele pode ser, isto é existência. Como poder-ser o ser-aí é possibilidade. Ela não é jamais simplesmente futura. A possibilidade envolve o ser-aí. É por ela que eu compreendo. Eu projeto minha existência, como ser-no-mundo pelas possibilidades que compreendo como meu poder-ser. Da compreensão emerge a visão do ser-aí, seu horizonte. No compreender radica a providência da preocupação, a consideração da assistência. Da visão que a compreensão instaura emerge o "em vista de" que instaura o mundo.

(STEIN, 2002:68)

A pre-sença na sua estrutura complexa só poderá ser apreendida em si mesma como um *problema*. O conceito de *facticidade* dará ao ser-no-mundo um caráter de ente *intramundano* de modo que o ser-no-mundo está intimamente ligado ao ente que lhe vem ao encontro dentro do próprio mundo. É como se a pre-sença estivesse ligada ao seu próprio destino.

A pre-sença não é despojada de *espacialidade*. A pre-sença tem a sua *espacialidade* decorrente do seu próprio ser no espaço que só é possível dado o fundamento de *ser-no-mundo*. Só é possível ter *espacialidade* quando no mundo. Não se pode dizer que a *espacialidade* é uma característica essencialmente corpórea porque estaríamos reduzindo a pre-sença a um ser simplesmente dado. Seria uma coisificação do espírito.

A compreensão do ser-no-mundo como estrutura essencial da pre-sença é que possibilita a visão penetrante da espacialidade existencial da pre-sença. É ela que impede a eliminação antecipada desta estrutura. Essa eliminação prévia não é motivada ontologicamente mas "metafisicamente", pela opinião ingênua de que primeiro o homem é uma coisa espiritual que, só então, transfere-se para o espaço.

(HEIDEGGER, 2002:94)

Com a *facticidade* o *ser-no-mundo* se dispersa ou fragmenta em diversos *ser-em*. Heidegger dá a seguinte enumeração de *ser-em*:

³⁹ Alterei o texto original de STEIN utilizando, ao invés de *dasein*, como o autor usa originalmente, usei a tradução que estou adotando aqui: *dasein* = *pre-sença*.

- ter o que fazer com alguma coisa,
- produzir alguma coisa,
- tratar e cuidar de alguma coisa,
- aplicar alguma coisa,
- fazer desaparecer ou deixar perder-se alguma coisa,
- empreender,
- impor,
- pesquisar,
- interrogar,
- considerar,
- discutir,
- determinar...

Modos de ser-em que possuem o modo de ser da *ocupação*⁴⁰. Ocupação tem o sentido próximo do vulgar do termo. Significa ter que fazer algo, ter que cuidar de algo, preocupar-se com algo etc. Em *Ser e Tempo*, Heidegger reserva essa palavra para designar o ser de um possível ser-no-mundo.

O ser da pre-sença deve tornar-se visível em si mesmo como *cura*⁴¹. A palavra cura nada tem relacionado com penas, perdas, preocupações. Mas sim com jovialidade e

⁴⁰ OCUPAÇÃO = BESORGEN

Não sendo uma substância, a pre-sença sempre se dá num exercício. Exercício indica e cumpre um centro irradiador de relações. Os dois planos em que, predominantemente, se desenvolve o exercício da pre-sença promovem relações com dois modos de ser da existência: relações com o modo de ser dos entes simplesmente dados e relações com os entes dotados do modo de ser da pre-sença. Da perspectiva de seu centro irradiador, ambos os planos se caracterizam pela dinâmica própria de pre-sença.. Ser e Tempo decidiu-se pelo étimo "Sorge" = lat. "cura" (cf. J. Grimm, Deutsches Wörterbuch, Dtv, vol. 16, p. 1755) para acompanhar o movimento e as relações da pre-sença.. Os dois planos exprimem-se com derivados de "Sorge" (cura): Besorgen (ocupar-se) e Fürsorge (preocupar-se). A tradução decidiu utilizar o radical latino cura para Sorge, ocupação para Besorgen e preocupação para Fürsorge. Os motivos dessa decisão atêm-se ao fato de o próprio Ser e Tempo ter remetido à fábula latina de Hígino sobre a Cura e à inexistência em português de derivados de cura na acepção de um relacionamento específico da pre-sença com os seres simplesmente dados e com os seres existentes. O termo latino "occupare" provém da combinação do verbo capere e da preposição ob. Capere dá a idéia de tomar, pegar e prender. A preposição ob acrescenta a determinação de que se trata de um tomar e prender que preenche toda a envergadura das realizações do que se toma: ocupar. Quando a ocupação respeita e considera a originalidade do que se toma, trata-se de uma relação de preocupação.

(HEIDEGGER, 2002:312, nota do tradutor.)

⁴¹ CURA = SORGE

Quando se pretende remeter para o nível de estruturação da pre-sença em qualquer relação, usa-se sempre o termo latino cura, pois indica a constituição ontológica. Quando porém se quer acentuar as realizações concretas do exercício da pre-sença, utiliza-se a palavra cuidado e seus derivados.

(HEIDEGGER, 2002:313, nota do tradutor.)

despreocupação. Isso é *cura*. E entendida ontologicamente, a pre-sença — dona do devir — é cura.

Ser-no-mundo não é um estado nem uma propriedade da pre-sença. A pre-sença não se manifesta primeiro como um ente que é livre para assumir diferentes propriedades. A pre-sença é no mundo e no mundo é o que é.

Costuma-se mencionar atualmente a expressão "mundo em torno", ou "mundo da vizinhança", ou "mundo-ambiente", dentro de uma concepção de *mundo circundante*. O *mundo circundante* é uma concepção ótica. Se fôssemos considerá-lo sob o ponto de vista antológico seria um problema, pois seria necessário determinar, antes e de maneira suficiente, ontologicamente, o ser da pre-sença.

A pre-sença compreende ontologicamente a si mesmo e, também, o seu ser-no-mundo. A sua concepção ontológica é, portanto, a maioria das vezes conhecida.

... para ser também re-conhecida, o reconhecimento⁴² explícito nessa tarefa toma a si mesma, enquanto reconhecimento do mundo, como relação exemplar entre "alma" e mundo. Por isso, reconhecer o mundo e interpelar e discutir o "mundo" funcionam como modo primário do ser-no-mundo, embora este último não seja concebido como tal. Porque, no entanto, esta estrutura de ser permanece ontologicamente inacessível, ela é experimentada onticamente como "relação" de um ente (mundo) com outro ente (alma).

(HEIDEGGER, 2002:97)

Reconhecer e discutir o mundo são elementares para o ser-no-mundo, muito embora a concepção de ser-no-mundo não seja ontologicamente concebida. A estrutura de ser-no-mundo é ontologicamente inacessível porque ela é experimentada onticamente. O ser-no-mundo se torna invisível por uma compreensão ontologicamente equivocada.

⁴² CONHECER = KENNEN / RECONHECER = ERKENNEN

Em oposição ao alemão, as palavras, de origem latina, para conhecimento prendem-se à experiência de gerar, nascer, germinar em conjunto (co-gnoscere). Conhecer é um processo gerador de nascimentos. Por isso, na experiência latina de conhecer e em seus desdobramentos, reconhecer é admitir-se remetido em todo conhecimento para o processo de sua germinação e nascimento. É por isso que todo conhecimento é ontologicamente genético.

(HEIDEGGER, 2002:313, nota do tradutor.)

Agora só se conhece a constituição da pre-sença e, na verdade, como algo evidente por si mesmo, na pregnância de uma interpretação inadequada. Desse modo, esta interpretação torna-se o ponto de partida "evidente" para os problemas da epistemologia ou "metafísica do conhecimento". Pois, o que é mais evidente do que um "sujeito" se referir a um "objeto" e vice-versa? Esta correlação do sujeito-objeto é um pressuposto necessário. Mas tudo isso, embora inatacável em sua facticidade, ou melhor, justamente por isso, permanece um pressuposto fatal, quando se deixa obscura a sua necessidade e, sobretudo, o seu sentido ontológico.

(HEIDEGGER, 2002:98)

Muitas vezes toma-se como conhecimento do mundo a partir do fenômeno de ser-em. É importante desvelar o ser-no-mundo como sendo um modo de ser, um existencial, do ser-em, fugindo de uma concepção meramente epistemológica.

A pre-sença possui uma compreensão ontológica de si, mesmo que esta seja velada.

O ser-no-mundo encontra a cura no momento que se aproxima da pre-sença. É um trabalho de desvelamento e de autofundamentação. No momento que se encontra, transcende o ser. Aproxima-se no devir.

O devir é uma evolução do ser. O método de Heidegger é um método de redescoberta do ser que se é.

* * *

Com a interrogação sobre até que ponto a ontologia tangencia a epistemologia encerro esta síntese de minha leitura sobre Heidegger.

Termino esta leitura de forma até brusca porque é necessário parar em algum momento. Mesmo porque o conhecimento é infindo e torna-se necessário dar aqui o foco do trabalho de tese, muito embora sinta o impulso de ir além.

Assim paro por aqui para cumprir o meu trabalho de tese. Embora já ansiando uma retomada futura, pois novas releituras de Ser e Tempo e da obra de Heidegger têm muito a oferecer para o desenvolvimento da Educação e para a transcendência do ser humano.

Paro aqui para entrar nos desmembramentos de uma nova concepção de presença no contexto educacional que é a Parte 3 — e final — desta tese.

Título 2: O Sentido da Presença

Parte 3: Presença no Ciberespaço

Parte 4: Uma Nova Concepção de Presença

Parte 3:

Presença no Ciberespaço

Capítulo 17 — Antecedentes: o Computador.

Capítulo 18 — Ingressando no Mundo Virtual como Presença.

Capítulo 19 — Constituindo Presença no Ciberespaço

Capítulo 20 — Consolidando Presença no Ciberespaço — Os Projetos

Capítulo 21 — Presença em Formas Educacionais Híbridas

Capítulo 22 — Presença em Educação a Distância na ENCE

Capítulo 23 — O Ponto-Futuro

Capítulo 24 — Conclusões da Parte 3

Na **Parte 3** eu descrevo o meu processo de inclusão digital e a constituição da minha presença no ciberespaço.

No **Capítulo 17** eu descrevo como comecei a utilizar o computador e a fazer dele o meu principal instrumento de trabalho e, depois, de comunicação.

No **Capítulo 18** eu conto como foi a minha inclusão no ciberespaço.

No **Capítulo 19**, indo além da inclusão, eu descrevo como foi a constituição como ser do ciberespaço.

No **Capítulo 20** eu falo de meu primeiro projeto cultural — o Poesia Diária — que ajudou a consolidar a minha presença no ciberespaço.

No **Capítulo 21** eu conto como introduzi o ciberespaço dentro da sala de aula.

No **Capítulo 22** relato a minha primeira experiência formal em educação "a distância".

No **Capítulo 23** conto a história do Projeto Ponto-Futuro, projeto que desenvolvi no ciberespaço com finalidade educacional e inclusiva.

No **Capítulo 24** apresento as conclusões da Parte 3.

Capítulo 17 — Antecedentes: o Computador.

Antes de falar da minha presença na Internet é preciso dizer alguma coisa sobre a minha relação com a tecnologia, especialmente com aquilo que nós chamamos de computador. Essa introdução é importante porque a facilidade de relação com a tecnologia me ofereceu muitas facilidades e portas de entrada para o que vou chamar de mundo virtual. Utilizarei o termo "mundo virtual" para me referir ao ciberespaço. Uso esse termo dentro da concepção de mundo de Heidegger: mundo é onde os seres dotados da presença se relacionam entre si e com as coisas do mundo.

As coisas desse mundo virtual podem ser generalizadas sob um único termo: tecnologia. As diferentes tecnologias são os seres simplesmente dados do mundo virtual. São as coisas desse mundo no qual eu irei demonstrar a minha presença relatando a minha história de vida nesse mundo.

Mas para entrar nesse mundo virtual nem sempre as coisas foram tão simples como são atualmente. Hoje é muito fácil acessar a Internet e construir relações no mundo virtual. A tecnologia atingiu um nível que pouco se precisa saber dela — de seu funcionamento, de sua técnica — para ser presença nesse mundo.

Mas nem sempre foi assim. Há 15 anos atrás, quando eu comecei a minha vida virtual era necessário ter um *background* tecnológico porque as máquinas não eram tão amigáveis como são hoje. Eram como animais indomados que precisavam ser acertadas, ajustadas e preparadas para que fosse possível fazer dela tecnologia de informação e comunicação.

Vejamos, pois, a minha pré-história de vida na Internet. A minha relação com a tecnologia antes de utilizá-la como ferramenta de acesso ao mundo virtual.

Eu me formei em engenharia cartográfica em 1972 e havia aprendido alguns fundamentos de programação de sistemas, especialmente a linguagem Fortran que era utilizada para as aplicações de natureza científica. Naquele tempo usar o computador exigia muita vontade. Mesmo na universidade (na época, Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro), no Campus do Maracanã, havia apenas um computador e que era utilizado por todas as faculdades que foram pioneiras no campus universitário que hoje é uma verdadeira cidade. Mas naquele tempo havia apenas um prédio, cuja estrutura havia abrigado a antiga Favela do Esqueleto, porque o prédio demorou muitos anos para ser construído e as obras estiveram paralisadas por muito tempo, nesse tempo o campus sofreu invasão e ali, na estrutura do prédio, se desenvolveu uma favela. O Instituto de Geociências — ao qual estava ligado a engenharia cartográfica — foi o primeiro que ocupou o prédio do Maracanã.

A tecnologia disponível era muito precária. E praticamente só se via o computador através de uma vitrine, como se estivéssemos do lado de fora de um aquário. Do outro lado, o computador inalcançável e enormes pilhas de cartões perfurados e imensos rolos de fitas magnéticas nos dispositivos de memória. O computador era enorme e a tecnologia era incomparavelmente precária em relação ao que dispomos hoje.

Eu nunca usei aquele computador para absolutamente nada. Tivemos uma disciplina incipiente de processamento de dados na qual o próprio professor não tinha praticamente nenhuma vivência na área. Fizemos uma disciplina teórica de Fortran e mais nada. Praticamente nada me acrescentou ao nada que conhecia da tecnologia de processamento de dados.

Durante a faculdade, entretanto, eu andei as voltas com a procura de estágio e eu tinha acesso a uma biblioteca no bairro em que morava onde eu tive a oportunidade de estudar algumas apostilas da IBM que ensinavam através de um método chamado de "instrução programada", que se tratava de blocos teóricos seguidos de testes que o interessado ia percorrendo. Estavam disponíveis cerca de

30 apostilas dessas lá na biblioteca de bairro. Eu estudei todas essas apostilas e, ao final, eu não podia dizer que entendia de processamento de dados⁴³.

Antes de formado eu comecei a trabalhar na Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais e lá o meu trabalho era o de realizar cálculos geodésicos. Os cálculos eram realizados através de um formulário criado pelo serviço geográfico do exército no qual se obtinha, ao final, as coordenadas geográficas de um ponto do território nacional. Cálculos complicados, de números sexagesimais, usando tábuas logarítmicas e calculadoras de manivela. Eu levava um dia inteiro realizando o cálculo de apenas um ponto. Adquiriram uma máquina de calcular moderna para a época, programável e que utilizava um cartão magnético onde cabiam poucas instruções. A máquina — uma Olivetti P-101 — não trabalhava com sexagesimais e era muito complicado usá-la para cálculo de geodésia que tratava dados em graus, minutos e segundos. Eu aprendi a usar e programar essa máquina. Era o único em toda aquela diretoria a saber utilizá-la. Era o ano de 1972.

Houve um incêndio, a máquina foi destruída, eu mudei de emprego, mudei de área, ingressei no mestrado de Planejamento Urbano e Regional (COPPE/UFRJ), onde a ênfase era a ciência política e os estudos sociais. Afastei-me dos computadores e estudei outras disciplinas.

Em 1978 eu ingressei no Serviço Federal de Processamento de Dados, mas a minha tarefa estava relacionada com a coleta de dados e não com os sistemas. Fui transferido para Brasília em 1980 e fui convidado para integrar a equipe do Projeto Aruanda. Esse projeto desenvolveu um sistema de banco de dados para acesso distribuído. O seu conteúdo eram informações sócio-econômicas e referências bibliográficas. Usava uma linguagem própria para interagir com o sistema. Aprendi essa linguagem e passei a ministrar treinamento para os bibliotecários dos ministérios, onde foram instalados terminais para acesso direto com o banco de dados Aruanda. O projeto Aruanda foi o primeiro sistema no Brasil a oferecer consulta pública a uma base de dados em tempo real. O meu trabalho era o de demonstrar o sistema e treinar pessoas na sua utilização. Em 1983, voltei para o Rio de Janeiro e fui contratado pelo IBGE para trabalhar no SIDRA, que era um sistema semelhante ao Aruanda do IBGE. O meu trabalho foi praticamente o mesmo que havia deixado no SERPRO: muitos treinamentos e muitas exposições. E

⁴³ Não se usava ainda naquela época o termo *informática*. Esse termo é bem mais recente.

assim foi até 1987 quando ingressei no mestrado em Administração (COPPEAD/UFRJ).

Na COPPEAD eu tomei contato com os computadores pessoais que estavam começando a aparecer no Brasil. Foi um choque! Eu estava acostumado com aquelas máquinas enormes que eu nem via, eram quase que entidades místicas localizadas em um lugar inacessível chamado de CPD⁴⁴. E de repente estava ali eu sozinho, com uma máquina que fazia infinitamente muito mais do que a Olivetti P-101 que eu havia dominado 15 anos antes. Era o computador pessoal, o PC-XT, uma mudança de conceito. Passei horas e horas, dias e dias, meses e meses, no laboratório de informática da COPPEAD aprendendo a usar aquela máquina. Estava fascinado! Eu já intuía a revolução que aquilo iria causar em toda a estrutura de trabalho. Quando saí da COPPEAD eu já dominava suas aplicações básicas de um PC. Sabia usar todos os processadores de texto que existiam na época (o Wordstar e o Word, que já existia na época, mas muito diferente do atual) e a planilha eletrônica Lotus 1 2 3.

Quando voltei ao IBGE depois do mestrado⁴⁵ — em 1988 — eu já estava contaminado pela febre do computador pessoal. Não conseguiria trabalhar mais sem ele. Eu trabalhava na Diretoria de Informática do IBGE e era um dos raros que dominavam aquele tipo de computador. Era uma enorme revolução no IBGE, havia poucas máquinas e as pessoas queriam usá-las, aprender a usar, sentiam dificuldades e eu já havia superado essa fase há algum tempo. O chefe do departamento conseguiu um computador pessoal para que eu usasse. E a partir daquele tempo eu já passava mais de 10 horas por dia em frente a um computador. Tempo que aumentou consideravelmente quando eu consegui comprar o meu primeiro computador para a minha casa e uso estritamente pessoal. A partir desse momento eu praticamente passei a maior parte da minha vida na frente de um computador.

A minha produção no trabalho multiplicou-se absurdamente, os colegas passaram a me olhar com respeito e uma pitada de inveja, pois não conseguiam acompanhar. Quiseram ter também acesso, mas eles não conseguiam me acompanhar, porque

⁴⁴ Centro de Processamento de Dados.

⁴⁵ Que ficou incompleto, porque em 1981 eu já tinha apresentado a minha dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional na COPPE/UFRJ.

eu havia tomado uma vanguarda no uso do computador pessoal dentro do IBGE. E quando ao domínio da tecnologia se acrescenta o prazer pelo trabalho, o produto se multiplica ainda mais. E era assim comigo e a cada dia se acrescentavam novas experiências e eu ia cada vez conhecendo melhor o computador e descobria novos usos e aplicações.

Acabei sendo convidado para ser professor em uma faculdade de informática e o contato com os meus alunos multiplicou as portas de acesso a novos sistemas e novos equipamentos. Era o ano de 1990 e ainda não havia a Internet no Brasil. Mas essa pequena rede com os meus alunos foi o suficiente para me manter na vanguarda.

O domínio da tecnologia sempre foi uma paixão. Desde o começo eu tratei de dominar o software e também o hardware. Desde o começo eu aprendi a montar e desmontar o computador, a instalar e desinstalar periféricos, a instalar e desinstalar softwares e utilizá-los para o trabalho, prazer e diversão. Em 1992 eu troquei o meu equipamento pelo primeiro computador da linha Pentium da Intel. Foi meu primeiro *upgrade* de máquina. E o que já era fácil no complicado sistema operacional DOS, se tornou ainda mais fácil no sistema Windows.

Até 1992 a atualização tecnológica era toda de boca em boca, através de conversa com meus alunos e outros professores. A partir de 1992 tudo mudou. Eu tomei contato com uma espécie de clube de informática que recebia o nome de BBS e a partir daí o meu conceito de mundo se ampliou. Foi o meu acesso ao mundo virtual e o nascimento do CAlex, meu ser e minha marca de presença no mundo virtual.

Mas isso é assunto para um novo capítulo.

Capítulo 18 — Ingressando no Mundo Virtual como Presença.

Em 1992, eu fui apresentado pelos meus alunos ao mundo virtual. Ainda não existia no Brasil uma Internet plena. Havia provedores de BBS que tinham vários associados e o provedor centralizava e distribuía mensagens que os participantes trocavam entre si.

BBS – *Bulletin Board System* — era um sistema de computadores ligados 24 horas por dia, conectados a linhas telefônicas através de vários *modems*. Um programa gerenciador mantinha o controle automático de toda a atividade com intervenção mínima do operador do sistema (*SysOp - System Operator*).

A atividade mais interessante de um BBS era a troca de mensagens entre os participantes. As mensagens eram organizadas em *boards* – que reuniam mensagens sobre um mesmo assunto – e o participante recebia e enviava mensagens para os *boards* dos quais participava.

Os BBS foram a gênese das primeiras comunidades virtuais que se formaram na Internet. Eu participava de dois grandes BBS do Rio de Janeiro: o Inside BBS e o Centroin BBS. Cada um tinha aproximadamente de 500 a 1000 participantes ativos que trocavam mensagens, idéias, envolviam-se emocionalmente uns com os outros.

Faziam-se amizades e inimizades. Era como uma grande família. Vez por outra era organizado um encontro, num bar da cidade, e aí havia contato pessoal. Nesses encontros os participantes se conheciam pessoalmente e varavam a madrugada e quando retornavam para casa, a primeira coisa que faziam, era ligar o computador

e, através de um "*baunilhinha*"⁴⁶, conectar-se ao BBS para *baixar* (*download*) as mensagens dos *boards* e *subir* (*upload*) as nossas mensagens para os *boards* dos quais participávamos.

Pouco depois, os BBS começaram integrar-se uns aos outros, formando parcerias e a rede ia se ampliando. E logo estávamos conectados à Alternex que era uma rede mundial que distribuía mensagens para o mundo todo. Assim já era possível conversar com pessoas conectadas nos mais diferentes pontos do planeta. Pessoas unidas por trocas de mensagens de assuntos de mútuo interesse. A Rede Alternex possuía algo em torno de 15.000 *boards* diferentes: sobre os mais variados assuntos, lugares, manias, *hobbies* etc...

E de repente a conexão que era praticamente de vizinhança quase familiar, se expandiu a milhões de pessoas e formou-se a Grande Rede aberta e que chamamos de Internet.

Mas o que levou a essa expansão tão rápida? O que fazia essas pessoas tomarem a iniciativa de comprar um modem, usar sua linha telefônica para conectar-se a um computador central e através dele reunir-se de coração e mente com outras pessoas num envolvimento às vezes profundo, às vezes confuso e muitas vezes desconcertante? O que gratificava essas pessoas ao ponto de tomarem essa iniciativa várias vezes ao dia? Seria uma necessidade de presença ou uma necessidade de perceber presença de outros?

A frequência de conexões diárias para subir postar as mensagens e recolher as mensagens do grupo chegava a mais de 5 vezes por dia no caso de mais de 10% dos participantes ativos. Dados que eu observei através das datas das mensagens que não disponho mais, mas que observei durante meses, porque eu mesmo baixava o meu pacote de mensagens mais de 10 vezes por dia, dentro da medianidade cotidiana. E nessas minhas idas e vindas eu pude observar que o aparecimento de respostas que fomentavam as conversas em grupos era mais freqüente quando o tema envolvia assuntos de natureza emocional, ou observações jocosas, ou consternação com relação a alguma tristeza.

⁴⁶ *Baunilhinha* era o apelido que se dava ao primeiro modem para o *modem* que utilizávamos na época, com a velocidade de transmissão de dados de 240 kbps (kbytes por segundo), ou seja 33,3 vezes mais lento que a banda larga que atualmente eu uso.

Por vezes os participantes se mostravam emocionados ou consternados e se reuniam à volta de alguém que havia sofrido uma perda, como foi o caso da autora de novelas da Rede Globo Glória Peres que teve a sua filha assassinada⁴⁷. O número de mensagens e de participantes envolvidos cresceu muito nesses dias e o mesmo aconteceu nas vésperas do julgamento. Posso identificar um fator de solidariedade nesse momento e também pela oportunidade de conversar com uma pessoa do mundo na TV sobre um assunto muito veiculado na mídia.

Consternação que também apareceu quando Sergio Pettezoni⁴⁸ faleceu num acidente de carro na volta para casa de um encontro face-a-face onde muitas pessoas do grupo estiveram com ele. Cresceu muito o número de mensagens e a participação de pessoas diferentes.

Numa mensagem que demonstra um senso de colaboração espontânea, trago da memória um senhor japonês que respondeu a uma mensagem minha com relação à comida japonesa e a etiqueta de comer em um restaurante japonês. Esse senhor foi muito prestativo, explanou em uma longa mensagem — que infelizmente também se perdeu — a cultura alimentar do Japão, dando recomendações aos participantes do BBS de como se comportar num restaurante japonês, sobre o que se deve comer antes ou depois, o que devemos evitar misturar. Muitos outros participaram da conversa e o senhor japonês, sempre muito atencioso, respondia a todos.

Em outros momentos havia confraternização, por exemplo, quando um participante recebeu um prêmio literário importante. Ou por oportunidade do nascimento de crianças (filhos ou netos).

Havia no grupo pessoas ligadas à cultura, à literatura e à música popular. Lembro do jornalista Luis Gravatá (O Globo) sempre oferecendo informações a mais que ele retirava de seus arquivos. Havia um grupo que fervilhava de conversas, cada um querendo demonstrar mais saber, trazer mais lembranças ou detalhes, numa competição de saber saudável e que trazia as pessoas para a participação e a troca de informação enriquecedora.

⁴⁷ Ver: http://pt.wikipedia.org/wiki/Daniela_Perez, consultado em 6 de outubro de 2006.

⁴⁸ Escritor carioca.

Havia um *board* de interesse místico. Onde os participantes estabeleciam uma troca informações a respeito de livros, autores e sobre as diferentes escolas místicas e métodos divinatórios. Ali se discutiu as previsões de Nostradamus, sobre maçonaria, tarô e astrologia, especialmente esta, porque havia dois membros que eram conhecidos como astrólogos no Rio de Janeiro. E a curiosidade trazia muitos participantes a discutir esses assuntos que poucas pessoas se dedicam a compreender mais profundamente.

Havia também muita participação em questões relativas à política, colaboração com relação a direitos de consumidor e troca de orientações sobre compras de produtos de escolha técnica.

Mas aconteciam também, eventualmente, algumas discussões fortes — embates — em que os brigões queriam ficar sempre com a última palavra. Nesse momento podíamos observar que os participantes sempre se mostravam muito envolvidos, enviavam mensagens como muito mais frequência Respondiam ao outro quase que em seguida. Como se a presença no board fosse uma garantia vencer o embate. Os demais participantes geralmente acompanhavam a briga, como colegas de escola que assistem a um embate de dois colegas. Muitas vezes um participante passivo entrava para provocar um ou outro. Sempre terminava com um dos contendores desistindo. Muitas vezes esses embates eram de natureza adolescente, mas outras vezes o diálogo usado no embate era muito rico, de alto nível, sendo gratificante para os outros participantes que não perdiam uma cartada.

Não se trata de um ambiente educacional, naquela época eu não pensava, ainda, em utilizar a Internet em Educação, mas se pode demonstrar pelo nível de participação, de interação, de envolvimento era percebido o tempo todo.

Foi este o meu início no espaço virtual e daí para frente eu não parei mais. Estou me incluindo esse relato porque foi a minha introdução na rede e foi aqui também o meu aprendizado inicial.

Em 1995 a Internet chegou ao Brasil, os BBS tornaram-se provedores e os participantes se dissolveram pelos infinitos caminhos que a Grande Rede proporciona. Mas, como se a história sempre tivesse mesmo um retorno, após um período de dispersão pela Rede, as pessoas voltaram a se reunir em "comunidades virtuais". Não exatamente as mesmas pessoas, mas encontros de qualidade

semelhante. Pessoas ou personagens, como queiram, reúnem-se e se encontram em afinidades, desejos e necessidades. Pessoas que compartilham confidências, pessoas que se tornam amigas, pessoas com quem se sabe que pode contar quando precisamos saber alguma coisa.

Encontrei muitas pessoas que demonstravam uma presença efetiva e diária em um ambiente virtual. Demonstravam presença através da interação, da atenção aos demais participantes, através da colaboração, da informação, do envolvimento emocional e até mesmo nos embates.

Presença não é um conceito do mundo experimental, muito embora seja experimentada por nós mesmos a nossa própria presença. Da presença do outro só podemos ter a percepção⁴⁹. E a percepção do outro se enfatiza no encontro⁵⁰.

Durante esse período de BBS eu conheci muitas pessoas. Algumas eu conheci pessoalmente, outras eu conheci apenas no mundo virtual. O encontro espacial foi o que menos importou, para que algumas, até hoje, ainda façam parte da minha vida.

Hoje, 15 anos depois, eu percebo que as pessoas que permaneceram mais fortes foram aquelas que o contato ficou no virtual. A espacialização da presença se mostrou como resolutive. Como se o virtual fosse um devir do encontro no espaço. E que se resolveu quando ocorreu esse encontro espacial. Muitas relações não persistiram após o encontro no espaço. Onde pode até se concluir que somos muito mais interessantes como espírito do que como corpo. Que o corpo macula a presença do espírito. Vulgariza o ser e toma conta, arbitrariamente, da percepção da matéria como sendo a própria expressão do ser.

Isso não é uma verdade absoluta. Alguns encontros dentro da espacialidade do mundo, o transcenderam. Mas estes foram encontros mais que materiais. Foram encontros de espírito tão fortes que a presença do corpo não foi capaz de resolver. e persistiram assim, apesar da corporalidade na presença.

⁴⁹ Ver Capítulo 10 desta tese.

⁵⁰ Ver Capítulo 9 desta tese.

Essa percepção de presença é vivenciada, não é experimental. Eu não posso trazê-la para um laboratório experimental, porque não se experimenta o espírito. Isso é vida numa concepção expandida. E o expandido está além do experimental. Não posso trazer para cá uma receita de vivenciar a presença.

A presença é o próprio ser do homem e, portanto, é personalíssima. Qualquer tentativa de evidenciá-la seria experimentalizá-la, seria maculá-la por uma tentativa de explicá-la por uma via fácil. Seria tentar dotá-la de um positivismo que jamais irá alcançá-la na sua plenitude de sentido.

Capítulo 19 — Constituindo Presença no Ciberespaço

Em 1995 o Brasil integrou-se no ciberespaço. Passamos a ter acesso pleno à Internet passamos a ter oportunidade de freqüentar um mundo. Um mundo amplo e desterritorializado. Vasto demais para quem freqüentava um clube como era os BBS. Os BBS tinham fronteiras, todas as pessoas eram da mesma cidade e a maioria se conhecia pessoalmente ou tinha alguém que conhecia o outro. Havia um sistema de referenciamento uns dos outros. Agora surgia uma rede mundial, desterritorializada⁵¹ e onde vagavam pessoas que falavam com a gente e não sabíamos quem eram.

Nós conhecíamos pessoas através de uma identidade virtual. A identidade virtual é algo que é construído com presença e relacionamento com outros seres no ciberespaço. A identidade virtual conferia à presença a possibilidade de ser reconhecido por outras pessoas, criando possibilidades de estabelecer vínculos de diversas naturezas.

A presença dotada de identidade virtual pode ter existência, historicidade no ciberespaço ter testemunhos e rastros de si mesmo. E para deixar testemunhos e rastros é necessário criar uma marca pessoal permanente e mantê-la sempre. Através da marca se faz a ligação com o ser, cria-se a identidade virtual. A minha marca é "calex" ou "calex fagundes". Se alguém colocar essas palavras em um buscador, irá encontrar os meus rastros na Internet. Eu sempre, desde o começo,

⁵¹ A rede é desterritorializada porque se baseia em endereços lógicos e não em endereços físicos. Teoricamente poderíamos dizer que o a pessoa está no ciberespaço no local onde se situa o seu computador, entretanto, essa territorialização é difusa porque o endereço físico é móvel. Podemos acessar a internet de qualquer lugar: de um hotel, de uma lan-house, e com o advento da conexão móvel cada vez menos estamos localizados.

usei esta marca. É a minha marca, o meu *nickname*. É uma marca que tem 12 anos de idade.

Assim, dotado de uma marca pessoal, criei a minha identidade virtual e, com ela, eu podia revelar-me como um ser do ciberespaço e criar a minha história nesse espaço desterritorializado.

Praticamente todos criam uma identidade virtual para as suas andanças no ciberespaço. Aquele que não a cria é como uma alma penada sem identificação. E, como toda alma penada, dá medo. Um medo que não tem valor positivo nenhum, porque no ciberespaço é fácil escapar de fantasmas. Basta desconectar-se e desligar o computador. Na verdade basta um clique para livrar-se de um fantasma. Não há vantagem nenhuma em ser um fantasma no ciberespaço. Demonstra um temor infundado.

Aquele que usa mais de uma marca — mais de um *nickname* — perde sua unidade de personalidade virtual. Quantas mais marcas usar, mais se dilui a sua personalidade virtual. Se a pessoa tem muitas marcas tenderá a ser um anônimo e o anonimato no ciberespaço faz não se desenvolva confiabilidade. Confiabilidade é o desenvolvimento da confiança das pessoas em sua personalidade virtual. E isso se faz através de sua marca. Um anônimo tem a mesma confiabilidade de um fantasma. Não é ninguém. Desenvolver confiabilidade no ciberespaço é uma construção perseverante. E é importante porque afirma a pessoa no ciberespaço. Consolida a personalidade virtual do ser.

Para entender como é importante ser confiável no ciberespaço basta observar a dificuldade que as empresas comerciais têm de consolidar-se como uma entidade no espaço virtual. A personalidade virtual confiável é, portanto, fundamental para ser presença nesse mundo que é o ciberespaço.

Para consolidar a presença no ciberespaço é importante ter uma casa, uma morada no ciberespaço. Essa morada é o sítio pessoal onde reside o ser virtual e onde o ser está constantemente presente. Um lugar, embora desterritorializado⁵², onde podemos ser encontrados sempre no mundo virtual. Sem uma morada, somos

⁵² Nossa morada é desterritorializado porque é móvel. Estamos um dia em um servidor, outro dia em outro. Os próprios servidores se localizam em vários lugares diferentes por questão de segurança e como a informação é difusa e volátil, não se sabe dizer onde somos e estamos no ciberespaço.

apenas meros transeuntes no mundo virtual. Estamos ali de passagem e somos como estrangeiros no ciberespaço. Os transeuntes⁵³ são como passantes despersonalizados. Mesmo quando se identificam ninguém tem a possibilidade de saber quem é. Não há onde verificar quem é. São pessoas sem referências. Não se sabe quem é. E mesmo que se diga "sou fulano", haverá alguma dúvida a respeito. Ninguém tem confiança em transeuntes. Uma identidade virtual com morada certa receberá créditos de confiança.

Especialmente importante é ter autonomia no ciberespaço. Se estiver no ciberespaço associado a uma organização, não serei autônomo. Não serei uma identidade virtual. Serei a organização. Posso até ser mais considerado, mas não represento eu mesmo. Represento uma organização. Não endosso a mim mesmo, a organização é que me endossa. E então quem está presente não sou eu e sim a organização.

Se eu tenho por hábito visitar a casa dos outros sem ter uma morada no ciberespaço. Um sítio que me apresente e que fale sobre mim, que estabeleça o **Eu Sou**. Eu serei um visitante sem morada, um nômade. Não serei considerado como **Quem Sou** e sim como um desconhecido que ali atracou seu barco provisoriamente. Para **ser** é necessário ter existência na Internet. É preciso ter morada que nos referencie no espaço desterritorializado para concretizar **O Ser** no ciberespaço. Essas moradas são lugares de presença certa e realizações pessoais.

Assim sendo, a presença no ciberespaço tem alguns pré-requisitos que precisam ser alcançados.

São eles:

- **Identidade virtual:** para tornar-se presença no ciberespaço é necessário constituir uma identidade. Essa identidade será construída conforme se constitui a própria presença. A identidade virtual — além de ser uma forma de ser reconhecido — é também um espelho do que se é no mundo comum. Corresponde a atributos de o próprio ser agregados a um comportamento no ciberespaço, o comportamento e as idéias lançadas no ciberespaço, constituem essa identidade.

⁵³ Também chamados de surfistas, navegadores etc.

- **Marca pessoal:** além da identidade virtual é pré-requisito criar uma marca pessoal. A marca pessoal é um nome em volta do qual se aglutina a identidade virtual. A marca pessoal torna mais fácil encontrar rastros de presença através dos mecanismos de buscas. A reunião desses rastros em torno da marca são componentes importantes da presença e ajudam a desvelar a sua existência no ciberespaço.

Um exemplo interessante de como a marca pessoal pode ajudar a recompor uma existência no ciberespaço está na própria escrita desta **Parte 3** desta tese. Eu havia perdido registros de minha existência na Internet. Lembrava vagamente daquilo que eu fui na minha historicidade e como se constituiu a minha presença. Para escrever essa minha história de vida no ciberespaço eu me sentia inseguro, porque havia perdido registros de minha vida no ciberespaço, minhas passagens. Entretanto, veio-me a idéia de procurar no Google pela minha marca pessoal. Nesse instante, o buscador me ofereceu uma grande quantidade de registros de minhas passagens vivenciais. A partir desses rastros eu consegui recompor o que estou escrevendo agora e esses registros trouxeram para mim a possibilidade de desvelar detalhes que eu havia esquecido.

Trata-se de uma aplicação bem clara da fenomenologia ontológica de Heidegger. A partir de registros de existência eu recomponho meu ser no tempo. E a angústia que eu sentia, pois estava me considerando incapaz de reconstruir minha existência, foi curada. Assim, eu estou escrevendo esta Parte 3 de minha tese é torna-se possível, a partir dela, construir uma teoria inter-relacionada. Trata-se de um exemplo de aplicação da metodologia que utilizo aqui.

Mas falta falar do último pré-requisito de presença no ciberespaço:

- **Constituir uma morada virtual:** um lugar onde o sujeito habita, onde pode ser encontrado e onde se reúnem existenciais desse sujeito. Um lugar onde o ser consolida e materializa a sua presença no ciberespaço. Onde o interessado pode obter inúmeras referências da presença e onde pode conhecer melhor essa presença. A morada virtual é onde a presença habita. Essa morada pode ser, inclusive, a página de currículo na Plataforma Lattes. A plataforma Lattes dá uma referência importante para os pesquisadores e que dá endosso para quem está no ciberespaço.

Quem dispõe de identidade virtual, marca pessoal e morada tem uma presença no ciberespaço. Mas cabe lembrar que a identidade, a marca pessoal e a morada só têm sentido se o sujeito estiver vivo em sua identidade, marca e morada. Se o sujeito não for uma presença permanente nessas características. Se o sujeito não for presença e abandonar essas características, o tempo se encarregará de volatilizá-las e extingui-las e os rastros se tornarão como vestígios e despojos de alguém que não existe mais.

Suely Scherer em sua tese de doutorado (SCHERER, 2005) apresentada à PUC-SP em 2005 identifica três níveis de presença em comunidades virtuais de aprendizagem. Esses três níveis de presença são: habitantes, visitantes e transeuntes. A sua identificação toma o foco de uma comunidade virtual, mas eu gostaria de extrapolar esses conceitos para o universo do ciberespaço e para isso precisarei modificar esses conceitos originais.

Considero uma comunidade virtual como um pequeno mundo onde se há convivência interpessoal, o ciberespaço é o universo que abriga esses pequenos mundos. Preciso reconstruir esses conceitos para expandi-los para o universo paralelo que é o ciberespaço.

No universo do ciberespaço é **habitante** aquele que tem morada certa. O ser habita em seu blog, em sua página pessoal, onde deposita inúmeros indícios de seu ser. A sua página pessoal é uma referência concreta dentro da concretude típica do ciberespaço. Só será **habitante** do ciberespaço aquele que é *cidadão do ciberespaço* e para ser cidadão precisa ter residência e morada no ciberespaço. A morada onde o sujeito habita é o centro de referências sobre o ser.

Será **visitante** aquele que tem uma identidade e marca pessoal, mas não tem uma morada. A sua identidade é constituída visita inúmeros sítios e comunidades, deixando ali seus rastros que remetem para uma marca pessoal e esta para a sua identidade, mas é uma identidade difusa porque os rastros apontam para uma presença difusa, sem uma morada para ser a sua própria referência.

Um visitante poderá ser um **hóspede** quando adotar uma comunidade virtual como seu centro de referência. Neste caso, os demais membros da comunidade poderão

reconhecer este sujeito, mas no contexto do ciberespaço ele não será, ainda, reconhecido como habitante.

Será mero **transeunte** se é mero "navegador", ou "surfista" do ciberespaço. Não tem identidade virtual, nem marca definida. Apenas navega pelos diferentes lugares sem deixar rastros e nem marcas pessoais. É como uma "alma penada" sem existência no ciberespaço, um curioso que geralmente só será levado a sério nos interesses comerciais e públicos das organizações. Serão considerados por essas como "clientes em potencial". Para consolidar-se como cliente será necessário preencher cadastros nos lugares em que visita e criar ali uma identidade virtual.

Esses conceitos inseridos aqui neste Capítulo auxiliarão em elucidações e desvelamentos que se seguem.

Capítulo 20 — Consolidando Presença no Ciberespaço — Os Projetos

Na consolidação de minha própria presença no ciberespaço muito importantes foram os projetos que eu criei e desenvolvi no ciberespaço. Os projetos que concebi foram referências fundamentais principalmente porque eles se espalharam mundialmente no ciberespaço e atingiram o nosso mundo terrestre em forma de noticiário e contatos que se estabeleceram a partir deles.

Os projetos que desenvolvemos incorporam a nossa marca e associam-se à nossa identidade no ciberespaço. Mas, estou me referindo aqui apenas aos projetos desenvolvidos no ciberespaço. Projetos que tomam corpo e forma no ciberespaço.

A criação e desenvolvimento de projetos baseados no ciberespaço consolidam a presença da rede. Refiro-me aqui a projetos de aglutinação de pessoas em torno de um foco de interesse comum. Estou me referindo à formação e desenvolvimento de comunidades virtuais. Estou me referindo a projetos vivos com a participação de pessoas e não de concepções individuais em torno do próprio sujeito. São **construções coletivas** cuja idéia inicial parte de um núcleo criativo que tomou a iniciativa de criar, divulgar, manter e dar corpo ao projeto. E depois de ter um corpo surge a tarefa de coordenar e mediar aqueles que ali são acolhidos como habitantes, visitantes e transeuntes.

* * *

Esses termos *habitantes*, *visitantes* e *transeuntes* aqui assumem nos projetos um significado bem semelhante ao desenvolvido por Suely Scherer em sua tese de doutorado (SCHERER, 2005: 60-1). A única diferença é que Scherer contextualiza a sua classificação em um meio de aprendizagem. E a comunidade virtual transcende

o objetivo de aprendizagem. A comunidade virtual pode ter uma série de objetivos diferenciados.

Uma comunidade virtual pode ser, por exemplo:

1. um centro de relacionamento de pessoas com interesses sobre um determinado foco;
2. um centro de aglutinamento de pessoas com determinadas afinidades pessoais;
3. um centro de aglutinação de natureza sócio-política; ou
4. um centro de aprendizagem colaborativa ou cooperativa.

Entre outras categorias que a comunidade pode assumir. Uma comunidade virtual é um centro de reunião de pessoas no ciberespaço. Essa reunião pode ser para aprendizagem, como Scherer enfoca. E podem ter — as comunidades virtuais — outros objetivos explícitos e ainda outros implícitos e mesmo não-revelados.

* * *

Eu estava escrevendo, antes de incluir a inserção esclarecedora anterior, que as comunidades virtuais surgem a partir de um **núcleo criativo** que assume para si a tarefa de **criar, divulgar, manter e dar corpo** ao projeto. E depois de ter um corpo surge a tarefa de **coordenar** e **mediar** aqueles que ali são ali acolhidos.

Vamos ver o que são esses conceitos que grifei no parágrafo anterior:

- **Criar** uma comunidade virtual é a concepção do seu projeto em si. É a sua definição daquilo que é a comunidade, o estabelecimento de seus objetivos e sua focalização.
- **Divulgar** é um processo de captar participantes e de fazer o projeto crescer tornando-o uma comunidade praticamente autônoma. É disseminá-lo para

que se torne conhecido, tornando-o atrativo para outras presenças no ciberespaço.

- **Manter** é a preocupação de manutenção, incluindo a captação de recursos que permitem a sua duração e permanência.
- **Dar corpo**, corporificar é colocar o projeto disponível para cumprir a sua missão. Significa construir um portal e dar a ele um endereço no ciberespaço.
- **Coordenar** é administrar o portal fazendo convergir e efetivar os esforços da equipe de administração do portal.
- **Mediar** é promover intervenção junto aos participantes com vistas o foco e objetivos da comunidade.

O meu primeiro projeto no ciberespaço foi o **Poesia Diária**. Foi um projeto que teve desde o seu começo — 1995 — e hoje ainda existe⁵⁴ apesar de eu ter abandonado o leme do projeto em 1999 para assumir outros projetos. São, portanto, 12 anos de existência de um projeto. Uma duração de tal extensão no ciberespaço é muito raro, geralmente os projetos duram muito menos. Mas o projeto foi muito bem concebido e difundido.

Apresento aqui a sua concepção e desenvolvimento para que sirva de exemplo e de estudo para que venha à tona informações interessantes para a concepção de novos projetos com focos até bem diferenciados deste aqui.

Em 1998 eu fui entrevistado pelo jornalista Rodrigo Leão para o seu *e-zine* Balacobaco: ⁵⁵

O PD (Poesia Diária) nasceu de forma espontânea não planejada. Eu estava querendo divulgar minha poesia e resolvi adotar a internet como meio de divulgação. Quando comecei com o PD não sabia o que

⁵⁴ Existe com o nome de PD-Literatura, coordenado por Asta Vonzodas a quem eu repassei a coordenação do Poesia Diária, quando decidi partir para novos horizontes. O site atual do PD-Literatura esta em: <http://www.pd-literatura.com.br/> consultado em 08/10/2006.

⁵⁵ LEÃO, 1998. Através desse registro, uma entrevista que encontrei usando o Google, consegui recuperar boa parte de minha história de vida no ciberespaço.

iria acontecer. Sei que comecei, usando o Eudora Light⁵⁶, a criar só um nickname uma lista de e-mails e comecei a soltar poesia.

Dai foi de lá da Dinamarca que uma amiga me sugeriu: por que você não cria um digest⁵⁷? Foi assim que no dia 12 de agosto de 96, dia do aniversário do meu pai, saiu o primeiro PD e já era muito parecido em forma com o que é hoje. Só mudou o conteúdo. Passei a distribuí-lo para uns e-mails que estavam inscritos na lista de poesia da Esquina das Listas, uma lista pioneira que já havia se finado, e assim foi.

O número de assinantes foi crescendo, crescendo, hoje são quase 1000. E agora é muito mais que um simples digest. Surgiram os suplementos e existe toda uma equipe trabalhando. Passamos a ter uma home, onde as pessoas podem ir quando desejam e encontrar lá todo um mundo de poesias. E tem os boletins que vão até as pessoas.

Ou seja, existe um caminho de ida e volta, existe uma comunidade inteira que participa, convive, briga, ama... etc... Tudo no melhor sentido de vivência em comunidade. Existem pontos de encontros, locais virtuais onde as pessoas interagem, conversam e se encontram.

Esta é a verdadeira história, mas estou ultrapassando alguns degraus que foram importantes no processo de desenvolvimento e crescimento do PD. Vou usar aqui as iniciais PD, para simplificar e mesmo porque, depois que o deixei, Asta Vonzodas, que trouxe o projeto até os dias de hoje, adotou a sigla PD. Acredito que hoje ele seja bem mais conhecido como PD do que com seu nome original Poesia Diária. Foi a intimidade que o fez virar PD, o nome Poesia Diária era uma marca de uma oportunidade incrível, mas ele vulgarizou-se — ficou conhecido — como PD.

Quando eu entrei no ciberespaço — no sentido estrito — eu estava meio perdido e não sabia o que fazer para me apresentar aos outros. Eu sempre escrevi poesia e crônicas, mas não tinha nada publicado. Quando estava nos BBS eu costumava divulgar alguns de meus poemas. Mas agora eu não estava mais no ambiente familiar dos BBS. Estava no universo que era o ciberespaço. E eu precisava fazer algo para ser uma identidade nesse universo sem fronteiras. Um universo que naquele tempo praticamente só tinha transeuntes. Era difícil encontrar alguém conhecido.

⁵⁶ Eudora Light era um sistema de edição e recepção de emails que eu usava em 1995. Semelhante ai Outlook da Microsoft.

⁵⁷ Digest: digestivo. Fácil de digerir. Publicação de leitura leve e ligeira.

E, intuitivamente, eu fui construindo a minha identidade. O Poesia Diária propiciou essa a criação dessa identidade. E também, simultaneamente, eu criei a minha marca *calex*, meu *nickname* que eu mantenho até hoje. Todos que me conhecem a mais tempo na Internet me chamam de *calex*. Na PUC, quando entrei no doutorado, eu me apresentei por *calex*.

Primeiro eu simplesmente copiava e-mails para uma lista de distribuição e as mandava com poesias de minha autoria. Usava texto plano e sem acentuação, pois naquele tempo o recurso de acentuação ainda não era plenamente utilizado. Em muitos computadores não se conseguia acentuar. Eu mandava para pessoas que acreditava que iriam gostar. Mas nem todas gostavam. Era o que se chama hoje de *spam* — envio de mensagens não desejadas. Sim, o PD começou com *spams*. E eu não sabia disso, depois que aprendi. Fato é que a minha amiga que morava na Dinamarca estava cheia de receber os meus poemas e sugeriu que eu criasse um *digest* — uma resenha periódica — com todas as poesias de uma vez só, ao invés de ficar remetendo pontualmente e a qualquer hora. Mas essa gestação durou meses, só em agosto de 1996 — depois de algumas broncas que levei — foi que eu atinei de mudar o formato e a forma de distribuição.

Consegui uma *lista de discussão* de graça em meu provedor e mandei uma última mensagem para a minha lista de e-mails avisando sobre a mudança de modo de distribuir e a partir daí a pessoa se inscrevia para receber se quisesse. Parei de enviar compulsoriamente.

Mas para minha surpresa a lista de *assinantes* não compulsórios, cresceu ao invés de minguar. E o conteúdo que havia passado a ser uma edição diária, com conteúdo de poesia não mais apenas minha, passou a ser enviado para 20, 30, 50... 100, 200... e foi crescendo, atravessou o oceano, ganhou a Europa, a África, a América do Norte, o Japão, a Oceania. Em menos de um ano o grupo de participantes havia atingido todos os continentes, sempre através de brasileiros e portugueses. E começaram a chegar colaborações espontâneas: os participantes começavam a remeter seus trabalhos e seleções de poemas de poetas importantes.

Com o decorrer do tempo o PD passou a ter uma equipe de coordenação e já não era mais um digestivo diário. Havia um sítio na Internet, onde colocávamos as edições históricas e com design trabalhado, tudo muito bem feito. Criamos também uma editora onde foram publicados cerca de 30 livros de participantes que

bancavam seus próprios livros. Um acerto com uma gráfica de Juiz de Fora garantia custos bem menores que a produção de livros nas gráficas do mercado. E assim nascia também a Editora Poesia Diária, na qual publiquei três livros meus de poesias e um de contos, e muitos poetas e escritores debutaram do mesmo modo.

O Projeto Poesia Diária ficou muito conhecido no meio literário. Foi matéria de praticamente todos os jornais do Brasil. A partir dele muitos projetos novos apareceram.

Quando deixei o projeto ele estava no auge. A editora com vários livros no prelo e uma participação efervescente.

Mas eu tinha outro projeto de vida para mim. Assim me desliguei do projeto e passei-o às mãos de pessoas confiáveis que souberam dar continuidade ao projeto até hoje.

E, também, já era uma presença consolidada no ciberespaço. Em minhas experiências como visitante em outros projetos, eu já encontrava pessoas que me conheciam endossavam o trabalho que eu tinha feito no Projeto Poesia Diária.

E muitos vieram comigo para o projeto seguinte.

O Poesia Diária foi um aprendizado e uma inclusão. Com ele aprendia fazer páginas e a dominar a linguagem *html*⁵⁸. Aprendi a usar o ciberespaço para trabalhar, a mediar grupos de discussão e a usar a Internet para divulgar sítios e atividades.

Essa experiência foi muito importante para dar passos maiores nos projetos que o sucederam.

⁵⁸ Linguagem de programação de páginas na Internet. Linguagem de hipertexto.

A sigla HTML deriva da expressão inglesa HyperText Markup Language - - Linguagem de Formatação de Hipertexto. Trata-se de uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Internet. De modo geral são documentos de texto escritos em códigos que podem ser interpretados pelos browsers para exibir as páginas da World Wide Web.

WIKIPEDIA: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Html>, consultado em 09/10/2006.

Capítulo 21 — Presença em Formas Educacionais Híbridas

Quando eu ingressei no ciberespaço eu já era professor universitário há mais de cinco anos. Eu já utilizava, desde o começo, o computador para a geração de material didático e apresentações. Sempre usei a tecnologia como apoio educacional. Assim, quando a Internet chegou ao Brasil, comecei imediatamente a pensar em como utilizá-la em educação.

Em 1996 já havia uma série de serviços gratuitos ofertados pela rede internacional que propiciavam ferramentas interessantes para serem utilizadas em educação. Cito alguns deles:

- BrasNET;
- Geocities;
- Onelist.

A BrasNET é - existe até hoje - uma rede brasileira de IRC⁵⁹ que propiciava conversas de grupos em tempo real. Um professor podia, por exemplo, criar um grupo e conversar com seus alunos em tempo real através de computadores localizados espacialmente a distância. A Wikipedia conta a história da BrasNET:

No começo eram apenas dois servidores e um grupo de amigos, porém nos seis meses que se seguiram, a iniciativa ganhou atenção de vários provedores de Internet e dos usuários, sofrendo um rápido

⁵⁹ IRC é a abreviação de Internet Relay Chat, é um protocolo da internet voltado para bate-papos, basicamente a rede IRC é composta de servidores que abrigam os canais (salas) de bate-papo. A Brasnet é uma das redes de IRC.

Definição obtida em: <http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6515696>, consultado em 09/10/2006.

crescimento (com picos de 300 usuários, um número bastante expressivo na época).

No final de 1996, o pico de usuários na rede já era de um mil, alcançando 2,700 no final de 1997. Grande parte desses usuários iniciais eram migrantes da rede BrasIRC. A rede continuou a crescer a uma taxa de mais de 200% ao ano e, em janeiro de 2003, ela alcançou 48,000 usuários e mais de um milhão de conexões por dia.

O fundador da BrasNET é o Mauritz Antunes. ⁶⁰

Eu estive entre os 300 pioneiros e conheci o fundador através de e-mails e da própria BrasNET.

Eu não consegui utilizar a BrasNET como veículo educacional. A razão, num primeiro momento, é que meus alunos na ENCE não tinham computador próprio, em sua grande maioria e o acesso à BrasNET era barrado pelo *firewall*⁶¹ das empresas que trabalhavam. Num segundo momento por ser defensor do uso do meio *assíncrono* ⁶², deixei de cogitar o uso educacional de ferramentas em tempo real.

Já o *Geocities* era um serviço independente em 1996 e que hoje está incorporado ao Yahoo:

... é um serviço do yahoo que permite ao internauta criar gratuitamente um site. Oferecendo diversos recursos, desde carregamento de arquivos FTP à Editor de páginas Online. Oferecendo um espaço de 15 MB para guardar seus arquivos, imagens que vão ser usadas em suas páginas. Oferece também Editor de HTML que permite que você crie suas páginas em seu próprio editor de Web (FrontPage etc...) e transfira o Html para esse editor, mas para isso tudo você deve ser um cadastrado do Yahoo.

⁶⁰ WIKIPEDIA: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasnet>, consultado em: 09/10/2006.

⁶¹ Firewall:

Firewall é o nome dado ao dispositivo de rede que tem por função regular o tráfego de rede entre redes distintas e impedir a transmissão de dados nocivos ou não autorizados de uma rede a outra.

(WIKIPEDIA, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Firewall>, consultado em: 09/10/2006)

⁶² Assíncrono:

Termo utilizado na educação a distância para caracterizar o ambiente em que as pessoas aprendem por meio de uma rede de computadores em qualquer hora e em qualquer lugar, sem a participação simultânea de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. A internet, por exemplo, possui ferramentas de cooperação assíncrona: correio eletrônico, newsgroups e listserves.

(MENEZES; SANTOS, 2006)

(WIKIPEDIA, <http://pt.wikipedia.org/wiki/GeoCities>, consultado em 09/10/2006)

O *Geocities* permitia que o professor preparasse o material didático de sua disciplina e o disponibilizasse em um *site* da Internet, onde os alunos poderiam ter acesso e obter o material para seus estudos. Como podíamos usar a linguagem *html* era possível incluir *weblinks*⁶³ e remeter o leitor para outros textos correlatos, se este desejar aprofundar sobre determinado ponto do texto original.

Utilizei muitas vezes este recurso para distribuir apostilas, apresentações e informações de aprofundamento para os meus alunos presenciais. Isso fez muito sucesso entre os alunos, foi uma forma de angariar interesse e presença em sala de aula. Mesmo depois que criei sites próprios e abandonei o *Geocities* eu continuei a fornecer o material didático em hipertexto.

Outro recurso interessante foi o *Onelist*, um serviço de lista de discussão oferecido por uma empresa internacional.

Lista de discussão é conceituado na *Wikipedia* como:

Lista de discussão é uma ferramenta gerenciável pela internet que permite a um grupo de pessoas a troca de mensagens via e-mail entre todos os membros do grupo.

O processo de uso consiste no cadastramento da lista, por exemplo no Yahoo, um dos sites que oferece o serviço gratuitamente, e após, no cadastramento de membros. Uma mensagem escrita por membro e enviada para a lista, replica automaticamente na caixa postal de cada um dos cadastrados.

⁶³ Uma hiperligação, ou simplesmente uma ligação (também conhecida em português pelos correspondentes termos ingleses, *hyperlink* e *link*), é uma referência num documento em hipertexto a outro documento ou a outro recurso. Como tal, pode-se vê-la como análoga a uma citação na literatura. Ao contrário desta, no entanto, a hiperligação pode ser combinada com uma rede de dados e um protocolo de acesso adequado e assim ser usada para ter acesso directo ao recurso referenciado. Este pode então ser gravado, visualizado ou mostrado como parte do documento que faz a referência.

As hiperligações são parte das fundações da world wide web, criadas por Tim Berners-Lee.

A palavra inglesa *link* entrou na língua portuguesa por via de redes de computadores (em especial a Internet), servindo de forma curta para designar as hiperligações do hipertexto. O seu significado é "atalho", "caminho" ou "ligação". Através dos links é possível produzir arquivos não lineares ou simplesmente inserir ilustrações em um arquivo de texto.

Na web designa partes clicáveis em forma de texto ou imagem, que levam a outras partes de um sítio.

Os links externos dão uma forma "interativa" do artigo para o leitor. O leitor acaba conhecendo várias páginas sobre diversos assuntos ou apenas o tema que é desejado.

WIKIPEDIA: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hiperliga%C3%A7%C3%A3o>, consultado em 09/10/2006.

Há também a opção de estar-se cadastrado e fazer a leitura em modo web, ou seja, sem receber os e-mails da lista no e-mail.

Listas de discussão são ferramentas de comunicação assíncronas.

É uma lista de discussão gerenciável pela internet, utilizada para troca de informações (dos mais variados assuntos) entre um grupo de pessoas que se interessam por assuntos comuns. Essa troca de informações é feita via e-mail. Toda vez que alguém do grupo participa com algum comentário o seu e-mail é enviado para a caixa de correio de todos o participantes. A inscrição também é feita por e-mail e deve ser encaminhada para o administrador da lista de discussões. Em seguida, você recebe a confirmação ou não da sua inscrição, juntamente com instruções de como participar e de como se desligar.

(WIKIPEDIA:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_discuss%C3%A3o, consultado em 09/10/2006)

O serviço oferecido pela empresa *Yahoo*, denominado de *Yahoo Groups*, que foi mencionado na citação anterior, é o mesmo serviço oferecido pela *Onelist* e que foi negociado para a empresa *EGroups*, que por sua vez negociou com o *Yahoo*.

Utilizei muito o serviço de lista de discussão do *Onelist*, do *EGroups* e do *Yahoo Groups*. Considero as *listas de discussão* uma ferramenta excelente para a formação de comunidades virtuais. Utilizei muito e continuo utilizando até hoje para a formação de grupos de estudos e de aprendizagem colaborativa, totalmente gratuitos, como explicarei nos capítulos que se seguem.

Em 1996 eu comecei a utilizá-la como ferramenta de atendimento extra-classe. Eu e meus alunos nos comunicávamos seguidamente por e-mails e em grupo usando o serviço da *Onelist*. A fluência de e-mails era grande e eu me aproximei muito de meus alunos, porque combinávamos até mesmo encontros presenciais fora da Escola.

Entretanto, na ENCE⁶⁴, havia alguns casos pontuais de alunos que não tinham e nem queriam ter acesso à Internet por receio quanto à quebra de privacidade. Não se tratava de alunos com dificuldades de acesso por questões econômicas. Os alunos que reclamaram sentiam-se excluídos do grupo e argumentavam que

⁶⁴ ENCE: Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Escola superior mantida pelo IBGE e situada na Rua André Cavalcanti, no Rio de Janeiro.

estavam ali para assistir aula presencial e não para comunicar-se através de e-mails.

Esses alunos levaram o caso ao conhecimento à coordenação acadêmica, que me chamou a atenção, dando razão à minoria, que eu deveria limitar os estudos e o relacionamento com os alunos à sala de aula.

Apesar disso continuei usando dessas formas híbridas até que alguns outros professores começaram a utilizar-se também e essa prática passou a ser habitual.

Capítulo 22 — Presença em Educação a Distância na ENCE

No ano 2000, consegui realizar três cursos a distância na ENCE, Escola Nacional de Ciências Estatísticas, órgão do IBGE. Esses cursos foram totalmente apagados da memória da ENCE, mas eu disponho aqui de um documento assinado pelo Superintendente, pela Secretaria Acadêmica e por mim mesmo, como Coordenador que atesta que esses cursos aconteceram e vários participantes foram certificados.

Esses cursos foram os seguintes:

- Webmarketing — Marketing na Web.
- Marketing Básico.
- Contabilidade Básica.

Na época eu ministrava na ENCE cadeiras de Marketing e de Contabilidade, respectivamente, na graduação (disciplina Pesquisa e Análise de Mercado) e na pós-graduação (Contabilidade). Eu fui professor "virtual" desses três cursos e coordenava os cursos de extensão a distância.

Para elaborar o conteúdo desses cursos eu utilizei as minhas apostilas de aula nos cursos de "Marketing Básico" e "Contabilidade", apostilas muito elogiadas sempre pelos alunos. Para o curso "Webmarketing — Marketing na Web" utilizei de textos *copyleft* obtidos na Internet e com licença expressa dos autores.

Copyleft é uma forma de proteção dos direitos autorais que tem como objetivo prevenir que não sejam colocadas barreiras à

utilização, difusão e modificação de uma obra criativa devido à aplicação clássica das normas de Propriedade Intelectual, sendo assim diferente do domínio público que não apresenta tais restrições. "Copyleft" é um trocadilho com o termo "copyright" que alude ao espectro político da esquerda e da direita. Além do que, traduzido literalmente, "copyleft" significa "deixamos copiar". Richard Stallman popularizou o termo copyleft ao associá-lo em 1988 à licença GPL.

De acordo com Stallman, o termo foi-lhe sugerido pelo artista e programador Don Hopkins, que incluiu a expressão "Copyleft - all rights reversed." numa carta que lhe enviou. A frase é um trocadilho com expressão "Copyright - all rights reserved." usada para afirmar os direitos de autor. Um projeto (softwares ou outros trabalhos livres) sob a licença Copyleft requer que suas modificações, ou extensões do mesmo, sejam livres, passando adiante a liberdade de copiá-lo e modificá-lo novamente.

Uma das razões mais fortes para os autores e criadores aplicarem copyleft aos seus trabalhos é porque desse modo esperam criar as condições mais favoráveis para que um alargado número de pessoas se sintam livres de contribuir com melhoramentos e alterações a essa obra, num processo continuado.

(WIKIPEDIA: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Copyleft> consultado em 09/10/2006)

O material didático era desenvolvido na linguagem html e gravados em um CD-ROM que era enviado ao participante pela via postal.

CD-ROM foi desenvolvido em 1985 e traduz-se aproximadamente em língua portuguesa para Disco Compacto Apenas Leitura. O termo compacto deve-se ao seu pequeno tamanho para os padrões vigentes, quando do seu lançamento, e apenas leitura deve-se ao fato de o seu conteúdo poder apenas ser lido, e nunca alterado. A gravação é feita pelo seu fabricante. Existem outros tipos desses discos, como o CD-R e o CD-RW, que permitem ao utilizador normal fazer a suas próprias gravações uma, ou várias vezes, respectivamente, caso possua o hardware e software necessários.

Os CD-ROM podem armazenar qualquer tipo de conteúdo, desde dados genéricos, vídeo e áudio, ou mesmo conteúdo misto. Os leitores de áudio normais, só podem interpretar um CD-ROM, caso este contenha áudio.

(WIKIPEDIA: <http://pt.wikipedia.org/wiki/CD-ROM> consultado em 09/10/2006)

O envio do conteúdo através de CD se justificava porque na época a Internet ainda era restrita, especialmente nos órgãos públicos, e muitos participantes não tinham acesso pleno à Internet em seus gabinetes de trabalho. Apenas recebiam e enviavam e-mails.

A interação se realizava através de uma lista de discussão de modo que todos os participantes podiam interagir plenamente simplesmente enviando um e-mail.

Na mediação da lista de discussão eu utilizava toda a minha experiência — que já era grande em relação à época — adquirida em minhas andanças pela Internet, especialmente no meu projeto literário Poesia Diária.

Os cursos foram sucessos. Muita interação e muitos elogios. Os três cursos reuniram cerca de duzentas pessoas e foram aclamados pela grande maioria. Recebemos muitos e-mails de elogio.

Entretanto a coordenação decidiu acabar com os cursos a distância, alegando que não eram cursos de Estatística, foco da ENCE. Como não era possível fazer no IBGE eu desenvolvi e implantei o Projeto Ponto-Futuro. Este é o tema do próximo capítulo.

Capítulo 23 — O Ponto-Futuro

O Projeto Ponto-Futuro nasceu em 1999. Já existia, portanto, quando eu realizava os cursos a distância na ENCE/IBGE. Na verdade os cursos lá implementados já existiam anteriormente e tinham sido oferecidos no Ponto-Futuro. O Ponto-Futuro chegou a oferecer 42 cursos, todos na área de gestão. Nesses cursos eu atuava sempre como mediador e consegui dar conta desses 42 cursos porque, depois de certo tempo, eu conseguia formar mediadores entre os próprios participantes. Assim, eu poderia assumir uma postura de supervisor. Dedicava-me especialmente a construção do conteúdo de novos cursos e ao desenvolvimento de mediadores internos dentro de cada curso. E cuidava da gestão do todo.

Cursos e Grupos de Estudo

No primeiro momento o Ponto-Futuro utilizava as mesmas tecnologias que utilizamos nos cursos da ENCE:

- Conteúdo formatado em html, no qual o estudante poderia navegar como se estivesse em uma página na Internet. Esse conteúdo era gravado em um CD-ROM que o estudante recebia pelo correio e podia carregar consigo para estudar em qualquer computador.
- Como apoio de interação, criávamos um grupo no Yahoo Groups⁶⁵ destinado especificamente a um curso. Ali os participantes poderiam participar de várias maneiras:

⁶⁵ Ver em: <http://br.groups.yahoo.com>. Consultado em: 10/10/2006.

1. Através de e-mails somente. O participante poderia optar (ou não) por receber e-mails das interações do grupo na caixa de entrada de seu próprio *cliente de e-mail*⁶⁶.
2. Ler as mensagens no site do grupo, onde todo histórico de mensagens é armazenado.

Além da distribuição, arquivamento e organização de mensagens, o Yahoo Groups oferece outros recursos interessantes:

- **Gerenciamento de Mensagens:** o sistema permite que o mediador administre as mensagens, liberando-as ou não, eliminando-as e orientando o participante. Como as mensagens admitem o formato html é possível no próprio corpo da mensagem incluir hyperlinks, figuras etc. O participante pode gerenciar, também, de que forma deseja ler a mensagem: através de seu *cliente de e-mail*, ler no próprio portal do grupo, ou ainda, pode optar por receber em seu *cliente de e-mail* as mensagens em modo *digest*. O modo *digest* é uma opção de receber as mensagens em blocos de 20 mensagens no corpo de uma única mensagem.
- **Área de Arquivos:** o mediador pode permitir ou reservar para si a possibilidade de fazer *upload*⁶⁷ de arquivos para o servidor do Yahoo Groups, o que ajudava muito no caso de disponibilizar apostilas ou material adicional, por exemplo.
- **Agenda:** o Yahoo Groups dispõe de uma ferramenta de agenda que permite marcar eventos. A agenda se encarrega de enviar lembretes através de e-mail para os participantes.
- **Enquetes:** o sistema permite que sejam criadas enquetes para pesquisar a opinião dos participantes sobre determinados pontos.
- **Gerenciamento de Participantes:** o gestor do grupo tem total poder de gestão sobre os participantes. Pode fazê-los mediadores e mesmo eliminar

⁶⁶ Irei explicar adiante.

⁶⁷ Upload é a transferência de arquivos de um cliente para um servidor.

algum participante que manifestou comportamento destrutivo para o grupo. O gestor pode ainda optar por incluir no grupo apenas participantes aprovados, ou deixar o grupo aberto para quem desejar se inscrever por si só, sem a interferência do gestor.

Ressalto aqui que essa experiência de grupos de discussão (poderíamos chamar grupos de aprendizagem, também) foi muito interessante para demonstrar que o e-mail sempre foi a ferramenta de comunicação mais pessoal, mais acessível e mais fácil de usar. Ao longo da existência do Projeto Ponto-Futuro — como mencionarei adiante — experimentei inúmeras ferramentas educacionais. Entre elas, nenhuma conseguiu níveis de interação mais efervescentes (e, portanto, mais interessantes) do que os que consegui através de grupos de discussão por e-mail. E esses melhores resultados foram obtidos utilizando a ferramenta Yahoo Groups.

Considero o e-mail como a mais simples e mais importante ferramenta de interação pessoal na Internet. O e-mail é especialmente usável porque ele cria um laço de aproximação e induz diretamente à resposta. Além do mais, o e-mail é uma *killer application*⁶⁸. É a primeira aplicação de o usuário aprende a usar quando inicia os seus acessos e, na grande maioria dos casos, é também a aplicação de acesso mais freqüente. Geralmente, as pessoas conferem a sua caixa postal diariamente e várias vezes durante o dia.

As desistências que aconteceram foram, na maioria dos casos, porque as pessoas não conseguiam utilizar com eficiência o seu *cliente de e-mail*.

Um cliente de e-mail é um programa de computador que permite enviar, receber e personalizar mensagens de e-mail.

Utilizando um cliente de e-mail, o usuário pode: ler e escrever e-mail offline; armazenar o e-mail no disco rígido; utilizar múltiplas contas de correio eletrônico ao mesmo tempo; criar uma lista de contactos detalhada; enviar e receber mensagens encriptadas; travar o SPAM; configurar newsgroups facilmente; enviar e-mail em formato HTML (que permite criar mensagens mais práticas e visualmente agradáveis).

Apresenta algumas desvantagens: Ocupam algum espaço no disco rígido (este agora já não é um grande problema); as mensagens recebidas também ocupam espaço no disco.

⁶⁸ Ou seja, uma aplicação fundamental da Internet.

WIKIPEDIA: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cliente_de_e-mail.
Consultado em 10/10/2006.

Portanto, o que chamamos de *cliente de e-mails* são aqueles que conhecemos por suas marcas comerciais: Microsoft Outlook, Outlook Express, Eudora etc.

Atualmente muitas pessoas optam por utilizar *webmail*⁶⁹ e alguns servidores oferecem uma série de ferramentas de gestão de e-mails que ajudam a organizar as caixas postais.

Eu pessoalmente prefiro usar um *cliente de e-mail* porque encontro inúmeras vantagens de gerenciamento de diversas contas de e-mail e a necessidade de arquivar e-mails de relacionamento profissional e comercial. Disponho assim de um arquivo com todas as mensagens relevantes de muitos anos de relações na Internet. Isso seria impossível fazer em um *webmail* porque o webmail tem uma capacidade de memória muito pequena para quem precisa manter um histórico de mensagens prolongado.

As desistências de participação de grupos de aprendizagem através do Yahoo Groups, pelo motivo do excesso de mensagens, não aconteceriam se o participante soubesse utilizar a ferramenta de filtro de mensagens que existem em todos os *clientes de e-mail* e em alguns servidores de *webmail* também. O participante poderia criar em sua caixa postal um diretório chamado, por exemplo, "Grupos" e dentro deles criar subdiretórios específicos para cada grupo que participasse. Poderia, complementarmente, criar um filtro de mensagens que assim que a mensagem de um grupo chegasse seria direcionada para o respectivo grupo. Esta seria uma forma eficiente de gerenciar mensagens. A caixa postal principal seria reservada apenas para as mensagens importantes e essas mensagens não se misturariam com as demais. Eu recebo mais de 2000 e-mails por semana, se não utilizasse desse recurso não conseguiria gerenciar a minha caixa postal. O *entulhamento* de caixa postal pode ser resolvido com o uso de filtros. Não se justifica deixar de participar de grupos de e-mails por causa de entulhamento.

Os grupos de discussão é a ferramenta que consegui melhores resultados de **interação**.

⁶⁹ Webmail é uma interface da World Wide Web que permite ao utilizador ler e escrever e-mail usando um navegador.

O Ponto-Futuro organizou três grupos de estudos que posso considerar sucessos de interação e de presença.

A chamada para os grupos de estudos apareceu em diversos jornais e páginas da internet. Eu consegui isso através de um trabalho de relações públicas, cujas técnicas eu havia aprendido nos cursos de marketing que fiz⁷⁰. Eu compus uma mensagem padrão com os seguintes termos:

Assunto: Grupos de Estudos - Participação Gratuita

O Ponto-Futuro - www.pontofuturo.net - está organizando 3 (três) grupos de estudos que reúnem professores, pesquisadores, e estudiosos da sociedade do conhecimento.

Diariamente, mais de 200 participantes de oriundos de universidades e organizações de pesquisa do Brasil e de Portugal, encontram-se num auditório virtual na Internet para discutir, em meio assíncrono, três temas de fundamental importância:

1. Educação Corporativa e Gestão do Conhecimento - que discute assuntos relacionados com o desenvolvimento das pessoas dentro das organizações e o trabalho em rede.

2. Cibercultura e Hipertexto - que enfoca as relações humanas e o desenvolvimento da cultura em uma sociedade interconectada em rede.

3. Aprendizagem em Rede - que estuda as diversas formas de aprendizagem em grupos colaborativos que se desenvolveram a partir da interconectividade e do acesso à tecnologia da informação.

As discussões são mediadas pelo Professor Cláudio Alex Fagundes da Silva, MSc.

Os grupos de estudo estão abertos para receber outros participantes interessados em participar e colaborar nos estudos e discussões. O ingresso de novos participantes pode ser realizado a qualquer tempo já que são grupos de estudos permanentes.

Para fazer sua inscrição, acesse o seguinte link:

<http://www.pontofuturo.net/home/porta/grupos.asp>⁷¹

Essa mensagem foi distribuída aos editores de mais de uma centena de jornais e revistas do País. A resposta foi excelente. Duas dezenas de jornais publicaram na íntegra a chamada. O número de inscrições subiu a uma ordem de grandeza de 1000 participantes na soma dos três grupos.

⁷⁰ Sou pós-graduado em Marketing pela PUC-RJ. Curso MBA.

⁷¹ Este link não existe mais.

O conteúdo que fomentavam esses grupos eram resenhas de livros e hyperlinks para textos existentes na Internet. Eu mesmo preparava as resenhas e selecionava os hyperlinks. Depois de algum tempo os próprios participantes passavam a oferecer as suas colaborações e indicar novas leituras. Assumiam, portanto, espontaneamente, a tarefa de mediar. E com essa iniciativa eu poderia assumir uma postura de supervisão e pensar em criar outras idéias. Os grupos se tornaram auto-suficientes.

Desenvolvimento de um Ambiente Educacional Próprio

No decorrer do ano de 2002 eu pensava em desenvolver um ambiente educacional próprio. E investi considerável esforço de trabalho para aprender linguagens de programação (*ASP, PHP, Java Script, CGI, Perl, Visual Basic*, entre outras) e a utilizar alguns *softwares* específicos, tais como: *Front Page, Macromedia Flash, Dreamweaver, Adobe Photoshop, Hot Pottotoes* entre muitos outros aplicativos.

Em meados de 2002 eu já dispunha de um ambiente próprio ao qual só teria acesso os participantes inscritos no curso.

O ambiente era organizado em três áreas:

- **Área de Conteúdo** — onde era possível incluir apresentações em multimídia, exercícios, material adicional etc, separados por módulos de aprendizagem. O participante só acessava o módulo seguinte quando aprovado num teste de avaliação.
- **Área de Interação** — com um fórum para cada módulo de curso.
- **Área de Avaliação** — desenvolvi um sistema de testes de múltipla escolha de modo que o participante aprovado recebia acesso imediato ao módulo seguinte.

Era um sistema complexo e desenvolvido na linguagem ASP para rodar em servidores Windows.

O sistema era interessante principalmente porque o desafio de passar para a fase seguinte parecia com um jogo interativo. Os alunos se sentiam desafiados e persistiam nos estudos para vencer a cada desafio. Entretanto esse desafio tomou conta de todos os cursos que foram ministrados e os fóruns interativos ficaram vazios. Os testes canibalizaram a interação e depois de poucos meses eu voltei a trabalhar no formato de "grupos de estudos".

Por outro lado, os sistemas de Web que rodam em servidores Windows se tornaram muito vulneráveis ao ataque de *crackers*⁷². No final de 2002 o sistema do Ponto-Futuro foi invadido e o ambiente saiu do ar.

Como não eram cursos comerciais e sim ambientes de testes com 92 convidados, voluntários como "cobaias", a saída do ar não causou nenhum outro prejuízo posterior. O prejuízo do esforço de desenvolver o sistema foi compensado pelo o que eu aprendi em termos de sistemas. Aprendizagem que foi importante nos momentos seguintes.

Mas me ensinou que

- **a motivação – que tem características pessoais e interpessoais e que pode ser definida como um impulso para sair da inércia – e**
- **a continuidade – que tem o sentido de persistência e disposição para ir adiante;**

são outros fatores importantes para caracterizar **presença** em educação a distância.

⁷² Cracker é o termo usado para designar quem quebra um sistema de segurança, de forma ilegal ou sem ética. Este termo foi criado em 1985 pelos hackers em defesa contra o uso jornalístico do termo hacker. O uso deste termo reflete a forte revolução contra o roubo e vandalismo praticado pelo cracking.

Usando o Teleduc

Durante todo o período de testes do ambiente desenvolvido por mim eu mantive os grupos de estudos que continuavam com alto grau de interação. Entretanto eu sentia que precisava migrar para um ambiente mais profissional. O ambiente no Yahoo Groups era muito "amador" e algumas pessoas se negavam a fazer a inscrição no Yahoo porque temiam pela quebra de privacidade. Era necessário criar um ambiente educacional próprio.

Optei pelo Teleduc por influência dos meus colegas e professores da PUC.

O Teleduc é um sistema que não é fácil de lidar tecnicamente. A sua instalação é muito complicada e requer uma série de parâmetros de servidor que torna difícil a instalação em um servidor compartilhado. O Teleduc é desenhado para ser instalado em um servidor dedicado e não em um servidor compartilhado. A configuração de parâmetros que o Teleduc exige, quebra a segurança de outros sistemas. Mas eu consegui instalar. E tornei-o usável através de algumas modificações que fiz no sistema.

Depois de testes eu resolvi fazer um teste com pessoas pois a intenção era de conduzir os grupos de estudos para o ambiente Teleduc.

Selecionei algumas pessoas e enviei a seguinte mensagem:

A equipe do Ponto-Futuro está convidando alguns participantes escolhidos a dedo, para fazer parte, aprender a dominar e experimentar a ferramenta Teleduc da Unicamp que passará a ser usada pelo Ponto Futuro em lugar no Yahoo em novos grupos.

Trata-se de um minicurso chamado "Conhecendo a Ferramenta Teleduc".

Gostaríamos de convidar você para essa experiência!

Aguardamos a confirmação de aceitação.

O convite teve boa aceitação. E começamos com o *minicurso*.

No decorrer do minicurso fui percebendo que o desinteresse ia tomando conta do grupo. Eles reclamavam do Teleduc ser um ambiente "duro", que não estimulava a

interação, que para acompanhar um fórum perdia-se um tempo imenso "descobrir o que já se tinha lido". Realmente os comentários tinham procedência. Acostumados a disporem de flexibilidade, os participantes se sentiam presos no Teleduc e aos poucos nós fomos perdendo os alunos.

Uma das relações que tivemos foi a falta de notificação por parte do Teleduc sobre novas mensagens no fórum. Embora haja um mecanismo que preveja esse aviso, a notificação não funcionava. O mesmo problema apresenta o Teleduc da PUC-SP e o Teleduc da FUNDAP⁷³. Eu cheguei a conseguir fazer essa notificação funcionar, mas os alunos diziam que "aquilo não informava nada", que era "uma mera estatística", disse um.

Depois de seis meses de testes eu abandonei o Teleduc.

Assim, eu voltei para o Yahoo Groups, enquanto pensava em uma nova solução.

Dessas, vivências de Educação a Distância, eu percebi que em comunidades colaborativas de aprendizagem a presença dos participantes é fundamental. E que a presença é um composto de pelo menos três componentes:

- **interação;**
- **motivação;**
- **continuidade.**

Portal de Conhecimento

A partir de minhas buscas por soluções tecnológicas descobri, em 2002, o PHP-Nuke:

PHP-Nuke é um Sistema para publicação automatizada de notícias para a web e um Sistema de Gerenciamento de Conteúdo (um

⁷³ FUNDAP - Fundação para o Desenvolvimento Administrativo - Governo do Estado de São Paulo.

'nuke') baseado em PHP e MySQL. O Sistema é totalmente controlado através de uma interface web. PHP-Nuke é originalmente um fork do Sistema de Portais de Notícias Thatware.

O Sistema é liberado como "Software Livre" sob a Licença Pública Geral GNU. O software é liberado de duas maneiras: A primeira é a versão estável e gratuita (hoje 7.8) e uma onde o usuário contribui para o desenvolvimento do software e paga USD 10 para fazer o download. Isso é permitido pela Licença GNU GPL (desde que o código do software esteja incluído), mas o comprador do software tem total liberdade para distribuir o código do produto.

Para que ele funcione, é necessário um Servidor de páginas que suporte a extensão PHP (como o Apache HTTP Server), assim como um Banco de Dados SQL (como o MySQL, mSQL, PostgreSQL, ODBC, Adabas, Sybase ou InterBase).

PHP-Nuke é um SGC (Sistema de Gerenciamento de Conteúdo), termo advindo do Inglês Content Management System reconhecido facilmente pela popular sigla, o CMS. O sistema recebe este nome porque integra todas as ferramentas necessárias para criar e gerenciar um portal, seja ele comercial ou institucional. É caracterizado pela grande quantidade de funções presentes na instalação padrão e/ou nos Módulos adicionais. Já o nome PHP-Nuke vem do inglês nuke, que possui vários significados, sendo o mais comum um dispositivo ou arma nuclear. Portanto, deve-se entender que o nome PHP-Nuke significa grande poder em PHP.

WIKIPEDIA: <http://pt.wikipedia.org/wiki/PHP-Nuke> consultado em 11/10/2006.

Pesquisando no Google eu descobri um sítio brasileiro, uma comunidade colaborativa⁷⁴, onde os participantes adaptavam o PHP-Nuke à língua portuguesa e introduziam *hacks*⁷⁵ com a finalidade de aperfeiçoar o sistema.

Passei a participar dessa comunidade com o intuito de aprender a usar e alterar o sistema. Particpei ativamente do grupo brasileiro que aperfeiçoava o sistema. O sistema, como todo software livre está no começo quando é criado, trazia muitas imperfeições, erros de programação, detalhes que são aperfeiçoados, colaborativamente, ao longo do tempo. A comunidade através de um esforço colaborativo vai testando e fazendo acertos e com isso aperfeiçoando o sistema. Foi assim é que aprendi a programar na linguagem PHP, a gerenciar bancos de dados em SQL e a trabalhar com o sistema servidor Apache.

⁷⁴ A saber: <http://www.phpnuke.org.br/> mas que hoje teve o escopo alterado, voltando-se para o desenvolvimento de produtos comerciais. O link foi acessado em 11/10/2006.

⁷⁵ Modificações e aperfeiçoamentos do sistema original.

A partir dessa aprendizagem eu consegui fazer algumas modificações no sistema e criar um portal de conhecimento que passou a ser a sede do Projeto Ponto-Futuro. O Projeto Ponto-Futuro conheceu, assim, um novo caminho: um portal de conhecimento, uma comunidade colaborativa para a inclusão digital de professores. Esse passou a ser o foco do Projeto Ponto-Futuro.

O PHP-Nuke oferece uma série de ferramentas interessantes para o desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem. Essas ferramentas podem ser ativadas ou não. Não é obrigatório que todos os módulos estejam disponíveis em um portal.

Os módulos que vinham com o sistema original eram na época os seguintes:

- **Notícias** — um módulo de inserção de conteúdo que pode ser organizado em seções ou editorias. Os participantes do portal podem incluir comentários personalizados a cada notícia. Os participantes podem — por opção pessoal — ser notificados por e-mail da inserção de novos conteúdos. Podem, inclusive, optar por receber notícia das editorias que o interessassem. Os participantes podem, também, propor a inserção de novos conteúdos.
- **Fórum** — um módulo de interação que permite e estimula debates sobre temas específicos e favorece a criação de grupos de estudos internos. O fórum traz um instrumento que é fundamental em qualquer comunidade de relacionamento: a notificação por e-mails. O módulo *Fórum* permite que o participante subscreva de uma vez todos os fóruns, ou apenas fóruns específicos, ou mesmo tópicos específicos. Permite também a nomeação de mediadores para cada fórum específico. Os mediadores têm acesso a alguns dos atributos administrativos. Podem, por exemplo, apagar e editar mensagens.
- **Download** — módulo que permite a criação de uma biblioteca interna. Os participantes podiam também subscrever notificações de inclusão de novos itens. O conteúdo da biblioteca pode ser incluído pelos próprios participantes sob o controle dos administradores.

- **Links** — módulo que permitia a inclusão de links, compondo uma rede de conhecimentos afins. Os links podiam ser propostos pelos usuários que podem também subscrever o recebimento de notificações sobre os novos links introduzidos.

Há, enfim, uma série de ferramentas que propiciavam e estimulavam a presença dos participantes. O ambiente favorece a presença e participação interacional. É voltado para estimulá-las e desenvolvê-las.

Tornou-se um portal de visita diária de muitos membros da comunidade. De fato, segundo as estatísticas de acesso do portal⁷⁶ podíamos observar, logo no início, um número de acessos diários da ordem de 500. Esse número cresceu até atingir um número de 2 mil acessos/dia. No final de 2003 havia cerca de 8 mil participantes cadastrados no portal. Em setembro de 2004, o número de participantes inscritos chegava a 15 mil e o número de acessos diários montava 5 mil. Nesses números não estão contabilizados os transeuntes e os visitantes não cadastrados, que eram em numero muito maior que os cadastrados.

No módulo de Notícias foram criadas cerca de 20 editorias no portal do Projeto Ponto-Futuro. As notícias eram abastecidas a partir de jornais eletrônicos, sempre citando a fonte. Criei um *clipping*, uma seleção de notícias diárias sobre educação, cultura e temas correlacionados. Eram também incluídas resenhas de livros lançados, artigos sobre educação, assuntos relacionados com a comunidade e com a sociedade em geral. Havia também algumas editorias específicas para as áreas ligadas às organizações: educação corporativa, gestão de conhecimento, desenvolvimento de gestores etc.

Os grupos de estudos que funcionavam no Yahoo Groups foram transferidos para o fórum do portal, entretanto sem conseguir alcançar o nível de presença que havia no Yahoo. Ao que parece, os participantes entravam no portal e se encantavam com a riqueza de conteúdo e esqueciam de freqüentar os grupos de estudos. Nesse ponto, a diversidade e riqueza de informações contidas no portal levavam os participantes a uma dissolução do foco inicial. Os participantes envolviam-se com a leitura de notícias, com os e-books⁷⁷ da biblioteca e com os debates mais cotidianos

⁷⁶ Que é uma das ferramentas disponíveis no sistema.

⁷⁷ Livros eletrônicos.

dos fóruns — esqueciam, assim, de participar dos debates que originalmente haviam intencionado. Enfim, o conteúdo era tão envolvente que os participantes escoavam a sua participação no caminho do grupo de estudos e quando davam por si já era hora de voltar para seus afazeres cotidianos.

O portal de conhecimento do Projeto Ponto-Futuro atingiu alto nível de presença e interação. A presença era estimulada pela inclusão automática de cada artigo nos buscadores como o Google, Yahoo, Lycos, AltaVista, Radar UOL e outros, mas principalmente o Google. O Google tem um sistema automático de varrimento dos sítios cadastrados que interpenetra as páginas, cadastrando-as automaticamente como páginas autônomas. E se essas páginas estivessem com uma descrição bem feita e indexadores bem estruturados, cada página de conteúdo seria uma porta de entrada para o Portal de Conhecimento do Ponto-Futuro, dado que cada página poderia ser acessada por buscas realizadas através do Google.

Foi desenvolvido um sistema que criava automaticamente a descrição e os indexadores para cada página de conteúdo que era incluída. Os não-participantes — e mesmo os participantes — ao realizarem suas buscas no Google, muitas vezes se deparavam com um ou mais conteúdos específicos relacionados com seu interesse. E assim vinham ao portal muitos potenciais participantes e — ao deparar-se com a estrutura do portal — encontravam **motivação** para visitar freqüentemente ao portal e fazer a sua inscrição como participante tornando-se apto para receber notificações por e-mail. Com as notificações por e-mail efetivava-se mais uma dos componentes da presença: a **continuidade**. No portal encontrava um ambiente de **interação** que estimula a participação.

A participação é a fonte do **pertencimento** — a sensação de afiliação e de pertencer ao grupo — que é mais um componente de presença que identifico. O pertencimento se observava pelo ato de cadastramento como participante do portal.

Em 2004 o Projeto Ponto-Futuro contava com uma equipe de 14 cooperadores, sob a minha coordenação. Havia cooperadores de quatro Estados da Federação que se dedicavam ao Ponto-Futuro pelo menos 4 horas diárias de trabalho.

Além desses 14 cooperadores com os quais havia um compromisso de cooperação, havia um cadastro de 216 colaboradores espontâneos, que participavam como

mediadores nos diferentes lugares de interação do portal e/ou no envio de notícias e artigos de sua própria autoria. A diferença entre os conceitos de colaboradores e cooperadores é que os cooperadores tinham um compromisso de trabalho sob a minha coordenação. Os colaboradores, entretanto, colaboravam espontaneamente.

A **colaboração** — o impulso de colaborar espontânea e voluntariamente para o Projeto — é outro componente de presença que vem juntar-se aos quatro outros: motivação, interação, continuidade, pertencimento.

Universidade Ponto-Futuro

Desde 2003 eu participava da comunidade internacional colaborativa de desenvolvimento do ambiente educacional Moodle.

Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning) é um sistema aberto (software livre) de apoio à aprendizagem executado num ambiente virtual. Podemos dizer também que o Moodle é um Learning Management System, ou seja, um Sistema de Gestão de Aprendizagem em trabalho colaborativo. Foi criado em 2001 pelo educador e cientista computacional Martin Dougiamas.

Ele é gratuito (licença GNU-GLP). Pode ser instalado em diversos ambientes (Unix, Linux, Windows, etc.) desde que os mesmos consigam executar a linguagem PHP.

Como base de dados pode ser utilizada desde o MySQL até o Oracle. Já existe uma versão parcialmente traduzida para o português.

Muitas escolas e centros de formação estão a adaptar a plataforma, aos próprios conteúdos, com sucesso.

Ele é desenvolvido colaborativamente por uma comunidade virtual que reúne programadores e desenvolvedores de software livre, administradores de sistema, professores, designers instrucionais e usuários de todo o mundo.

WIKIPEDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Moodle&oldid=3449945>.
Acesso em: 11 Out 2006

Trabalhava junto à cúpula internacional e me relacionava diretamente com o criador do sistema o Professor-Doutor australiano Martin Dougiamas.

O Moodle é um LMS⁷⁸ completo. Dispõe de inúmeros módulos de ferramentas que propiciam um completo ambiente educacional.

Em 2003 mesmo eu já havia instalado o Moodle num dos servidores do Ponto-Futuro e vinha fazendo testes e ajustes, incluindo novas funcionalidades, fazendo acertos, corrigindo a linguagem em português do Brasil. O resultado desse trabalho de aperfeiçoamento era enviado para a comunidade colaborativa do Moodle.

O Moodle é um ambiente tecnológico que privilegia a presença.

Entre os seus recursos estão:

- fórum,
- gerenciamento de conteúdo,
- exercícios de diversos formatos,
- questionários de testes de aprendizagem,
- testes de avaliação,
- pesquisas (enquetes) com diversos formatos,
- blogs,
- wikis,
- geração e gerenciamento de databases,
- diversos sistemas de avaliação dos participantes e dos meios,
- chat,
- glossários,
- Suporte a multilinguagens,
- Suporte a multimídia de diferentes formatos.

E muitos outros recursos que se incorporam diariamente através da imensa rede de colaboradores do Moodle.

⁷⁸ Learning Management System.

O ambiente propicia a criação de "salas de aula", "grupos de estudos", "grupos de aprendizagem", "comunidades virtuais", enfim, tudo aquilo que é possível fazer através da interação o Moodle é um facilitador.

Criamos, através do Moodle, a Universidade Ponto-Futuro, que tinha a pretensão de ser livre, aberta e autônoma. Uma universidade bem dentro do espírito que sempre norteou a Internet. E começamos a captar alunos e participantes.

O Moodle tem duas camadas de acesso. Na camada externa — de acesso livre — criamos um campus de convivência: salas de cinema, estúdios de música, cantina virtual, salas de jogos, de leitura... até diretório acadêmico virtual havia. Na camada interna estavam as salas de aula. Adaptamos uma série de cursos que haviam sido preparados anteriormente e criamos as respectivas "salas de aula virtuais".

Tínhamos um sistema e um ambiente pronto e muitos participantes.

Foi em agosto de 2004 que aconteceu um desentendimento entre as equipes de cooperadores.

Estávamos com problemas com a manutenção dos custos do Ponto-Futuro. As contas dos provedores haviam crescido muito e eu era o único mantenedor. A receita de cursos era irrisória para manter os custos e precisávamos resolver o problema. Eu não estava mais suportando as despesas.

Eu insistia que o idealismo fosse mantido e que as despesas fossem cotadas entre os cooperadores e colaboradores. Aceitava ainda a alternativa de incluirmos um patrocinador. Mas a equipe acabou rachando e, sobrecarregado, resolvi suspender todas as atividades do Projeto Ponto-Futuro.

Capítulo 24 — Conclusões da Parte 3

Concluo aqui esta Parte 3, deixando de me aprofundar em minha vivência atual no ciberespaço: a experiência como mediador técnico no curso de Governo Eletrônico para qual eu fui convidado em julho de 2005 e continuo até hoje. Eu precisaria da referência bibliográfica de Tânia Tavares-Silva que eu pudesse embasar a minha vivência e minha observação. Entretanto, esse trabalho ainda não foi apresentado, pois o curso será um foco na tese de doutorado de TAVARES-SILVA que só será defendida um dia antes do dia que estarei defendendo esta minha tese. Assim sendo, eu respeitarei este tempo de espera e não incluirei aqui nesta tese um capítulo sobre minha experiência no curso da FUNDAP. Seria muito incompleto desenvolver a minha experiência sem interagir com a tese da coordenadora do curso. Faremos isso no futuro.

Como conclusão, esta Parte 3 oferece alguns componentes importantes para aqueles que desejam observar a presença no ciberespaço **sob um ponto-de-vista mais instrumental** dentro de atividades educacionais ou em comunidades de aprendizagem no ciberespaço.

Sintetizando, são os seguintes esses componentes:

- **motivação** — que tem características pessoais e interpessoais e que pode ser definida como um impulso para manter-se participativo em uma comunidade;
- **continuidade** — que tem o sentido de persistência e disposição para ir adiante na comunidade;

- **interação** — a participação intensiva nos relacionamentos de uma comunidade;
- **colaboração** — impulso de colaborar espontânea e voluntariamente para a evolução da comunidade;
- **pertencimento** — o comprometimento e ser membro ativo na comunidade.⁷⁹
- **intencionalidade** — a busca da transcendência⁸⁰.

Incluo ainda um último componente que ainda não foi incluído:

- **foco** — manter a relevância da participação dentro dos objetivos propostos pela comunidade.

Quem quiser observar a presença em um nível instrumental dentro de uma comunidade de aprendizagem, poderá avaliar esses seis componentes na comunidade. Essa é a minha colaboração instrumental para os pesquisadores que desejam estudar a presença nesse nível instrumental.

Eu, entretanto, não me satisfaço só em apontar esses elementos de natureza instrumental⁸¹. Desejo aprofundar minha tese na concepção mais filosófica da presença e por essa razão na **Parte 4** retomarei o aprofundamento filosófico do sentido de presença, através de um diálogo com esses autores que apresentei na Parte 1. Quanto a Heidegger, ele estará presente na minha fala, dado que incorporei o seu pensamento em mim. Heidegger está presente em mim.

⁷⁹ Os componentes "pertencimento" e "foco" foram observados com a colaboração de Tânia Tavares-Silva.

⁸⁰ Ver Capítulo 26.

⁸¹ Instrumental no sentido "que serve de instrumento".

Parte 4:

Uma Nova Concepção de Presença

Capítulo 25 — Espírito e Presença Interna.

Capítulo 26 — Presença, Intencionalidade e Transcendência.

Capítulo 27 — Presença e Consciência de Si.

Capítulo 28 — A Presença do Outro.

Capítulo 29 — Presença e Intermundo.

Capítulo 30 — Presença Virtual

Capítulo 25 — Espírito e Presença Interna.

Henri Bergson desenvolve o seu pensamento em uma linha metafísica onde argumenta sobre a vida do homem, a consciência, a inteligência e a criatividade. Sustenta que o homem não é dotado apenas de corpo físico. Desenvolve-se além da organicidade do corpo um campo transcendental que assinala a essência do espírito humano. O ser é a expressão do espírito do homem. E a questão que William Shakespeare nos oferece em Hamlet — Ser ou não ser é a questão! — é uma questão do espírito para o espírito do homem⁸².

Bergson se opõe ao positivismo da época com sua filosofia espiritualista. Parece-me um posicionamento bastante sensato quando toda a ciência e pensamento — e até mesmo as artes — se voltava quase que exclusivamente para o empirismo.

Mesmo atualmente, com toda a tecnologia as teorias biológicas e psicológicas não podem afirmar que pensamento, consciência e criatividade são fenômenos orgânicos. É bem possível que a partir da organicidade se forme tal campo transcendental que Bergson se refere, mas não podemos afirmar com absoluta certeza empírica que se trata de um fenômeno estritamente orgânico.⁸³

⁸² A palavra "espírito" aqui não tem qualquer conotação com as concepções religiosas que essa palavra comumente apresenta. Chamo aqui de espírito no sentido filosófico utilizado por inúmeros pensadores. Aqui, no caso, Bergson.

⁸³ Ver referências em:

1. "O Que É Mente?" in: <http://www.cerebromente.org.br/n04/editori4.htm> consultado em 26/09/2006;
2. "Conceito de Mente" in <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mente> consultado em 26/09/2006;
3. <http://www.cerebromente.org.br/n16/history/mind-history.html> consultado em 26/09/2006;
4. "Reflexões Sobre o Conceito de Mente" in: <http://www.espacoacademico.com.br/053/53provettijr.htm> consultado em 26/09/2006.

O que temos observado nas mais recentes pesquisas biológicas é a associação de regiões do cérebro como centro de alguns desses fenômenos espirituais. O que não se pode afirmar é se essas regiões do cérebro se manifestam através desses fenômenos ou apenas os potencializam.

Mas não cabe aqui especular sobre uma disciplina que não tenho estudos aprofundados como é o caso da biologia. Na verdade a fenomenologia nos ensina a ver os fenômenos como eles realmente são. Adoto aqui o conceito de fenômeno introduzido por Heidegger: fenômeno é aquilo que se explica por si só (HEIDEGGER, 2002: 61).

Visto por este enfoque não podemos negar a consciência, a inteligência e a criatividade, que seriam fenômenos mentais, bem como também não podemos negar outros fenômenos de natureza emocional. Introduzo aqui conceito de espírito que está sendo utilizado neste trabalho de tese, como a síntese da natureza desses fenômenos de essência mental e emocional. Usando a terminologia de Heidegger podemos dizer que o espírito é uma complexidade de diversos existenciais.

É, pois, o espírito um fenômeno que sintetiza outros fenômenos e que caracteriza a presença interna que designamos no capítulo que dedicamos ao pensamento de Bergson.⁸⁴ A presença interna é o que corporifica o subjetivo.

Podemos incluir nessa presença interna, também, o pensamento interiorizado, quando o homem se interioriza em si mesmo. Uma atividade mental não obrigatoriamente reflexiva, pois é possível que o ser do homem esteja envolvido em pensamento não produtivo, armadilhas emocionais que caracteriza estados de subjetivação excessiva em que o ser mergulha em sua própria ansiedade.

Enquanto Bergson caracteriza a inteligência como sendo estritamente objetiva. Ou seja, voltada para os fenômenos ligados à sobrevivência e à segurança. Sua atenção está voltada para a realidade objetiva.

⁸⁴ Quando escrevi: "*Para Bergson a presença interna é essencialmente subjetiva. Entretanto, o homem — ao interpretá-la e incorporá-la a sua consciência, ou seja, em sua percepção — cria tal campo transcendental de imagens, ou seja, um campo transcendental. Ao ter a percepção de uma consciência, ao internalizar essa consciência, o homem incorpora a subjetividade em uma presença corporal. Corporifica o subjetivo.*" (Ver capítulo 6 desta tese).

Mas os pensamentos, quando dominado por ansiedades emocionais, tende a vagar por uma virtualidade conturbada sem que essa virtualidade caracterize a concepção de um porvir.

Interessante lembrar aqui o longo poema de Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Alberto Caeiro, intitulado "O Guardador de Rebanhos" (PESSOA, 1974: 203-228). Nesse poema Fernando Pessoa faz uma metáfora dos pensamentos como rebanhos, como se ele guardasse seus pensamento para que eles não se perdessem em elucubrações que trouxessem ansiedades desviantes de si mesmo, de seu próprio devir.

O Canto IX do poema diz:

*Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensação
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.*

*Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.*

(PESSOA, 1974: 212-213)

E mais adiante no Canto XXXIX ele dirá:

*O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam
delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.*

*Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,*

*Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.*

*Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:
— As cousas não têm significação: têm existência⁸⁵.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.*

(PESSOA, 1974: 223)

Fernando Pessoa neste poema não está fazendo uma ode ao não-pensamento. Está me ensinado que os pensamentos podem debandar como um rebanho debandaria se não houvesse um pastor para tomar conta dele. E podem tornar-se incontroláveis se deixarmos a nossa vida a mercê deles.

— Não seria isso que acontece com os alunos em sala de aula?

— Quando os pensamentos tomam conta do aluno (e muitas vezes do próprio professor) levando-o para longe do momento?

— Podemos dizer que há presença nesse momento?

Sim, há presença, mas não ali naquele momento e lugar. Há um processo de interiorização, mas não consciente. Uma presença interna, mas desordenada em divagações mentais desordenadas e fora de controle. Seria necessário que o pastor assumisse a guarda de seu rebanho.

Mas não é esse processo de interiorização desordenada que Bergson chama de *duração*. Bergson se refere como duração com o processo de formação de *consciência*. Portanto, um processo consciente de subjetivação, que incorre na formação de um campo transcendental de imagens. Aqui o pastor⁸⁶ está em plena guarda de seu rebanho. Bergson se refere à percepção da própria consciência. Ele fala da geração da interiorização do mundo. Da formação de um mundo-espelho e processado, transformado pelo processo mental de interiorização.

Essa "transformação" é decorrente do modo de ver o mundo de cada um. Um *modo de ver* próprio construído pela historicidade própria daquele que interioriza.

⁸⁵ "Existência" aqui tem um sentido diferente do reservado por Heidegger para essa palavra. Heidegger apelida de "existência" ao modo de ser próprio dos seres dotados de pre-sença.

⁸⁶ Aqui o conceito de "pastor" se aproxima do conceito de "pre-sença" de Heidegger.

Na dimensão interna há uma realidade completamente diferente da realidade que estamos acostumados a observar no *mundo*⁸⁷. Trata-se de uma realidade qualitativa. Uma realidade percebida por nós mesmos nesse processo de interiorização. Essa dimensão interna é livre de todas as leis da física e, portanto, livre de qualquer espacialidade ou temporalidade. Uma realidade desterritorializada e com uma contagem de tempo própria: o tempo interno, também chamado de *kairós* (Ver MARTINS, 1991). Uma realidade composta por elementos inseparáveis uns dos outros, permeáveis entre si. Uma duração em permanente fluir.

Bergson define dessa maneira o mundo interno que se comunica com o mundo externo por um processo mental de percepção. É o conceito de campo transcendental, onde mergulhamos quando absorvemos em nossos pensamentos.

Muitas vezes, em minhas aulas na PUC-SP, enquanto cumpria os créditos deste doutorado, debatemos sobre a importância de uma educação interativa e reflexiva. Especialmente nas aulas da Professora Ivani Fazenda, compreendíamos a educação por um processo essencialmente interativo em que a reflexão nos trazia à presença. Essas vivências em sala de aula traziam uma intensidade raramente experimentada ao longo de minha extensa vida acadêmica, tanto como professor e como aluno. Essas vivências — elas mesmas — foram marcadamente interativas e reflexivas. Mesmo aqueles que permaneciam em silêncio não estavam dispersos em seus próprios pensamentos. Nesses momentos era como se os pensamentos se integravam em um mundo interativo, onde os espíritos reuniam-se como se fosse criado um campo transcendental coletivo.

Esse processo reflexivo experimentado nessas aulas — essencialmente de cura⁸⁸ — são momentos sempre lembrados porque havia presença. Uma presença coletiva. Ali estávamos em um mesmo mundo.

⁸⁷ Sempre uso a palavra "mundo" com o conceito heideggeriano de mundo: lugar territorializado ou desterritorializado onde convive a pre-sença com a pre-sença de outros e com seres simplesmente dados. (Com minhas palavras).

⁸⁸ Dentro do conceito de cura apresentado por Heidegger:

Quando se pretende remeter para o nível de estruturação da pre-sença em qualquer relação, usa-se sempre o termo latino cura, pois indica a constituição ontológica. Quando porém se quer acentuar as realizações concretas do exercício da pre-sença, utiliza-se a palavra cuidado e seus derivados.

(HEIDEGGER, 2002: 313).

Em toda a minha vivência, como aluno, eu só experimentei algo semelhante — mantida a devida proporção e a diferenciação de contextos. Foi no ginásio, em 1964, na sala de aula de português do Professor Fernando⁸⁹ no Colégio Pedro II - Externato, no Rio de Janeiro. O Professor Fernando criava um mundo intergrupar através da poesia. Ele estimulava que os alunos fizessem as suas redações de um modo livre e com a criatividade solta. Depois da escrita, o Professor conduzia, mediava, o grupo a debater os poemas de todos, um a um. Isso estimulava a transcendência, o aperfeiçoamento permanente. Para mim foi uma vivência muito importante, tanto que até hoje eu lembro daqueles momentos. Desde aquele tempo eu tomei gosto pela escrita e nunca mais parei de escrever.

Mas mesmo nesses momentos de integração grupal profunda, haveria a duração. O processo de interiorização em que cada um, com sua própria formação e historicidades, trazia a si a percepção de uma consciência. Um processo de aprendizagem próprio, mas experimentado com a vivência intergrupar.

Bergson diz que esse mundo interior, este campo transcendental, é o domínio da intuição. Isso em contraposição o mundo externo da realidade objetiva que é o domínio da inteligência. É através da intuição que se tem acesso ao campo transcendental. Não há qualquer interação entre a inteligência e esse campo transcendental. A intuição é, portanto, um método e a filosofia é a sua forma de expressão com o mundo exterior, não a ciência que pertence ao mundo objetivo e experimental.

Quando sintetizei o pensamento de Bergson na Parte 1 desta tese eu terminei com uma pergunta:

— Mas, dado que existe de fato esse "mundo interno" em diferentes homens reflexivos, será que não há nenhuma espécie de conexão entre esses diferentes mundos internos?

Creio que aqui já respondi afirmativamente com o relato de momentos vivenciados em sala de aula. Embora não possa explicar como acontece essa comunicação entre o mundo interno de diferentes pensamentos, diz a intuição que essa comunicação acontece, especialmente quando focados sobre um mesmo objeto em estado de

⁸⁹ Não lembro o nome completo. Lembro apenas do primeiro nome.

interação, os pensamentos se comunicam de alguma forma intuitiva de presença do eu no campo transcendental do outro.

E termino este capítulo com um trecho do conto "Os Crimes da Rua Morgue", de Edgar Allan Poe, que expõe bem este encontro de campos transcendentais entre duas pessoas.

Passeávamos, certa noite, por uma comprida e suja rua, nas vizinhanças do Palais Royal. Estando, aparentemente ambos nós, ocupados com os próprios pensamentos, havia já uns quinze minutos que nenhum dos dois dizia uma só sílaba. Subitamente, Dupin pronunciou as seguintes palavras:

— A verdade é que ele é mesmo um sujeito muito pequeno e daria mais para o Théâtre des Variétés.

— Não pode haver dúvida alguma a respeito — respondi, inconscientemente, e sem reparar, a princípio (tão absorto estivera em minha meditação), a maneira extraordinária pela qual as palavras de meu companheiro coincidiam com o objeto de minhas reflexões.

Um instante depois dei-me conta do fato e meu espanto não teve limites.

— Dupin — disse eu, com gravidade —, isto passa as raias de minha compreensão. Não hesito em dizer que estou maravilhado e mal posso dar crédito a meus sentidos. Como é possível que soubesse você que eu estava pensando em...

Aqui me detive, para certificar-me, sem sombra de dúvida, se ele realmente sabia em quem pensava eu.

— Em Chantilly — disse ele. — Por que parou? Não estava você justamente a pensar que o tamanho diminuto dele não se adequava à representação de tragédias?

Era esse precisamente o assunto de minhas reflexões. Chantilly era um antigo sapateiro-remendão da Rua São Diniz, que, fanático pelo teatro, atrevera-se a desempenhar o papel de Xerxes, na tragédia de Crébillon, do mesmo nome, tendo por isso merecido críticas violentas.

— Diga-me, pelo amor de Deus — exclamei —, qual foi o processo... se é que há algum... que o capacitou a sondar o íntimo de minha alma.

Eu estava, na verdade, mais surpreso do que desejava parecer.

— Foi o fruteiro — respondeu meu amigo — quem levou você à conclusão de que o remendador de solas não tinha bastante altura para o papel de Xerxes "et id genius omne"?

— O fruteiro?! Você me assombra! Não conheço fruteiro de espécie alguma.

— O homem que lhe deu um encontrão quando entramos nesta rua, há talvez uns quinze minutos.

*Lembrei-me então que, de fato, um fruteiro, carregando na cabeça um grande cesto de maçãs, quase me derrubara acidentalmente quando havíamos passado da Rua C*** para a avenida em que nos achávamos. Mas o que tivesse isso que ver com Chantilly é o que eu não podia compreender.*

Não havia em Dupin uma partícula sequer de charlatanice.

— Vou explicar — disse ele —, e, para que você possa compreender tudo claramente, vamos primeiro retroceder, seguindo o curso de suas meditações, desde o momento em que lhe falei até o do encontrão com o tal fruteiro. Os elos mais importantes da cadeia são estes: Chantilly, Orion, Dr. Nichols, Epicuro, a estereotomia, as pedras da rua, o fruteiro.

Há bem poucas pessoas que não tenham, em algum momento de sua vida, procurado divertir-se, remontando os degraus pelos quais atingiram certas conclusões particulares de suas idéias. Esta ocupação é, não poucas vezes, cheia de interesse e o que a experimenta pela primeira vez fica admirado diante da aparente distância ilimitada e da incoerência que há entre o ponto de partida e a chegada. Qual não foi, pois, o meu espanto, quando ouvi o francês falar daquela maneira, e não pude deixar de reconhecer que ele havia falado a verdade. Continuou:

*— Estávamos conversando a respeito de cavalos, se bem me lembro, justamente antes de deixar a Rua C***. Foi o último assunto que discutimos. Ao cruzarmos na direção desta avenida, um fruteiro, com um grande cesto sobre a cabeça, passando a toda pressa à nossa frente, lançou você de encontro a um monte de pedras, empilhadas no lugar onde estão consertando o calçamento. Você pisou em uma das pedras soltas, escorregou, torceu levemente o tornozelo, pareceu aborrecido ou contrariado, resmungou umas palavras, voltou-se para olhar o monte de pedras e depois continuou a caminhar em silêncio. Não estava particularmente atento ao que você fazia, mas é que a observação se tornou para mim, ultimamente, uma espécie de necessidade.*

Você manteve os olhos fixos no chão, olhando com expressão mal-humorada os buracos e sulcos do pavimento (de modo que vi que você continuava pensando ainda nas pedras), até que alcançamos a pequena Travessa Lamartine, que foi calçada, a título de experiência, com tacos de madeira solidamente reajustados e fixos. Ali, sua fisionomia se iluminou e, percebendo que seus lábios se moviam, não tive dúvida em que você murmurava a palavra "estereotomia", termo demasiado pedante que se aplica a essa espécie de calçamento. Sabia que você não podia dizer consigo mesmo a palavra "estereotomia" sem vir a pensar em átomos e portanto nas teorias de Epicuro.

Como não faz muito tempo que discutimos este assunto, lembro-me de lhe haver mencionado quão singularmente, embora muito pouco notado, as vagas conjeturas daquele nobre grego tinham tido confirmação com a recente cosmogonia nebular, e vi que você não se conteve que não erguesse os olhos para a grande nebulosa de Orion, coisa que eu esperava que você não deixaria de fazer. Você olhou, pois, para cima e tinha então a certeza de haver acompanhado estritamente o fio de suas idéias. Naquela crítica ferina que apareceu

a respeito de Chantilly, ontem, no Musée, o satirista, fazendo algumas maldosas alusões à mudança de nome do remendão ao calçar coturnos, citou um verso latino, a respeito do qual temos tantas vezes conversado. Refiro-me ao verso:

*"Perdidit antiquum litera prima sonum".*⁹⁰

Eu havia-lhe explicado a você que este verso aludia a Orion, que antigamente se escrevia Orion, e, por causa de certa mordacidade ligada a esta explicação, estava eu certo de que você não poderia tê-la esquecido. Era, portanto, bem claro que você não deixaria de combinar as duas idéias de Orion e Chantilly. Que você as havia combinado vi pela espécie de sorriso que lhe pairou nos lábios. Pensou na imolação do pobre remendão. Até então estivera você a caminhar meio curvado, mas naquele momento você se endireitou, ficando bem espigado, a toda a altura. Certifiquei-me então de que você estivera pensando na pequena estatura de Chantilly. Neste ponto, interrompi suas meditações para observar que, como, de fato, era ele um sujeito muito baixo, o tal Chantilly daria melhor para representar no Théâtre des Variétés.

(PÖE, 1981: 69-71)

⁹⁰ A antiga palavra perdeu sua primeira letra. (N. T.)

Capítulo 26 — Presença, Intencionalidade e Transcendência.

Transcender-se é ir além de si mesmo. É evoluir a partir de um estado de ser para outro estado, aperfeiçoado em qualidade, de ser a si mesmo. Pode-se dizer que a evolução de um ser para outro ser qualitativamente evoluído do primeiro é um processo de transcendência.

Vamos considerar *intencionalidade* como sendo a *referência de qualquer ato humano a um objeto diferente dele*. (ABBAGNANO, 2000: 576)

Quando o transcender-se é o desejo do ser, realiza-se um processo essencialmente objetivo para um vir-a-ser. O ser-presente vê o ser-futuro como um projeto. Pode-se dizer que essa o ser que busca a transcendência para um modo ser qualitativamente mais evoluído do que ele próprio é. Neste caso o ser-presente vê o vir-a-ser como um objeto a ser alcançado, um objeto diferente do modo de ser que ele mesmo é, muito embora seja um projeto para o mesmo ente que agora é. Pode-se dizer, portanto, que essa transcendência — esse processo de vir-a-ser — é uma intencionalidade objetiva.

Mas nem toda transcendência é intencional no plano dos objetos. Como foi visto no capítulo anterior, a inteligência é uma orientação para a ação no plano dos objetos. A inteligência é prática. Ela é um método de sobrevivência e de segurança mundana⁹¹.

⁹¹ MUNDANO — Referente ao mundo (considerado este pelo lado material e transitório); terreno, terreno, terreal, terrestre. (FERREIRA, 1999).

Cabe observar, entretanto, que pode haver uma transcendência como um processo intuitivo. Sem que haja uma intencionalidade em um ser futuro dentro da lógica mundana projetada pela inteligência. Essa transcendência diz respeito ao pensamento, ao espírito, conforme foi elucidado no capítulo anterior. Estou falando da dimensão interna, onde se desenvolve a *duração* e que é o domínio da intuição.

Pode-se perceber que existe uma intencionalidade interna que vou chamar de intencionalidade subjetiva. Uma intencionalidade não voltada para o objeto e sim para o sujeito. Essa intencionalidade subjetiva não é clara e definida dentro da lógica cartesiana do mundo dos objetos. Pertence à dimensão interna onde os elementos são heterogêneos e de limites indefinidos, elementos que se interpermeiam e que não é possível dizer onde é um ou é outro.⁹² São constituintes não espacializados e que, portanto, não se pode explicar dentro das leis da física e da biologia experimental. Esta intencionalidade subjetiva acontece no campo da vida e da consciência, onde a espacialidade é mera referência e o tempo que conta é kairós, o tempo interno.

Podemos dizer que tanto a intencionalidade objetiva, como a intencionalidade subjetiva, têm como fim conduzir à transcendência. Mas cada uma em seu domínio. Assim, a intencionalidade objetiva move o ser para uma transcendência de natureza mundana. A intencionalidade subjetiva conduz à transcendência do próprio ser.

No Capítulo 14 desta tese eu sintetizei o pensamento de Martin Heidegger a respeito da fenomenologia e especificamente falei da fenomenologia ontológica como um método de desvelamento do ser. Esse desvelamento permite uma analítica do ser e revela a sua existência, que é o modo de ser do homem. A

⁹² Lembra-me aqui a fala do narrador na início do filme "Ano Passado em Marienbad":

... imagens em preto e branco; onde as sombras, o branco e o preto determinam o brilho, as silhuetas, a textura, a cor do ambiente; linguagem; música de fundo sem linearidade, repetições formando um ciclo sem começo, nem fim, talvez o órgão seja uma menção à música barroca, que acompanha um panorama por um palácio barroco, onde salões, corredores; Marienbad; teatro; galerias, escadarias; jogo de damas; elementos arquitetônicos e decorativos afirmam a opulência, o luxo, a nobreza, a sensualidade; A; o mistério das dimensões em perspectiva e labirintos; Frederiksbad; cartas; tempo; personagens imóveis ou em movimentos rígidos; M; dominó; feições sem expressão, modelados pelas sombras, ocupam o espaço como peças de xadrez; contraste entre o geométrico e o orgânico; fósforos; diálogos; olhares; jóias; smoking; jardim; esculturas; X; cumplicidade nas relações; vestidos elegantes; reflexos nos espelhos; gestos marcados; serviços compõem o ambiente; narrativa; instante; memória; afetividade; projeção; simbólico; identidade; pensamento; objetos...

(RESNAIS, 1961)

fenomenologia ontológica é um método de transcendência baseado em uma intencionalidade subjetiva. A intencionalidade da pre-sença em desvelar a si e através dessa analítica projetar o porvir. Esse domínio do porvir é um projeto de *cura*.

Husserl, conforme sintetizei no Capítulo 7, também está considerando essa intencionalidade subjetiva. Escrevia eu lá no Capítulo 7:

*O caminho da evolução do homem baseia-se em seu espírito, ou seja, na construção de sua própria consciência. É na própria consciência que o homem encontra fundamento para transcender a si mesmo. Quando deseja compreender algo é o seu espírito que vem em seu socorro e dá fundamento para essa compreensão.*⁹³

A transcendência subjetiva é, pois, uma *transcendência de espírito*. O espírito — ou próprio ser do homem, ou seja, a pre-sença — transcende-se a si mesmo.

Este ponto será retomado adiante. É preciso falar agora da *intencionalidade objetiva* e da transcendência que ela propõe.

* * *

A intencionalidade objetiva conduz o homem a uma transcendência essencialmente mundana. Ou seja: uma transcendência no campo dos objetos, no mundo terreno em si, na realidade objetiva. Essa transcendência reflete-se nos campos da sobrevivência e da segurança. Neste caso, o homem evolui para sobreviver. Não deixa de ser uma transcendência e uma transcendência esperada não só pelo homem como pela *comunidade*⁹⁴, o mundo dos homens que o envolve.

Não podemos dizer a transcendência decorrente da intencionalidade objetiva seja uma transcendência efetiva. Trata-se de uma transcendência que acontece ao nível da *personalidade* ou das *ações*.

⁹³ Citação do Capítulo 7 desta tese.

⁹⁴ *Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica.* (FERREIRA, 1999).

Definindo aqui *personalidade* como sendo o ser do homem que se reflete na comunidade, ou seja, é aquilo que os componentes da comunidade identificam no homem. Deste modo podemos considerar esta transcendência como sendo uma *transcendência aparente*, uma transcendência avaliada pela comunidade. Não é, portanto, uma transcendência que acontece no próprio ser do homem e sim em sua imagem no mundo. Podemos dizer que a transcendência ao nível da personalidade é uma *transcendência cultural*.

Do mesmo modo, a transcendência que ocorre ao nível das ações é voltada para o mundano. O homem desenvolve destrezas para lidar com o mundo e com as coisas do mundo. Pode-se dizer que qualquer espécie de desenvolvimento de natureza profissional é uma transcendência ao nível das ações. Trata-se de desenvolver habilidades de "saber lidar", "saber construir", "saber fazer", etc. Podemos dizer que a transcendência ao nível das ações é uma *transcendência laboral* ⁹⁵.

Esses aspectos de transcendência mundana são movidos pela *inteligência* e desenvolvidos pela *aprendizagem* e pela *educação*.

A *aprendizagem* é essencialmente vivencial. Aprende-se vivenciando e adquirindo saber ou destreza através dessa vivência. Chamo de *vivência* ao exercício de uma experiência mundana. Trata-se de uma experiência essencialmente pessoal e o aprendiz carrega consigo, durante uma vivência, todas as suas vivências anteriores. A aprendizagem é constituída pela informalidade no seu desenvolvimento e pela característica essencial de individualidade: cada qual aprende de acordo com sua própria vivência.

Já a *educação* — em sua concepção tradicional⁹⁶ — tem a tendência a realizar-se na prática como singularmente formativa, curricular e formal. Assim, a comunidade sugere um conteúdo padrão a ser administrado e esse processo de administrar é chamado de formação. A organização do conteúdo a ser administrado é chamado de currículo. A formalidade estabelece etapas a serem atingidas durante o processo

⁹⁵ Do, ou relativo ao labor, ao trabalho. Ver (FERREIRA, 1999).

⁹⁶ Estou aqui neste Capítulo sempre me referindo a uma educação tradicional. Estou consciente que a Educação avançou muito nas últimas décadas e que muitas escolas adotam métodos de transcendência que se aproximam mais daquilo que chamo aqui de *transcendência subjetiva*. Entretanto, há de se considerar que a grande maioria das escolas ainda adota uma educação tradicional. Fica aqui a minha crítica a esta escola tradicional.

educacional. Ao longo de cada etapa o participante do processo educativo é submetido a avaliações para que se observe a absorção do conteúdo administrado.

A *educação tradicional básica* se mostra massificada, onde todos os membros da comunidade recebem a mesma injeção curricular e são submetidos pelo mesmo processo de avaliação independente de características especiais e particularidades de cada um. A *educação superior* é disciplinar e, portanto, voltada para um único foco da mundanidade. A comunidade valoriza sobremaneira a *educação tradicional formal*. Ao concluir cada etapa desse processo de formação são expedidas certificações que permitem ao educando seguir em frente no seu processo educacional. Aqueles que não conseguem um bom resultado em processos de avaliação não podem ir adiante. Essa característica massificante da *educação tradicional* — e da emissão de certificados — cria distorções sérias porque o desafio do participante desloca-se da busca do transcender-se para a perseguição de certificados. E o laurel está no certificado e não na transcendência em si. Ou melhor, a transcendência é corporificada em um objeto: o certificado.

A *educação tradicional* é vista como uma condição para o trabalho. A formação é voltada essencialmente para que o indivíduo esteja preparado para o trabalho. Logo, quem não tem o laurel educacional, quem não dispõe da certificação de formação, não está apto para o trabalho e, portanto, não pode trabalhar. Como o trabalho é essencial para a sobrevivência então obter a certificação se torna fundamental para a sobrevivência e deste modo reforça-se a objetivação da educação no sentido de obter tais certificações. Passa a tratar-se como sendo a *educação tradicional* uma transcendência certificada.

É necessário dizer que quem não se adapta a esse *processo educacional tradicional* é renegado à margem da comunidade ao nível de incapacidade. Como muitas pessoas não conseguem adaptar-se a essa estrutura educacional tradicional passarão a fazer parte dos números de *evasão educacional*⁹⁷ e assim se acumula um enorme contingente humano à margem da comunidade, desenvolvendo, para a sobrevivência, atividades marginais e informais.

⁹⁷ Cabe dizer que "evasão educacional" é tratada como o contraponto do que se chama vulgarmente de "presença".

Ao falar de transcendência não se pode deixar de falar nesse aspecto mundano que é dado à educação. Afinal de contas, a educação é a síntese do processo formal e das oportunidades de transcendência oferecida à grande parcela da população. Não se pode deixar de falar da desumanização da educação.

* * *

Pode-se considerar o *eu transcendente* proposto por Descartes e retomado por Husserl, como o ser que traz em si o potencial da transcendência. E é natural que todo ser dotado da pre-sença tenha em si esse potencial de transcender-se. E diz Husserl que é bem possível que a concepção do conceito do *eu transcendente* traga uma idéia nova do fundamento do conhecimento. Um fundamento de ordem transcendental. O *eu transcendente* fundamenta a si mesmo. É através de sua própria concepção de ser que ele vai além de si mesmo.

A fenomenologia é um método de transcendência e tem como ponto de partida a pre-sença. A pre-sença é o fundamento da transcendência do ser. Está na pre-sença a semente do *eu transcendente* e é através dela que é possível superar-se a si mesmo.

Por essa razão a pre-sença é mais do que "estar em si mesmo", porque "estar em si mesmo" representa uma estática e a pre-sença tem em si a dinâmica potencial do vir-a-ser. É um pontual em movimento. **É o ser do aqui-e-agora composto de sua existência e do seu próprio devir.**

E quando, ao final do Capítulo 7 desta tese eu pergunto:

— É a presença um fenômeno?

A resposta tem que ser afirmativa, pois a presença não se explica pela simples presença do homem coisificado no mundo. A presença do homem traz com ele um potencial de porvir. O homem não é simplesmente dado como uma coisa do mundo. Ele tem em si o potencial de transformá-lo.

Assim, ao responder a questão colocada, não podemos dizer mais do que: sim, é fenômeno porque ela se mostra por si mesma. E não apenas pelo estar situada no espaço das corporeidades, por ser espacializada, mas porque contém em si o

potencial da transformação. A potencialidade de transformar o mundo e, principalmente, a potencialidade de transcender-se a si mesma.

Nesses termos podemos dizer que a intencionalidade é um componente importante da presença. É através da intencionalidade que a presença se põe em movimento em direção do vir-a-ser.

Capítulo 27 — Presença e Consciência de Si.

O automatismo humano identificado por Gurdjieff não é um estado de não-presença, não é o nada que Sartre relata em sua obra Ser e Nada. É um estado de presença pelo qual nos deixamos levar pelo cotidiano, pelo turbilhão da vida, como diz a canção de Chico Buarque:

*Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração*

*A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração*

*A roda da saia, a mulata
Não quer mais rodar, não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou*

*A gente toma a iniciativa
Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a viola pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração*

*O samba, a viola, a roseira
Um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a saudade pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração.*

(HOLLANDA, 1967)

A canção fala de uma angústia. Fala da angústia de sermos levados pelo mundo e pela correnteza da vida. Entretanto, pode-se dizer que a canção relata um momento de consciência de si. Esses momentos em que nos sentimos "como quem partiu ou morreu" são momentos de contato com o nosso eu verdadeiro, o eu transcendente que nos traz a vontade de tomar as rédeas de nós mesmos e conduzir-nos por um caminho de um porvir desejado. Chico Buarque fala de um desejo de intencionalidade de vida e da angústia de não conseguir tomar para si esta intencionalidade de porvir⁹⁸. Essa intencionalidade pode ser comparada a um termo muito usado atualmente: "ter atitude perante a vida". Como se o porvir não nos pertencesse e fôssemos conduzidos por um turbilhão através de uma visão linear de vida, muitas vezes metaforizada como uma estrada.⁹⁹

A angústia é decorrente de uma sensação de incapacidade perante a vida, especialmente quando se toma a vida como um aspecto linear de destino. Essa linearidade torna conta do ser quando a presença sente-se incapaz de conduzir em direção do próprio porvir. Muitas vezes esse porvir é direcionado por uma ideologia

⁹⁸ Não estou sendo ingênuo aqui ao ponto de ignorar que Chico Buarque, na época que escreveu este poema, era perseguido político e que as autoridades constituídas tratavam de sabotar sua intencionalidade. Mas faço aqui uma leitura contemporânea da obra que trespassa o tempo e continua sempre atual.

⁹⁹ A concepção de "roda-viva" lembra-me o capítulo "O ser entediado e o passatempo", que Heidegger escreveu em Conceitos Fundamentais da Metafísica. (HEIDEGGER, 2003:112).

e uma visão de utopia que acreditamos como verdade. Essa angústia está relacionada, muitas vezes, a uma verdade ideológica. É uma verdade que transcende a nós mesmos quando queremos que os outros adotem essa verdade como sendo também a sua própria verdade. E, mais que isso, desejamos que tal verdade se transforme em uma verdade social. E como não conseguimos torná-la em uma verdade social, toma-nos a angústia. Percebe-se, então, que a angústia pode ser também relacionada a uma "cadeia ideológica" que nós mesmos nos aprisionamos.

Gurdjieff nos acena com uma possibilidade de cura. Em suas conferências transcritas por Ouspenski em "Psicologia da Evolução Possível ao Homem" (OUSPENSKI, 2002) expõe a necessidade de se tome um estado de consciência de si através de um trabalho — que embora apoiado sobre um grupo de trabalho — é um trabalho particular sobre si mesmo.

Esse trabalho de cura decorre através de diferentes estados de presença identificados por Gurdjieff e que apresentei no Capítulo 8 desta tese. A evolução consiste em atingir estados de presença cada vez mais evoluídos dentro das possibilidades de evolução do homem como ser do Sistema Solar. O limite para a evolução do homem, para Gurdjieff, está dentro dos limites, portanto, do Sistema Solar.

Em sua obra Gurdjieff desenvolve uma cosmologia dentro de sua própria lógica apreendida através de ensinamentos obtidos em suas andanças. Gurdjieff teria viajado pela Europa Oriental e pelo Oriente onde teria captado tais ensinamentos de sabedorias ancestrais. Essas andanças são relatadas em seu livro Encontros com Homens Notáveis (GURDJIEFF, 1980), também levado ao cinema pelo diretor Peter Brook (BROOK, 1979). A cosmologia desenvolvida por Gurdjieff está especialmente em seu livro Relatos de Belzebu ao seu Neto (GURDJIEFF, 1981), onde o autor desenvolve uma crítica à civilização humana apresentando-a através de uma metafórica fala de Belzebu, relatando ao seu neto a história dessa civilização.

Gurdjieff não é um místico. É por demais terreno para sê-lo. Está implícito em suas idéias um não-misticismo, porque o misticismo conduz o ser a sair do foco de si mesmo e o foco em si mesmo, a consciência de si, é o primeiro estágio a ser alcançado na busca de si mesmo. Portanto, qualquer misticismo, crença ou religião é um desviante do ser de si mesmo, colocando o foco em uma transcendência

externamente criada e que conduz o homem a uma espécie de escravidão de destino. Gurdjieff nos diz que o foco do trabalho é em si mesmo e a partir desse foco em si mesmo é que será possível caminhar no sentido de uma evolução.

Não se pode deixar de traçar um paralelo desse pensamento de Gurdjieff com o conceito de *eu transcendente* exposto no capítulo anterior. A *consciência de si* proposta por Gurdjieff é condição necessária para que tenhamos contato com o nosso *eu transcendente*. O *eu transcendente* é também uma condição necessária para que se tenha decisão sobre o próprio porvir do mesmo modo que a *consciência de si* é condição para que sejamos senhores de nossa própria evolução. É uma questão de autonomia sobre si mesmo. Só é possível transcender a si mesmo quando se tem conhecimento de si mesmo. Sem esse conhecimento, ou tendo esse conhecimento velado, o porvir encadeia-se em modo automático e a existência decorre no modo automático de ser que Gurdjieff descreve em suas conferências transcritas por Ouspenski (2002).

Gurdjieff expõe que na *medianidade cotidiana* — que Heidegger coloca como um dos princípios da analítica da pre-sença¹⁰⁰ — o homem se encontra em "modo automático" de vida. E através desse *modo automático* é que ele realiza a grande maioria das relações com o mundo. Cabe dizer que não tais movimentos automáticos identificados por Gurdjieff não envolvem apenas movimentos físicos. Gurdjieff identifica também automatismo nas atividades mentais e mesmo nas emoções do homem. Que o homem tende a repetir padrões mentais impressos no seu ser através de suas vivências mundanas e a sentir emoções também padronizadas. Assim, sendo mesmo naquilo que o homem tem de mais íntimo e de mais pessoal, ainda assim encontra-se esse processo de automatismo.

Neste sentido, *consciência de si* não tem uma conotação estritamente mental. Vai além do plano mental. Consciência, para Gurdjieff é, antes de tudo, uma tomada de conhecimento de si mesmo; um conhecimento do homem de quem ele mesmo é, de onde está e o conhecimento de seu próprio saber e da sua própria ignorância. E o primeiro trabalho sobre si mesmo, proposto por Gurdjieff, é buscar esse contato com o eu próprio, com o "Eu Sou".

¹⁰⁰ Ver Capítulo 16 desta tese.

Cabe falar um pouco sobre o que Gurdjieff define como *emoções negativas* (Ouspenski, 2002:34-5). As emoções negativas são produtos da imaginação. Gurdjieff considera a imaginação como uma faculdade destrutiva quase tão perniciosa como a mentira para si mesmo. O homem costuma desenvolver a imaginação para seu próprio prazer e imediatamente começa acreditar naquilo que imagina como se fosse algo real. A imaginação é a fonte, portanto, das emoções negativas.

Gurdjieff define *emoções negativas* como sendo todas as emoções de violência ou depressão: autocompaixão, cólera, suspeita, medo, contrariedade, aborrecimento, desconfiança, ciúme, são exemplos de emoções negativas.

Segundo Gurdjieff, os seres humanos têm a tendência a considerar a expressão dessas emoções negativas como *naturais*. Como sendo da *natureza dos homens*. Costumam dizer que se trata de sinceridade, mas que na verdade é uma debilidade, sinal de falta de caráter e de incompetência de resolver-se a si mesmo. Tal quais todos os vícios humanos só é possível compreender a nocividade desses processos automáticos quando se luta para sair deles. Assim, o homem só compreenderá a nocividade das emoções negativas, quando tentar livrar-se delas. E só conseguirá prestando atenção em si mesmo no caminho da consciência de si.

As emoções negativas ajudam a entender porque "o pensamento voa", porque o homem sai fora de si mesmo. Porque na maior parte do tempo na vida humana, o homem está viajando fora de si, não está, portanto, presente. Exatamente aquilo que se observa nos olhares vidrados de nossos alunos em sala de aula. Eles estão absortos em seus pensamentos, em sua imaginação e em suas emoções negativas. E para tal sempre têm uma justificativa quando questionados. É difícil manter a atenção sobre si mesmo. É difícil estar presente em si mesmo. É difícil estar num processo de ensino-aprendizagem quando não há presença, quando não há presença em si mesmo.

Revedo os quatro estados de presença definidos por Gurdjieff e apresentados no Capítulo 8 desta tese, observo que o primeiro estágio, o *sono*, é o nível mais baixo de consciência, mas é um momento curativo de regeneração orgânica. Ali há o ser, mesmo porque há presença, mas o ser não está no mundo. Ou pelo menos, não está no mundo que costumamos denominar como mundo. Diria que está no "mundo dos sonhos", sem qualquer carga pejorativa sobre tal.

O segundo grau de presença aparece no momento que o homem desperta e sai deste "mundo dos sonhos". Esse estágio de presença é aquele que comumente o homem vive, no qual levanta, vai para o trabalho, relaciona-se com outros homens e acredita que está em pleno poder de sua lucidez. Gurdjieff diz, entretanto, que se trata apenas de um estado de "sono desperto" e de consciência relativa. O sono, portanto, não acaba quando o homem acorda de manhã cedo. O sono permanece com sonhos e impressões mundanas. Gurdjieff acrescenta, entretanto, que a diferença entre o primeiro estágio e o segundo, é o surgimento no segundo de uma atitude crítica e essa atitude crítica pode voltar-se para as próprias impressões do mundo. Essa atitude crítica traz alguns sentimentos de contradição ou de impossibilidade que são impossíveis de serem percebidas no primeiro estágio. Essas contradições e contrariedades são o mote que permite a evolução para o terceiro grau de presença.

O terceiro estágio é chamado por Gurdjieff de *consciência de si*. Nesse estágio o homem se encontra perceptivo¹⁰¹ com relação a si mesmo. Nesse estágio o homem toma contato com seu *eu transcendente*. E a partir dele pode tomar decisões relativas à sua própria transcendência. Trata-se aqui do homem assumir a sua própria presença em si mesmo.

No quarto estágio que Gurdjieff denomina de *consciência objetiva*¹⁰² é o estágio em que o homem consegue ser-no-mundo. Conviver com as coisas e os objetos com plena consciência e com as diferentes pessoas que vivem no mundo.

O trabalho para evoluir nesses estágios, Gurdjieff chama de *trabalho sobre si* e para tal ele desenvolveu uma escola, denominada de *Quarto Caminho*¹⁰³ na qual se realizam práticas para ajudar ao homem a progredir nessa evolução.

¹⁰¹ Estou evitando aqui usar a palavra "objetivo" que Gurdjieff costuma usar e que pode causar alguma confusão com relação com o sentido filosófico do termo. Prefiro usar a palavra "perceptivo" que me parece mais adequada aqui neste contexto.

¹⁰² Aqui mantive como no original traduzido o termo "consciência objetiva".

¹⁰³ Gurdjieff costuma falar que existem três caminhos tradicionais para a evolução do homem: o *caminho do faquir* que trata do domínio do corpo com a superação das dores físicas; o *caminho do monge* que o caminho desenvolvido a partir de práticas devocionais; e o *caminho do iogue* desenvolvido através de práticas mentais como a meditação, por exemplo. O *Quarto Caminho* proposto por Gurdjieff — segundo ele mesmo — é um caminho voltado para o homem ocidental, já considera impossível que o homem ocidental adapte-se às condições exigidas nos três primeiros caminhos.

Já respondi à questão colocada ao fim do Capítulo 8:

— Não seria esse "estado de presença 2", descrito por Gurdjieff, que vemos em nossos alunos quando os olhamos e percebemos com olhares vidrados absortos em si mesmos?

A resposta é afirmativa. Os nossos alunos não conseguem disfarçar esse estado de sono em que se encontram quando absortos em sua imaginação e atrelados em seu automatismo cotidiano.

Na verdade o professor pouco pode fazer. Não há prática didática que consiga despertar aqueles que dormem o sono dos acordados. Trata-se de uma decisão estritamente pessoal que cada um deve tomar para propiciar a própria transcendência e o professor muito poderá ajudar se ele mesmo conseguir sair de seu próprio sono. O sono de quem fala automaticamente como máquina e despeja a disciplina curricular numa prática expositiva não reflexiva.

A sala de aula é, geralmente, um domínio do sono. Um lugar onde todos pactuam para dormir.

Capítulo 28 — A Presença do Outro.

A presença do Outro se estabelece através do *encontro*. Chamo de *encontro* ao estabelecimento de relacionamentos e interações entre o Eu e o Outro. Nesse processo de interação podem ser estabelecidos vínculos de natureza afetiva, emocional ou não; com o estabelecimento de vínculo, ou não. Pode ser uma relação provisória ou permanente. Não há necessidade do estabelecimento de vínculo prolongado ou formal. Um encontro se caracteriza pelo estabelecimento de uma forma de comunicação entre o Eu e o Outro.

Martin Buber foi um estudioso das relações humanas. Mais que isso, o que ele escreveu em seus livros aqui pesquisados¹⁰⁴ foi vivenciado em seu dia-a-dia. Buber se mostrou um mestre das relações humanas.

Trago-o para fazer parte do fundamento desta tese porque Buber enfatiza a presença do Outro em relação com o Eu e vice-versa. Dado que Heidegger afirma que "o ser só é quando no mundo", a presença do Outro se torna de fundamental importância para a analítica do ser-no-mundo, pois, diferente dos seres simplesmente dados que estão no mundo, o Outro se caracteriza por uma característica de essencial importância: o Outro é presença.

Não podemos experimentar o outro. O que temos do Outro não é nunca uma observação parcial, uma interpretação nossa do Outro, carregada de nosso olhar particular. O Outro é o que é. Não pode ser a imagem que formamos dele através de nossa percepção pessoal. Não há, pois, vivência parcial do Outro. Se houvesse seria uma vivência de uma imagem e não do Outro.

¹⁰⁴ A saber: Eu e Tu (BUBER, 2003) e Sobre a Comunidade (BUBER, 1987).

Vivenciar o outro, portanto, é vivenciar um encontro, eliminando o intermeio. O intermeio é o que se situa entre o Eu e o Outro, um intermeio que não se determina, nem no Eu, nem no Outro. O intermeio é obstáculo para o encontro do Eu com o Outro. Só quando se elimina o intermeio é que se torna possível o encontro.

No encontro do Eu com o Outro existe um potencial aberto para o inesperado. O Outro não é previsível para o Eu e nem o Eu para o Outro. Se essa previsibilidade existisse qual seria a razão do encontro? Não há a mínima condição de ocorrer o encontro se o Eu não se coloca dentro dele. Quando se entra no encontro, sempre é com a presença inteira. Se essa presença não for inteira haverá intermeio e intermeio é um escudo defensivo que não permite o encontro.

Para que haja, é necessário que cada um se disponibilize para encontro. Não dá para "ver da praia"; é necessário "mergulhar no oceano", usando a metáfora criada por Buber. Estar aberto para um porvir imprevisível e que nos vulnerabiliza. Colocar-se disponível para o encontro significa abrir portas para o imprevisível. É colocar-se disponível para um processo de desconstrução.

O processo de desconstrução que é provocado pela falta de domínio da situação por causa da vulnerabilidade que mergulha o Eu no encontro com o Outro. No encontro com o Outro o Eu despe de sua soberana autonomia de ser e se entrega à incerteza. Despe-se da majestade de sua presença egóica em que se projeta no dia-a-dia, para abrir espaço para o Outro num momento que parece infinito em que a nave do ser navega sem instrumentos. O Eu se desequilibra e o Outro também, pois se houver jogo de domínio o laço se desfaz. E não há mais o encontro.

O encontro é um momento breve. Um rápido instante de contemplação do Outro. Logo em seguida, dissipa-se na distância. O intermeio amplia-se e quem era Tu, volta a ser Ele ou Ela. E o que fica são imagens da percepção que tivemos do Outro. Imagens explicadas, compreensíveis para nós, mas que não é o Tu.

Vejamos o poema de Aldir Blanc, "Cata-vento e Girassol"

*Meu cata-vento tem dentro
O que há do lado de fora do teu girassol
Entre o escancarado e o contido*

*Eu te pedi sustenido
E você riu bemol
Você só pensa no espaço
Eu exigi duração¹⁰⁵
Eu sou um gato de subúrbio
Você é litorânea*

*Quando eu respeito os sinais
Vejo você de patins
Vindo na contramão
Mas, quando ataco de macho
Você se faz de capacho
E não quer confusão
Nenhum dos dois se entrega
Nós não ouvimos conselho:
Eu sou você que se vai
No sumidouro do espelho*

*Eu sou do Engenho de Dentro¹⁰⁶
E você vive no vento do Arpoador¹⁰⁷
Eu tenho um jeito arredio
E você é expansiva
(o inseto e a flor)
Um torce pra Mia Farrow
O outro é Woody Allen...
Quando assovió uma seresta
Você dança, havaiana*

*Eu vou de tênis e jeans
Encontro você demais:
Scarpin, soirée
Quando o pau quebra na esquina
Você ataca de fina
E me oferece em inglês
É fuck you, bate-bronha
E ninguém mete o bedelho:
Você sou eu que me vou
No sumidouro do espelho*

*A paz é feita no motel
De alma lavada e passada
Pra descobrir logo depois
Que não serviu pra nada
Nos dias de carnaval
Aumentam os desenganos:
Você vai pra Parati
E eu pro Cacique de Ramos*

Meu cata-vento tem dentro

¹⁰⁵ O autor faz um jogo de extremos e, aqui, informa que o Tu está preocupado com a espacialidade, com a presença externa, e o Eu com a duração, ou seja, a presença interna.

¹⁰⁶ Engenho de Dentro é um subúrbio do Rio de Janeiro.

¹⁰⁷ Arpoador é uma praia da Zona Sul do Rio de Janeiro.

*O vento escancarado do Arpoador
Teu girassol tem de fora
O escondido do Engenho de Dentro da flor
Eu sinto muita saudade
Você é contemporânea
Eu penso em tudo quanto faço
Você é tão espontânea!*

*Sei que um depende do outro
Só pra ser diferente
Pra se completar
Sei que um se afasta do outro
No sufoco somente pra se aproximar
Você tem um jeito verde de ser
E eu sou mais vermelho
Mas os dois juntos se vão
No sumidouro do espelho*

(BLANC, 1996)

O autor usa o jogo de metáforas baseadas numa dialética linear para descrever a complexidade de uma relação. Descreve uma série de diferenças entre duas pessoas, um jogo de contrastes, opostos, uma série eventos que relatam encontros e desencontros. Mostra o desequilíbrio que ambos se submetem na relação e quanto um fere a lógica e as leis do Outro. São contraventores: o ser do Um para o ser do Outro. Há um jogo mútuo de destruição de egos. Um esforça-se para desencantar o Outro, talvez numa tentativa de preservar a sua autenticidade que é colocada à prova nos momentos de encontro. E nesses momentos de encontro todas as diferenças são deixadas de lado, vencidas, para que os dois se percebam no "sumidouro do espelho".

— O poema de Aldir Blanc descreve um encontro?

Não. Descreve impressões de Um sobre o Outro. Mas aquilo que não consegue explicar e chama de "sumidouro do espelho" é o encontro. É o indescritível que no momento despe-se das metáforas que se criam para descrever contrariedades banais e o autor usa de uma outra metáfora para descrever o imponderável e o indescritível momento do encontro.

As demais metáforas são objetivações do Tu. Quando incorporamos o Tu dentro de nossa interioridade estamos transformando o Tu em objeto. E no encontro o Tu é

presença. É sujeito. Quando se coloca intermeio o Tu se objetiva e passa ser o Ele ou Ela. Deixa de ser o Tu.

Só somos Eu e Tu no momento do encontro.

* * *

No Capítulo 9 coloquei duas questões. A primeira delas foi:

— Não deveria, sempre, realizar-se em cada interação entre professor e aluno — e vice-versa — essa disponibilidade para o encontro?

A resposta à primeira questão não pode ser afirmativa, nem negativa, depende de cada um essa disponibilidade para o encontro. Especialmente se estamos nos referindo a um encontro grupal.

Os encontros acontecem. Não se pode estabelecer como regra necessária, senão estaríamos delineando uma descrição banal do que é o encontro. E o encontro nunca é banal.

O encontro acontece e quando estamos mais despojados de nós mesmos é que o momento está mais propício. Se estivermos armados de nossas defesas cotidianas é muito difícil de acontecer o encontro.

É por essa razão que os poetas descrevem tantos encontros utilizando toda licença que a poesia lhes oferece. E a maioria desses encontros descritos é de natureza amorosa. Só a linguagem poética consegue descrever o encontro. Utilizei da licença poética para escrever este capítulo.

— Mas... Por que se descrevem tantos encontros de natureza amorosa?

Porque a relação amorosa é um fenômeno em que os dois conspiram para construir uma verdade. E, nessa conspiração, a mutualidade conduz ao encontro. A uma propensão a despir-se de suas vestes e armaduras e a nudez de espírito consegue eliminar o intermeio. Assim, acontece o encontro e esforçam-se os poetas para criar metáforas que expliquem a composição do inexplicável. Não é à toa que

alguns utilizam da palavra "química" para designar o composto que se forma pelo encontro amoroso.

— O sentido de presença não é resultante do encontro?

Aqui a resposta é não. A presença é o que nós mesmos somos. E, portanto, há presença até mesmo na solidão. No encontro tomamos contato com a presença do Outro, mas a nossa presença, estamos com ela o tempo todo. Em diferentes níveis e estados de presença, mas sempre estamos em nossa própria presença. A presença é o que nós mesmos somos.

Capítulo 29 — Presença e Intermundo.

O mundo é a natureza. É o ambiente em que o ser se coloca e se realiza como ser. O corpo do ser coloca-se no mundo e o anima. E cria um espetáculo mutante em que seres e coisas continuamente se transformam. O corpo é o agente ativo dessa transformação da natureza.

A natureza, entretanto, não existe apenas no exterior do homem. As coisas do mundo — os objetos — seriam vazias de sentido se não estivessem presentes na subjetividade do ser. É a subjetividade do ser que lhes aponta sentido. O mundo dos objetos seria sem sentido se não houvesse o sujeito. É o sujeito que lhes dá sentido, que incorpora neles atributos e os dota de uma abstração que transcende a sua concretude. O sujeito subjetiva as coisas e as dota de espírito.

O ser do homem está lançado na natureza, mas a natureza se mistura com o ser que ele é realiza-se uma integração entre ser e natureza. Assim o homem não é o ser do aqui-e-agora. O ser-passado consolidou-se no ser-presente, apesar de todos os acasos que interferiram na historicidade do ser e o ser-futuro representa o porvir, como uma potencialidade de ser possível dentro da temporalidade futura.

Isso nos diz que o homem não é apenas o seu corpo. O corpo é importante porque transforma a natureza e marca a sua presença no mundo ambiente e físico. O meu corpo age no mundo e altera a sua estrutura. Da mesma forma o meu comportamento age no mundo cultural e o transforma com a minha presença.

O mundo, agora, não é mais só a natureza. As relações humanas criam um objeto fictício frente à materialidade ao qual chamamos de sociedade e que é o conjunto de todas as relações humanas organizadas. E não podemos mais dizer que o mundo é só a concretude. As relações humanas pertencem ao mundo e compõem o

organismo da sociedade. Que é essencialmente um organismo abstrato, um organismo de espírito, subjetivado, que só existe pela capacidade de abstração de que o homem é dotado.

Intermundo é um ambiente criado e onde acontece o encontro. Pode ser um espaço físico, ou um espaço virtual. Entendo aqui como espaço virtual, não apenas o ciberespaço, mas a possibilidade de se criar um espaço hipotético onde se situam os desejos mútuos. Habitar esse espaço de encontro é presença.

Edgard Morin em seu livro "Amor Poesia Sabedoria" (MORIN:2003) descreve o amor como um resultado de demência. Traça o perfil do *homo demens* como tão importante como o do *homo sapiens*. Durante a leitura que fiz desse livro, escrevi o seguinte poema:

*O amor é sempre virtual.
Uma projeção de si no outro
e vice-versa.*

*O amor é desterritorializado.
Portanto, não há distância.
Aqui não há o longe.*

*O amor é atemporal.
Uma sincronicidade fora do tempo.
Ilude-se a historicidade.*

*O amor é um mito.
Uma invenção criada a dois.
Uma explosão de arte.*

*O amor é uma demência.
Uma ausência de sanidade
intercompartilhada.*

*Não há explicação para o amor.
Não há encaixe em teorias.
Não há poesia que explique.
Só que desexplique e
virtualize, ainda mais,
aquilo que intransitiva e
simplesmente é.¹⁰⁸*

¹⁰⁸ FAGUNDES DA SILVA, blog, <http://claudioalex.multiply.com/journal/item/747>, publicado em 21/02/2006, consultado em 27/10/2006.

O amor é uma relação no intermundo, como todos os encontros de sentimento e de consciências. E encontro significa presença. Não há encontro sem presença. Não há presença sem encontro. Uma relação biunívoca, portanto.

A sala de aula também deveria ser um intermundo. Um local de encontro de corações e mentes com a finalidade de interação de vivências, de pensamentos, de ligações afetivas. E, no entanto, somos levados a ver a sala de aula como um local onde se vai cumprir uma obrigação árdua, cansativa: um sacrifício em busca de um certificado. Um sacrifício de chegar, após uma complicada travessia do trânsito urbano cada vez mais intrincado, ao local do encontro. E na saída da escola o mesmo trânsito difícil é esperado. Salas de aulas cheias de pessoas cujo único objetivo é torcer pelo tempo passar. Impacientes, absortos em seus pensamentos cotidianos, nas medianidades cotidianas de cada participante.

O professor padece do mesmo desconforto da obrigação e de ter que cumprir uma aula para zumbis, pessoas de apenas corpo presente e cujo pensamento de cada um está distante do pensamento do outro, longe de si mesmos. O professor também é um objeto mecânico, distante de si, a repetir exposições cansativas, tediosas, repetitivas, sem qualquer encontro com aquele novo que desestabiliza os papéis e potencializa a saída de um "script" desinteressante que nada mais é que a repetição de um currículo cansado e anacrônico. E que a maioria das vezes é uma redundância com um livro-texto que o professor segue sem qualquer esperança de variação.

Este é o cenário da quase totalidade das aulas que eu assisti, com algumas e intensamente louváveis exceções.

É também o cenário de boa parte das aulas que eu fui obrigado a ministrar. Obrigado pela coordenação acadêmica, que desestimula qualquer inovação pedagógica, tomando por parâmetro normal essa medianidade cotidiana que não estimula a transcendência, uma pobreza de princípios estimulada pela negação da saída dos trilhos de currículos vencidos no tempo, quando não com prazo de validade adulterado. E os alunos pactuam com a coordenação acadêmica, exigindo a mediocridade, pois a mediocridade significa um cotidiano seguro, sem exigência de uma cansativa presença em um encontro que é abortado, antes de acontecer

qualquer hipótese de transgressão a esse pacto de mediocridade proposto pela coordenação e endossado pelos alunos.¹⁰⁹

Mas eu transgredi sempre que possível. Eu "saí dos trilhos" por livre e espontânea vontade de transformar a sala de aula em um local de encontro, em um intermundo, onde cada um pudesse dizer:

— A divindade que mora em mim saúda a divindade que mora em ti.

Porque todos somos deuses no espírito que habita em nós e que merece todo o respeito do mundo porque é a fonte de toda a transcendência do ser e da evolução do humano, quer individualmente, quer socialmente.

Eu quis fazer da sala de aula um local de encontro com o sagrado, numa empatia sinérgica para a transcendência. Porque a transcendência é vida autônoma. É o projeto do ser em seu porvir. Esse encontro com o sagrado se faz pela interação dos espíritos, entre os deuses que moram em cada um de nós, numa comunhão de inteligências que propicia a multiplicidade de olhares sobre o objeto estudado. Uma vivência transcendental de cada um, através da comunhão de saberes, percepções e sensibilidades em um encontro no intermundo de uma sala de aula.

Observa-se, então, um potencial de integração de presenças no intermundo dessa sala de aula possível. E o professor agora se transformando em um mediador, com a sua própria vivência de docente, eleva o sentido da percepção ao coletivo e trazendo para cada um, a possibilidade de transcendência a um universo ilimitado.

Lembrei-me aqui uma cena do filme *Uma Mente Brilhante*. O filme baseia-se na vida de John Nash. Em 1950, aos 21 anos, John Nash, escreveu uma tese de doutorado que lhe rendeu, 45 anos mais tarde, o Prêmio Nobel de Economia. Seu trabalho, conhecido como o "Equilíbrio de Nash" revolucionou o estudo de estratégia econômica. Numa cena do filme, que supostamente se desenvolveu numa das cantinas da Universidade de Princeton, o personagem Nash explica sinteticamente o conceito de *dinâmicas governantes* que faz parte da sua teoria do "Equilíbrio de Nash". Transcrevo aqui a sua explicação:

¹⁰⁹ Estou me referindo à minha vivência docente na Escola Nacional de Ciências Estatísticas.

- *Adam Smith precisa ser revisto!*
 - *Adam Smith disse que o melhor resultado se obtém quando todos do grupo fazem o melhor para si?*
 - *Incompleto! Incompleto!*
 - *Porque o melhor resultado virá quando todos do grupo fizerem o melhor para si mesmos e também para o grupo como um todo.*
 - *Dinâmicas governantes! Adam Smith estava errado.*
- (HOWARD, 2001)

O mediador se transforma, agora, em um administrador dos interesses do grupo de modo a catalisar que os interesses individuais de cada um dos participantes se conjuguem com os interesses do grupo.

O que eu observei, entretanto, em minhas experiências como docente — na graduação e nas duas escolas¹¹⁰ em que lecionei — foi um pacto negocial entre as coordenações acadêmicas das duas instituições e os alunos em detrimento da ação docente do professor. Um amarramento curricular estrito, que conspirava para a mediocrização da docência. Como que os interesses de marketing da instituição conspirassem para que nada de novo acontecesse e que a decorrência tranqüila e sem transgressões fosse o desejado por todos. É como se os limites a serem alcançados pelos participantes estivessem sempre dentro dos parâmetros curriculares. O que faz intuir que se trata de um nivelamento pela média e um constrangimento dos espíritos mais brilhantes. Esse nivelamento pela média explica muito bem a mediocrização da aprendizagem.

Entretanto, em outras vivências educacionais, agora no ciberespaço — especialmente naquelas livres das amarras curriculares — observei que a participação espontânea incentivou esse encontro de uma forma muito mais intensa. Observei a formação de um intermundo em relações de aprendizagem coletiva no ciberespaço.

Mesmo nas atividades curriculares exercidas no ciberespaço em formações fechadas em cima de um conteúdo específico, pude observar a formação de um intermundo entre grupos de alunos em busca de uma transcendência pessoal, mas

¹¹⁰ A saber: a) Curso de formação de tecnólogos em processamento de dados (Universidade Carioca, período de 1991 a 1995); b) Bacharelado em Estatística, Escola Nacional de Ciências Estatísticas (IBGE) de 1991 a 2001.

que, no entanto, encontravam no incentivo grupal o potencial de levá-los além de suas próprias potencialidades individuais.

O ciberespaço e as suas formações abertas propiciam o encontro de espíritos e a conjugação espontânea de interesses na aprendizagem coletiva, ou seja, no interesse de cada pessoa e — simultaneamente — no interesse do grupo como um todo social, tal qual o "Equilíbrio de Nash" prevê para a obtenção de melhores resultados.

No Capítulo 10 eu coloquei a seguinte questão:

— Existe presença mesmo havendo distância física entre as consciências?

Vou tomar o ciberespaço como exemplo para responder que sim. Porque para o espírito não existe distância no espaço tridimensional. Se estabelecer-se um encontro de espíritos, ou seres, com a formação de intermundo há portanto presença. Exatamente igual a uma sala de aula em a interação de pensamentos e intuições ocorrem, um intermundo estabelecido no ciberespaço é perfeitamente possível. Tão possível quanto a presença física não é garantia expressa da existência de um intermundo na sala de aula tradicional.

Relações por correspondência postal existem há muitos anos. Nessas relações também se criam um intermundo entre duas pessoas. O mesmo pode acontecer quando as relações são mantidas por telefone. Lembro-me aqui do filme "Nunca te Vi, Sempre te Amei" (JONES, 1986), em que os dois protagonistas principais se apaixonam sem nunca terem se visto, sempre se relacionando através de correspondência postal e por telefonia.

Se há encontro de espíritos, seja em que meio for, cria-se o intermundo. E o intermundo se caracteriza pela presença desses espíritos em comunhão um com o outro, ou uns com os outros.¹¹¹

¹¹¹ Muito semelhante à concepção de "Estar Junto Virtual". Ver (VALENTE, 2000).

Capítulo 30 — Presença Virtual

Lévy destaca o aspecto de "não-presença" muitas vezes atribuído como metáfora da virtualidade.

Diz Lévy que:

... o senso comum faz do virtual, inapreensível, o complementar do real, tangível.

(LÉVY, 1996:19)

Lévy irá fazer um jogo de ambigüidades entre *presença* e *não-presença*, sendo que sempre que se refere a este termo, *não-presença*, coloca-o entre aspas.

Ao ler esses pensamentos de Pierre Lévy, algumas questões se colocam:

- a) **Seria o virtual um espaço de não-presença?**
- b) **Há inexistência ou relatividade de lugares?**
- c) **Seria o virtual, realmente, um desprendimento do aqui e agora?**
- d) **Qual a diferença entre onnipresença e não-presença?**
- e) **Qual o significado do "entre aspas" que Lévy inclui o termo não-presença?**

f) Seria essa ambigüidade de omnipresença e presença uma aproximação do fragmento de Heráclito onde diz que "o tudo é nada e o nada é tudo"?

Vou procurar respondê-las a seguir.

Procurando fugir, agora, da questão semântica do *dasein*¹¹², conduz-se o estudo de Lévy para o sentido dessa "não-presença" fortemente sublinhada em seu texto.

Lévy estaria introduz o conceito de desterritorialização quando fala em "não-presença".

Das questões previamente assinaladas, Lévy irá responder afirmativamente à questão **c**. Afirmará que o desprendimento do *aqui e agora* é uma das principais abordagens da virtualidade.

(...) o virtual com muita freqüência não está presente.

(LÉVY, 1996:19)

E citará o exemplo já clássico de uma empresa virtual, acrescentando elementos de nomadismo, dispersão e de pertinência geográfica. É assim que Pierre Lévy aborda o conceito de desterritorialização.

Segundo Lévy há uma transitoriedade de localização, sendo esta, entretanto, de muito pouca importância; Fala de um texto desterritorializado (o hipertexto), que sempre se apresenta por inteiro em todas as suas versões e repetições na rede.

O texto é um "habitante ubíquo do ciberespaço".

Entretanto, em outro texto de Lévy¹¹³, ele irá afirmar: "nós somos o texto" quando existimos no ciberespaço. Assim sendo, dado que somos (o texto), deduz-se que estamos presentes.

¹¹² Há, no meu entender, uma interpretação errônea do sentido de *dasein* heideggeriano em Lévy.

¹¹³ Lévy, P. Tecnologias Intelectuais e Modos de Conhecer: Nós Somos o Texto. In: <http://www.forum-lobal.de/soc/bibliot/levy/tecnologiasintelectuais.htm> consultado em 25/11/2004.

Mas essa afirmativa de virtualidade sem presença parece pouco amadurecida por Lévy no momento que escreveu o texto que aqui focado (LÉVY, 1996).

Citando, como exemplo, a característica de "não-presença" revelada numa comunidade virtual:

Apesar de não-presente essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e amizades.

(LÉVY, 1996:19)

É que o ser virtual não deixa de ser. O ente privilegiado, o homem, continua sendo em ser e existência e, diremos, até mesmo em presença!

O que separaria o ser de suas idéias? O ser de seus pensamentos? Seria uma questão de "presença"? A presença física difere exatamente em que da presença em idéia, em pensamento? O ser físico e o ser metafísico?

Espacialidade e Distância

Quando uma pessoa, uma comunidade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam 'não-presentes' se desterritorializam.

(LÉVY, 1996:21)

— O que é presença?

Trazendo novamente o conceito de Abbagnano:

Presença

1. Existência de um objeto em certo lugar.

2. Existência de um objeto numa relação cognitiva imediata; assim, diz-se que um objeto está presente quando é visto ou é dado a qualquer forma de intuição ou de conhecimento imediato.

(ABBAGNANO, 2000)

O segundo significado não incorpora o sentido de uma presença desterritorializada?

Simultaneamente o texto de Lévy nos conduz a pensar que essa "não-presença", citada sempre entre aspas, tem o ambíguo sentido de *omnipresença*, trazendo a lembrança do fragmento de Heráclito:

"O tudo é nada e o nada é tudo".

Ou seja, a não-presença pode significar o estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Lévy está introduzindo os conceitos de espacialidade e de distância. E, por decorrência, ao conceito de velocidade, dado que o objeto não é estático: ele se desloca na espacialidade numa busca de percorrer e reduzir as distâncias.

Entretanto, em certo momento, Lévy irá informar que a desterritorialização é "medida em unidade de tempo sem lugar". Revela-se aqui outra ambigüidade de conceitos.

Fala-se na atualidade com freqüência em objetos desterritorializados e assíncronos simultaneamente. Um exemplo seria dado pelos grupos de aprendizagem cooperativa no ciberespaço, onde a unidade "tempo" é meramente uma simples referência de registro.

Acredita-se que o conceito simultâneo de assincronia e desterritorialização não tenha sido percebido, ou esquecido, por Lévy naquele momento.

Na atualidade observa-se uma dinâmica no sentido de espaço e tempo; como se fossem conceitos em processo. Há uma variabilidade dos espaços e das temporalidades. Isso é decorrência da interconectividade, da interligação de pessoas em redes.

Ao final do Capítulo 11 eu coloquei duas questões:

— É o ciberespaço um mundo?

— Se é verdade que o ciberespaço é um mundo, viver esse mundo não seria presença em seu próprio sentido?

No meu entender é o ciberespaço um mundo, talvez melhor: um conjunto de mundos, um universo paralelo com seus diversos locais desterritorializados e suas comunidades. Parecido com o mundo territorializado onde existem também comunidades: a sala de aula, o nosso local de trabalho, o clube, a igreja e as relações de vizinhança. Essas comunidades, nos dois sentidos, propiciam o encontro e a criação de intermundo, com as distâncias se reduzindo aos limites do corpo e dos espíritos. Para a melhor compreensão, pode-se considerar o ciberespaço como um mundo. Dentro da concepção de Heidegger os mundos podem conter-se e interpenetrar-se. As comunidades "virtuais" e "reais" podem também ser consideradas como mundos que se interpenetram ou se contêm. A universidade, por exemplo, é um mundo que contém a sala de aula, que é outro mundo.

Sendo verdade, portanto, que o ciberespaço é um mundo — bem como as comunidades virtuais — o ser em cada um desses mundos é presença ou pre-sença no sentido de ser introduzido por Martin Heidegger.

Conclusão

Nesta investigação sobre o sentido de presença chego a uma concepção de presença semelhante ao sentido de pre-sença de Martin Heidegger. E observo que a presença, tanto acontece em nosso mundo territorializado — o nosso planeta, a nossa cidade, a nossa casa... —, como no mundo desterritorializado do ciberespaço.

Se existem mundos contidos e continentes e, ainda, interpenetrantes, a presença é o ser do homem se manifestando num mundo e em processo de interação com outras presenças e as coisas que existem neste mundo.

Na atualidade, muitas atividades mundanas atravessaram o portal do mundo territorializado e se estabeleceram no ciberespaço. Criou-se um universo paralelo onde surge, todos os dias, novos mundos a serem vivenciados. E nesses mundos tendemos a ser com o nosso espírito. ´

É impossível ser no ciberespaço sem ser na completude inteira de nossa presença. Podemos observar essa presença no ciberespaço através das variáveis instrumentais que incluí no Capítulo 24.

Hoje não somos apenas mais no ciberespaço apenas o nosso texto, conforme a acepção de Lévy. Somos também, nossa imagem, nosso movimento, nossa sensibilidade, nossa inteligência, nossa arte, nossa emoção. Muitos vivem no ciberespaço hoje a sua própria vida real. E é totalmente explicável — para aqueles que acham que isso é doentio — em face de uma vida urbana em que os deslocamento se tornam cada vez mais difíceis e os riscos de ver-se vítima de violência é cada vez maior, faz sentido que os encontros físicos sejam valorizados ao extremo.

Creio que com esta investigação consigo demonstrar que não faz mais sentido usar o termo "educação presencial" em contraponto com "educação a distância". Porque o ciberespaço é desterritorializado e não faz sentido falar em distância. No ciberespaço a distância passa a ser o tempo, o tempo e a frequência das interações. E demonstrei que a presença não é um atributo físico. É um atributo do

espírito. E acredito que o que introduzi aqui para a educação, também serve para outras vivências de trabalho em nosso cotidiano atual.

O corpo físico presente não garante a presença do ser. Portanto, o que se chama hoje de "educação presencial", como um encontro periódico de corpo presente deveria ser valorizado a um valor sinérgico maior que o custo de todos os deslocamentos físicos. Não faz sentido, em face desses custos, aulas meramente expositivas, porque o expositivo pode ser substituído por livros, filmes, audiovisuais etc. No encontro físico devem ser valorizadas as formas de interação que dependem da expressão corpórea. Reconheço que o encontro corpóreo tem as suas razões curativas.

Entretanto, não se pode dizer que só estritamente o encontro físico é presencial. A presença se manifesta no intermundo e o intermundo pode acontecer a partir de qualquer mundo. E o ciberespaço é um mundo pleno de outros mundos.

Esta tese tem que parar por aqui. E agora dou uma finalização não totalmente conclusiva, porque uma tese tem limite de tempo e o conhecimento, todos sabem, é infinito.

Assim sendo eu deixo uma conclusão conscientemente não conclusiva. Dou aqui a minha contribuição para a ciência e a filosofia da Educação, esperando que tenha aberto uma porta para que outros pesquisadores e investigadores aprofundem ainda mais o estudo da presença.

Porque é importante recolocar a todo tempo a questão da presença, assim como é importante a todo tempo recolocar a questão do ser. Heidegger explica o porquê disso na Introdução de Ser e Tempo.

Certo, portanto, que o resultado aqui é uma aproximação semelhante a que exercitei durante todo o corpo desta tese, coloco uma outra questão:

— Faz sentido uma educação sem presença?

Está aberta uma nova porta para a transcendência!

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Martins Fontes. São Paulo, 2000.
- BERGSON, Henri. Duração e Simultaneidade. Martins Fontes. São Paulo, 2006a.
- BERGSON, Henri. Memória e Vida. Martins Fontes. São Paulo, 2006b.
- BERGSON, Henri. O Pensamento e o Movente. Martins Fontes. São Paulo, 2006c.
- BERGSON, Henri. A Evolução Criadora. Edições 70. Lisboa, Portugal, 2001.
- BERGSON, Henri. Matéria e Memória. Martins Fontes. São Paulo, 1999.
- BLANC, Aldir. Cata-vento e Girassol. In PINHEIRO, Leila (intérprete): *Cata-vento e Girassol*. CD de áudio. EMI-Odeon 853 167 2. 1996.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRESMAN, Henrik. Lessons Learned And Lessons Lost: Vicarious Learning Behavior And Performance In Organizational Teams. MIT Sloan School of Management. Working Paper. October 2004. Obtido por pesquisa na Internet em 30/08/2006. Endereço: <http://www.hbs.edu/units/tom/seminars04-05/hbresman-paper.pdf#search=%22vicarious%20learning%22>.
- BRITO, Adriano Naves de. Mundo: A compreensão de um conceito. Fragmentos de Cultura, 7 (25): 175-190, 1997. Goiânia, 1997.
- BROOK, Peter. Encontros com Homens Notáveis. Título original: Meetings with Remarkable Men. Filme. Inglaterra, 1979.
- BUBER, Martin. Eu e Tu. Centauro Editora. 6ª Edição Revista. São Paulo, 2003.
- BUBER, Martin. Sobre Comunidade. Editora Perspectiva. Coleção Debates, nº 203. São Paulo, 1987.
- CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. Apresentação, in Ser e Tempo. Editora Vozes. 12ª Edição. Rio de Janeiro, 2002.
- DUARTE, Sérgio Guerra. Dicionário Brasileiro de Educação. Edições Antares: Nobel. Rio de Janeiro, 1986.
- FAGUNDES DA SILVA, Cláudio Alex. Blog. Endereço Internet: <http://claudioalex.multiply.com>. Disponível desde Agosto de 2004.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade — Um Projeto em Parceria. Edições Loyola. 5ª Edição. São Paulo, 2002.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: Qual o Sentido? Paulus. São Paulo, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio - Século XXI. Versão digital elaborada pela Lexicon Informática Ltda. Versão 3.0. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999.

GURDJIEFF, George Ivanovitch. Encontros com Homens Notáveis. Editora Pensamento. São Paulo, 1980.

GURDJIEFF, George Ivanovitch. Relatos de Belcebú a su Nieto — Del Todo y de Todo. Editora Hachete. Buenos Aires, Argentina, 1981.

HEIDEGGER, Martin. Carta Sobre o Humanismo. Editora Moraes. São Paulo, 1991.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Editora Vozes. 12ª Edição. Rio de Janeiro, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Os Conceitos Fundamentais da Metafísica. Forense Universitária. 1ª Edição. Rio de Janeiro, 2003.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. Roda-Viva. Editora Musical Arlequim. São Paulo, 1967.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2001.

HOWARD, John. Uma Mente Brilhante. Filme. Título original: A Beautiful Mind. UIP. EUA, 2001.

HUSSERL, Edmund. A Idéia da Fenomenologia. Edições 70. Lisboa, Portugal, 2000.

HUSSERL, Edmund. Meditações Cartesianas — Introdução à Fenomenologia. Editora Madras. São Paulo, 2001.

JONES, David Hugh. Nunca te Vi, Sempre te Amei. Filme. Título original: Charing Cross Road. Columbia Pictures. EUA, 1986.

LEÃO, Rodrigo. O Dinossauro Visionário — Entrevista com CAlex Fagundes. Disponível no seguinte endereço eletrônico:
<http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/calex.htm> consultado em 05/10/2006. Planeta Terra, 1998.

LÉVY, Pierre. O Que É Virtual?. Editora 34. São Paulo, 1996.

LÉVY, Pierre. Tecnologias Intelectuais e Modos de Conhecer: Nós Somos o Texto. In: <http://www.forum-lobal.de/soc/bibliot/levy/tecnologiasintelectuais.htm> consultado em 25/11/2004.

MARTINS, Joel. Não Somos Cronos, Somos Kairós. Este texto foi apresentado sob a forma de palestra no ciclo de eventos O ser e o tempo, no seminário sobre "A Universidade e o Envelhecimento" em 23 de abril de 1991. Reproduzido aqui: <http://claudioalex.multiply.com/links/item/523> consultado em 27 de setembro de 2006.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Ambiente assíncrono" (verbete). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=179>, visitado em 09/10/2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A Estrutura do Comportamento. Interlivros Belo Horizonte, 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Martins Fontes. 2ª Edição. São Paulo, 1999.

MORIN, Edgard. Amor Poesia Sabedoria. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2003.

NUNES, Benedito. Heidegger & Ser e Tempo. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2002.

OUSPENSKI, P. D. Fragmentos de um Ensino Desconhecido. Editora Pensamento. 14ª Edição. São Paulo, 2004.

OUSPENSKI, P. D. Psicologia da Evolução Possível ao Homem. Editora Pensamento. 12ª Edição. São Paulo, 2002.

PESSOA, Fernando. Fernando Pessoa — Obra Poética em Um Volume. José Aguilar Editora. Rio de Janeiro, 1974.

PÖE, Edgar Allan. Os Crimes da Rua Morgue. In: Edgar A. Pöe — Ficção Completa, Poesia & Ensaios. Editora Nova Aguillar. Rio de Janeiro, 1981.

PRADO JUNIOR, Bento. Presença e Campo Transcendental. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

RESNAIS, Alain. Ano Passado em Marienbad. Filme. França, 1961

RODRIGUES, Lupicínio. Felicidade. Música popular brasileira. No CD "Temporada de Verão - Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa" Phonogram (Ref. 6349 108), 1974.

SAFRANSKI, Rüdiger. Heidegger — Um Mestre da Alemanha entre o bem e o mal. Tradução de Lya Luft. Geração Editorial. São Paulo, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada — Ensaio de Fenomenologia Ontológica. Vozes, 13ª Edição Revista. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2005.

SCHERER, Suely. Uma Estética Possível para a Educação Bi-Modal — Aprendizagem e Educação em Ambientes Presenciais e Virtuais. Tese de doutorado. PUC-SP. São Paulo, 2005.

SILVA, Franklin Leopoldo e (org.). Bergson. Coleção "Os Pensadores". Abril Cultural. São Paulo, 1974.

SOUZA, Edney. Interney. Blog. <http://www.interney.net/>. Consultado em 09/10/2006.

STEIN, Ernildo. Introdução ao Pensamento de Martin Heidegger. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2002.

TOLIPAN, Mônica. Uma Presença Ausente. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2002.

VAYSSE, Jean. Rumo ao Despertar a Si Mesmo — Uma abordagem do ensinamento deixado por G. I. Gurdjieff. Editora Pensamento. 9ª Edição. São Paulo, 1993.

VALENTE, José Armando. Diferentes Abordagens de Educação a Distância. Artigo do Programa Salto para o Futuro/TV Escola (<http://www.proinfo.gov.br/> - textos EAD). 2000. Consultado em 06/11/2006.

VON ZUNBEN, Newton Aquiles. Martin Buber — Cumplicidade e diálogo. Edusc. Bauru, São Paulo, 2003a.

VON ZUNBEN, Newton Aquiles. Prefácio in Eu e Tu. Centauro Editora. 6ª Edição Revista. São Paulo, 2003b.

WIKIPEDIA — A Enciclopédia Livre. URL: <http://pt.wikipedia.org>. Consultada em: 09/10/2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)